UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

LÍVIA SEBER VAN KAMPEN

Memórias escolares e formação de professores: um olhar sobre experiências de arte-educadores de Campinas

São Paulo
2013

LÍVIA SEBER VAN KAMPEN

Memórias escolares e formação de professores: um olhar sobre experiências de arte-educadores de Campinas

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Linha de pesquisa: Fundamentos do Ensino e Aprendizagem da Arte

Orientadora: Profª. Drª. Maria Christina de Souza Lima Rizzi

São Paulo
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

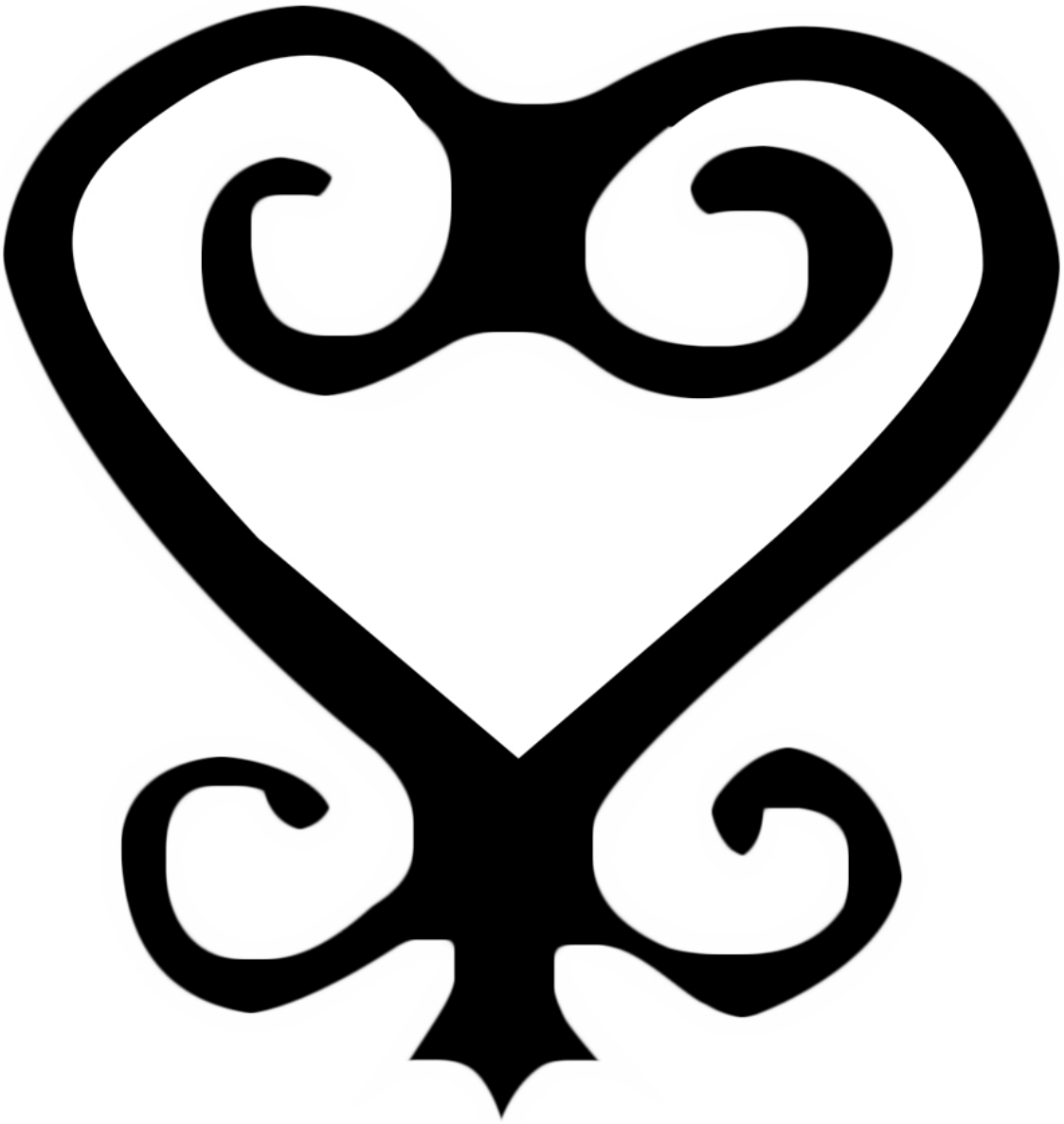
Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Kampen, Lívia Sober van
Memórias escolares e formação de professores: um olhar sobre experiências de arte-educadores de Campinas / Lívia Sober van Kampen. -- São Paulo: L. S. v. Kampen, 2013.
149 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Orientadora: Maria Christina de Souza Lima Rizzi
Bibliografia

1. Arte-educação 2. Experiências de vida 3. Formação de professores de arte I. Rizzi, Maria Christina de Souza Lima II. Título.

CDD 21.ed. - 700.7



Nome: VAN KAMPEN, Lívia Seber

Título: Memórias escolares e formação de professores: um olhar sobre experiências de arte-educadores de Campinas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Aprovada em: ___/___/_____

Banca examinadora

Prof.(a) Dr.(a)_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof.(a) Dr.(a)_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof.(a) Dr.(a)_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos mestres do passado e aos que virão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me permitiu fazer essa pesquisa.

Aos meus pais, Sonia e Attílio, pelo apoio incondicional, carinho e pelo exemplo de vida.

Aos meus irmãos, Mariana e Gabriel, pelo cuidado que só irmãos mais velhos podem dar.

Ao meu marido, Rodrigo, testemunha de cada passo. Obrigada pelo apoio nas dificuldades e momentos de cansaço, e por vibrar a cada conquista.

À minha orientadora, Christina Rizzi, pela orientação generosa, leitura atenta e compreensiva.

À Elly Ferrari e Sumaya Mattar, pela participação decisiva em minha banca de qualificação.

Aos professores entrevistados, Rodrigo, Caroline, Mariana e Amilton: muito obrigada por compartilharem suas experiências!

Às amigas agradeço por emprestarem seus livros, seus ombros e suas palavras de incentivo!

Eu não sou você, você não é eu

Eu não sou você
Você não é eu
Mas sei muito de mim
Vivendo com você.
E você, sabe muito de você vivendo comigo?
Eu não sou você
Você não é eu.
Mas encontrei comigo e me vi
Enquanto olhava pra você
Na sua, minha, insegurança
Na sua, minha, desconfiança
Na sua, minha, competição
Na sua, minha, birra infantil
Na sua, minha, omissão
Na sua, minha, firmeza
Na sua, minha, impaciência
Na sua, minha, prepotência
Na sua, minha, fragilidade doce
Na sua, minha, mudez aterrorizada
E você se encontrou e se viu, enquanto olhava pra mim?
Eu não sou você
Você não é eu.
Mas foi vivendo minha solidão que conversei
Com você, e você conversou comigo na sua solidão
Ou fugiu dela, de mim e de você?
Eu não sou você
Você não é eu
Mas sou mais eu, quando consigo
Lhe ver, porque você me reflete
No que eu ainda sou
No que já sou e
No que quero vir a ser…
Eu não sou você
Você não é eu
Mas somos um grupo, enquanto
Somos capazes de, diferenciadamente,
Eu ser eu, vivendo com você e
Você ser você, vivendo comigo.

Madalena Freire

RESUMO

VAN KAMPEN, Lívia Seber. **Memórias escolares e formação de professores: um olhar sobre experiências de arte-educadores de Campinas**. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta dissertação tem como objetivo analisar a relação que arte-educadores fazem entre suas experiências formativas e atuação profissional. Para isso, discutiu-se o conceito de experiência trazido por Dewey (1974), Larrosa (2001) e Josso (2010). Entrevistamos quatro professores de Artes da região de Campinas acerca de sua formação inicial, formação continuada, prática docente, experiências formativas e vivências escolares. Abordando essas narrativas pessoais com o método do *Image Watching* (OTT, 1997) discorremos sobre as falas de professores, encontrando semelhanças e diferenças. Articulando as narrativas com a bibliografia estudada, propomos uma reflexão acerca das vivências destes professores, sujeitos das experiências relatadas. Além de uma autorreflexão sobre as práticas de cada arte-educador.

Palavras-chave: Experiências de vida, formação de professores de arte, arte-educadores

ABSTRACT

VAN KAMPEN, Lívia Seber. **School Days Memories and the formation of teachers: a look over the experiences of art educators in Campinas.** 2013. 149 pages. Thesis (Master's degree) – The Communications and Art School, the University of São Paulo, São Paulo state.

The aim of this thesis is to analyze the relations set by the art educators between their formative experiences and their professional performance. In order to reach this goal, it was discussed the notion of experience brought by Dewey (1974), Larrossa (2001) and Josso (2010). We interviewed four Art teachers, who live in the Campinas surroundings, about their initial formation, their continuous formation, their work as teachers, their formative experiences and their school experiences as well. By approaching those personal narratives using the *Image Watching* methodology (OTT, 1997), we narrated the teachers' ways of speaking and we were able to find similarities and differences. After we articulated the narratives with the bibliography studied, we would like to propose a reflection about the life experiences of the referred to teachers, who are the main subjects of the experiments narrated hereby, as well as a self reflection on the practices of each art educator.

Keywords: life experiences; formation of art teachers; art educators:

LISTA DE SIGLAS

CEFORTEPE – Centro de Formação Tecnologia e Pesquisa Educacional

CEMEFEJA – Centro Municipal de Ensino Fundamental de Educação de Jovens e Adultos

CEMEI – Centro Municipal de Educação Infantil

CHP – Carga Horária Pedagógica

COOPEC – Cooperativa Regional de Educação e Cultura de São José do Rio Preto

EEIPSG – Escola de Ensino Infantil, Primeiro e Segundo Grau

EGDS – Escola de Governo e Desenvolvimento do Servidor

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMEF – Escola municipal de Ensino Fundamental

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil

FUMEC – Fundação Municipal de Educação Comunitária

GF – Grupo de Formação

HTPC – Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

NAED – Núcleo de Ação Educativa Descentralizada

PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica

PCOP – Professor Coordenador da Oficina Pedagógica

PMC – Prefeitura Municipal de Campinas

RMC – Região Metropolitana de Campinas

SME – Secretaria Municipal de Educação

TDC – Trabalho Docente Coletivo

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNIRP – Centro Universitário Rio Preto

LISTA DE FIGURAS

	p.
Figura 1 - Robert W. Ott	16
Figura 2 - A autora, chegando em casa após um dia de aula na Educação Infantil (jardim II), em 1991	21
Figura 3 - Mapa das cidades onde a autora nasceu, estudou e trabalha atualmente	22
Figura 4 - Mães, professores e funcionárias em oficina de Arte com Noni Ostrower promovida pela EEPISG “Instituição Dinâmica de Ensino”	24
Figura 5 - Sankofa. Símbolo Adinkra.	27
Figura 6 - Mapa da localização das cidades mencionadas pelos entrevistados.	32
Figura 7 - Mapa mostrando a localização dos locais de trabalho dos entrevistados.	33
Figura 8 - Rodrigo Neris	34
Figura 9 - CEMEFEJA Pierre Bonhomme	35
Figura 10 - CEMEFEJA Sérgio Rossini	35
Figura 11 - Rodrigo durante festa junina da escola	36
Figura 12 - “Vaso com 12 girassóis” Vincent van Gogh, 1888	37
Figura 13 - EMEF Clotilde Barraquet von Zuben	45
Figura 14 - Mariana Soares Leme	51
Figura 15 - EMEF Padre Narciso Vieira Ehremberg	52
Figura 16 - Mariana na infância, em festa junina com colega da escola	53
Figura 17 - Foto da fachada de uma das casas participantes do projeto "Pintura na fachada"	55
Figura 18 - "As três graças", de Victor Brecheret	59
Figura 19 - Amilton Luis Fim Lima	61

Figura 20 - EE Professor José A. Zamarion 62

Figura 21 - Amilton e sua professora Mirlei na formatura do Parque Infantil 63

Figura 22 - Thomaz Perina com uma de suas telas 65

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

p.

Gráfico 1 - Nível da Atuação docente atual 70

Gráfico 2 - Rede em que os entrevistados atuam 71

Gráfico 3 - Nível educacional em que as principais experiências formativas relatadas aconteceram 71

Gráfico 4 - Tempo em que os educadores atuam na Educação Formal (em anos) 72

Quadro 1 - Fases da carreira docente 68

SUMÁRIO

p.

APRESENTAÇÃO..... 15

INTRODUÇÃO..... 20

CAPÍTULO 1 – TRAJETÓRIA PESSOAL..... 22

CAPÍTULO 2 – O QUE É EXPERIÊNCIA?..... 29

CAPÍTULO 3 – ENTREVISTAS..... 33

3.1 RODRIGO NERIS..... 35

3.2 CAROLINE ELISABETH VICENTE..... 45

3.3 MARIANA SOARES LEME..... 52

3.4 AMILTON LUIS FIM LIMA..... 62

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 71

REFERÊNCIAS..... 81

ANEXOS..... 85

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação pretende discutir qual a relação que professores de Artes fazem entre experiências de vida e a formação profissional, relacionando as trajetórias de vida dos entrevistados com a bibliografia estudada, fazendo um paralelo entre a experiência docente e as experiências enquanto alunos, para responder a seguinte indagação: o que os arte-educadores consideram relevante para a formação de um professor. Para isso, entrevistamos quatro arte-educadores que trabalham em Campinas em escolas públicas municipais ou estaduais. Neste grupo procuramos equilibrar indivíduos do sexo masculino e feminino, com formações universitárias próximas, graduação em Educação Artística ou Artes Visuais, tanto de cursos públicos quanto privados, mas sempre de insituições diferentes. Um dos entrevistados leciona na rede estadual de ensino e trabalha com formação de professores na rede municipal. Três dos quatro entrevistados atuam na rede municipal de ensino de Campinas, que possui 40 escolas de ensino fundamental (EMEFs). Dessas escolas, 23 também oferecem o Ensino Fundamental na modalidade EJA. Há ainda quatro escolas que disponibilizam o Ensino Fundamental apenas na modalidade EJA. A prefeitura de Campinas também proporciona o Ensino Infantil e Creches (EMEIs e CEMEIs), além de Educação de Jovens e Adultos para alfabetização (FUMEC), porém não existe o componente curricular Artes com professor específico nessas últimas escolas.

OS ENTREVISTADOS

Em relação à escolha dos entrevistados, o principal critério adotado foi a formação inicial. Procuramos, dentre os professores da rede Municipal de Campinas, aqueles com formação universitária diferente umas das outras, abrangendo instituições públicas e privadas. Também procuramos indivíduos que tivessem locais de trabalho diversos, cada qual em uma escola. Os entrevistados foram encontrados por meio do contato pessoal com a pesquisadora, sendo alguns já conhecidos e outros por indicações de amigos e colegas de trabalho.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, em encontros de algumas horas, em particular, com cada professor. Cada uma seguia um roteiro pré-definido

comum, mas com a possibilidade de acrescentar algumas questões de acordo com a fala do entrevistado e sua disponibilidade.

A METODOLOGIA DA PESQUISA E O MÉTODO IMAGE WATCHING

O trabalho é dividido em três capítulos. No primeiro capítulo introduzimos a presente pesquisa, explicando seu surgimento e descrição de nossa trajetória. Partimos da experiência pessoal por se tratar também de uma experiência formativa, assunto central do trabalho. O segundo capítulo conceitua o que é experiência, valendo-se dos autores Dewey, Larrosa e Josso. O terceiro capítulo apresenta entrevistas com quatro arte-educadores, que são discutidas relacionando com a bibliografia mencionada. As considerações finais condensam as experiências aqui trazidas, como uma conversa entre professores, destacando os pontos comuns aos relatos e aos autores escolhidos.

Como metodologia para discussão das entrevistas, nos inspiramos no *Image Watching*, criado por Robert William Ott, que nasceu nos Estados Unidos, foi professor da The *Pennsylvania State University* (Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos) e do *Palmer Museum of Art* (Museu de Arte da Universidade da Pensilvânia). Ministrou o curso Ensinando Arte através da Crítica de Arte, no Museu de Arte Contemporânea da USP, em 1988 (RIZZI, 2012).

Figura 2 - Robert W. Ott
Fonte: BARBOSA, 1997, p. 109.

Seu sistema de leitura de imagem surgiu quando Ott era professor supervisor de estágio no Departamento de Arte-educação, lecionando para alunos dos cursos de formação de professores das séries iniciais, bacharéis em Arte e Arte-educação, ou seja, com diferentes conhecimentos em Arte. O local de trabalho era o *Palmer Museum*, que possuía um acervo permanente fechado e recebia diferentes exposições temporárias (RIZZI, 2012). Para superar o desafio de trabalhar com leitura de imagens com grupos heterogêneos, variados (no sentido de nem sempre trabalhar com as mesmas pessoas) e com exposições temporárias, nem sempre previamente conhecidas, Ott desenvolveu um método de abordagem de leitura de imagem baseando-se em John Dewey, Thomas Munro e Edmund Feldman. Seu sistema é composto por seis momentos, todos nomeados por verbos no gerúndio, evidenciando a continuidade das ações. São eles: *Thought Watching* (Aquecimento/Sensibilização), Descrevendo, Interpretando, Analisando, Fundamentando e Revelando.

O primeiro momento, *Aquecimento*, é o tempo em que o leitor se prepara para a apreciação. É aguçada sua sensibilidade para o próximo passo. *Descrevendo* é o momento em que o leitor pontua o que está sendo observado, usando sua

percepção. No passo seguinte, *Analisando*, acontece a análise formal da obra, isto é, os aspectos conceituais da leitura da obra de Arte. Depois, vamos ao *Interpretando*, momento no qual o leitor dará sua visão pessoal da obra, suas ideias, pensamentos e sentimentos gerados pelo contato com o objeto apreciado. No *Fundamentando*, devemos acrescentar outros conhecimentos sobre a obra ou o artista. Por fim, o *Revelando* é o tempo de revelar o processo de construção vivenciado, por meio do Fazer Artístico.

Sobre esse sistema, Ott afirma:

> Cinco categorias compõem o sistema *Image Watching* e permitem formar um método direcionado ao ensino da arte. Essas categorias estão em um tempo verbal que expressa ação e são conhecidas como: *descrevendo, analisando, interpretando, fundamentando* e *revelando*. Cada categoria segue uma ordem em combinação com o estágio preparatório do *Thought Watching* e proporciona um completo sistema de crítica de arte perceptivo, conceitual e interpretativo, que gera conhecimtno a partir de obras de arte para serem expressos no trabalho de ateliê. [...] A categoria *descrevendo* pede aos alunos que observem a obra estudada primeiro como obra de arte antes de se envolverem com alguma outra forma adicional de observação. Em outras palavras, "descrevendo" possibilita que a arte fale primeiro para o indivíduo. [...] *Analisando* é a segunda categoria do *Image Watching* e proporciona dados para investigar intrinsicamente a obra de arte, a maneira como foi executado o que foi percebido. [...]. "Interpretando" fornece dados para as respostas pessoais e sensoriais dos alunos que participam da crítica. Essa categoria permite que os alunos expressem como eles se sentem a respeito da obra de arte, além de lhes ter proporcionado a oportunidade de perceber suas emoções por meio do *Thought Watching* e das categorias "descrevendo" e "analisando".[...] *Fundamentando* acrescenta uma extensão que não é encontrada nos sistemas de crítica. Essa é uma área na qual a ação dos alunos de interpretar obras de arte é baseada em um conhecimento adicional disponível no campo de História da arte ou em alguma crítica que tenha sido escrita ou dita a respeito da obra.[...] Todas as categorias no sistema de crítica *Image Watching* culminam na categoria "revelando", na qual é proporcionada aos alunos a oportunidade de revelar seu conhecimento a respeito de arte por meio de um ato de expressão artística (OTT, 1997, p. 128-131)

Decidimos utilizar uma adaptação do método apresentado para a leitura das entrevistas realizadas, não apenas por ser um sistema de grande aceitação no meio

da Arte-educação, mas por combinar percepção, conceituação e interpretação. Além disso, por tratar-se de arte-educadores e suas experiências pessoais e estéticas, nada mais coerente que usar um sistema de crítica de Arte. Dessa forma, o sistema Image Watching foi o ponto de partida para a leitura das entrevistas e a partir das categorias (interpretando, analisando, fundamentando...) decidi dar nomes às partes das entrevistas, dividindo-as para facilitar a compreensão. Essa aproximação entre um sistema de leitura de imagens e a entrevista transcrita se deu devido ao teor das entrevistas, com ênfase no repertório e referências pessoais dos entrevistados, muito voltadas para a imagem, presentes desde a formação escolar e âmbito familiar dos professores.

Assim, as entrevistas apresentadas serão comentadas da seguinte forma: Descrevendo, onde o teor das entrevistas é relatado, de maneira a organizar a fala do entrevistado. Analisando e Interpretando, onde são detalhados alguns trechos escolhidos**,** por relevância, passando por nossa visão pessoal. Por fim, o Fundamentando, no qual cada entrevista será relacionada à bibliografia de forma coerente aos trechos escolhidos, traçando relações entre a vivência dos entrevistados e a literatura de arte-educação. Revelando, uma apropriação e ampliação do termo, é o fazer da dissertação aqui apresentada.

INTRODUÇÃO

Em 2009, com a graduação finalizada recentemente, ingressei na rede municipal de Campinas como professora de Artes. Com muita expectativa e pouca prática, em poucos dias percebi que seria necessário mais do que uma graduação para formar uma professora. A faculdade, em quatro anos, não proveu todos os conhecimentos necessários à profissão; e a vida, em 22 anos, não tinha dado todo o amadurecimento imprescindível à sala de aula.

Precisava de mais conhecimento, mais teoria, mais estudo. Havia desafios a transpor em que só a teoria não bastava. Decidi efetuar a matrícula como aluna especial no programa de pós-graduação da USP, cursando a disciplina da professora Sumaya Mattar "Professores de Arte: Formação e Prática Educativa". Diante das proposições da professora, refletindo sobre minhas experiências formadoras, além de entrar em contato com diferentes educadores, pude iniciar um processo de reflexão sobre ser professora, e ser uma professora que é aluna.

Nesse mesmo ano, mas cursando outra disciplina ainda como aluna especial, com a professora Christina Rizzi, tive contato com o universo da Museologia, e surgiu uma nova provocação: ampliar o repertório artístico dos alunos e propor uma visita aos espaços culturais da cidade. Seria uma oportunidade de levar os alunos a conhecer locais de Campinas que eles não conheciam. Nem eu. Americanense de nascimento e bauruense de coração, estava em Campinas há pouco tempo e ainda não conhecia seus museus, centros artísticos e teatros.

Assim, em 2010, fiz a inscrição no curso de formação de professores de Artes oferecido pela prefeitura. Seria uma oportunidade de aprimoramento e de estar mais próxima de outros educadores que compartilham a mesma realidade, mas com a diversidade que uma rede possui. Troquei conhecimento com colegas de outras escolas, partilhei ideias e experiências, porém, percebi que quando se tratava de saídas pedagógicas, pouco era realizado pelos professores de Artes, seja pela dificuldade financeira apresentada nas escolas, seja pelo reduzido interesse dos alunos ou pela limitada disponibilidade de alguns espaços expositivos, que pouco oferecem aos grupos de visitantes. Decidi que investigar as possibilidades de interação entre museu e escola seria um dos temas que abordaria na dissertação de mestrado.

Em 2011 ingressei no mestrado e durante o desenvolvimento da pesquisa, especialmente por lidar com o cotidiano escolar, relacionando o universo dos museus com a minha prática docente, percebi que a questão de como ensinar era uma dúvida frequente. Surgiam questionamentos sobre como planejar, explicar e até avaliar o aluno. Será que o programa proposto está abrangendo todo o necessário? Será essa atividade necessária? Será que não estou escolhendo os temas só de acordo com meu gosto e pouco ouvindo os alunos? Será que a metodologia aplicada é a melhor para essas turmas? Percebi que havia algo mais imperioso a ser questionado.

Buscando refletir sobre minhas propostas pedagógicas, as comparações foram inevitáveis. Voltei aos amigos, colegas de profissão e ouvi suas histórias. Revi também minha história enquanto aluna. Quantas das certezas de professora não surgiram na experiência como aluna? Quantas ações e atitudes resgatei em minha memória em busca de algo que tivesse me marcado positivamente e que se adequasse ao meu contexto escolar como professora?

Somente retomar essas práticas não faria sentido, mera reprodução saudosista. Em busca de conhecer outras possibilidades, procurei ouvir outros educadores. Com diferentes relatos, aliados às reflexões sobre arte e educação, pretendo buscar o que é uma prática significativa em arte-educação na visão de diferentes professores.

1 TRAJETÓRIA PESSOAL

> Em nosso consciente destaca-se o papel desempenhado pela memória. Ao homem torna-se possível interligar o ontem ao amanhã. Ao contrário dos animais, mesmo os mais próximos na escala evolutiva, o homem pode atravessar o presente, pode compreender o instante atual como extensão mais recente de um passado, que ao tocar no futuro novamente recua e já se torna passado. Dessa seqüência viva ele pode reter certas passagens e pode guardá-las, numa ampla disponibilidade, para algum futuro ingnorado e imprevisível. Podendo conceber um desenvolvimento e, ainda um rumo no fluir do tempo, o homem se torna apto a reformular as intenções de seu fazer e adotar critérios para futuros comportamentos. Recolhe de experiências anteriores a lembrança de resultados obtidos, que o orientará em possíveis ações solicitadas no dia-a-dia. (OSTROWER, 2004, p. 18) [1]

Figura 2 - A autora, chegando em casa após um dia de aula na Educação Infantil (jardim II), em 1991
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Minha primeira influência no mundo das Artes foi exercida por minha mãe. Ela sempre gostou do tema, dava aula de artesanato no ateliê em nossa casa. Várias alunas vinham aprender pintura em tecido, pintura em gesso, vitral, telha, confecção

[1] OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2004. 18ª edição.

de velas e sachês perfumados. Gostava muito de observar e participar, pintando pequenas peças de gesso. Até hoje guardo um Papai Noel feito em 1993 ou 1994. Havia muitos livros de história da Arte em casa; lia aqueles livros enormes, cheios de pinturas renascentistas. Assistia também as fitas-cassete dos mestres da Arte. As telas que minha mãe pintava enfeitavam nossa casa. Era uma influência muito forte e muito positiva. Sempre houve incentivo para desenhar e pintar, nunca faltava papel, lápis ou giz de cera, e era uma alegria comprar material novo.

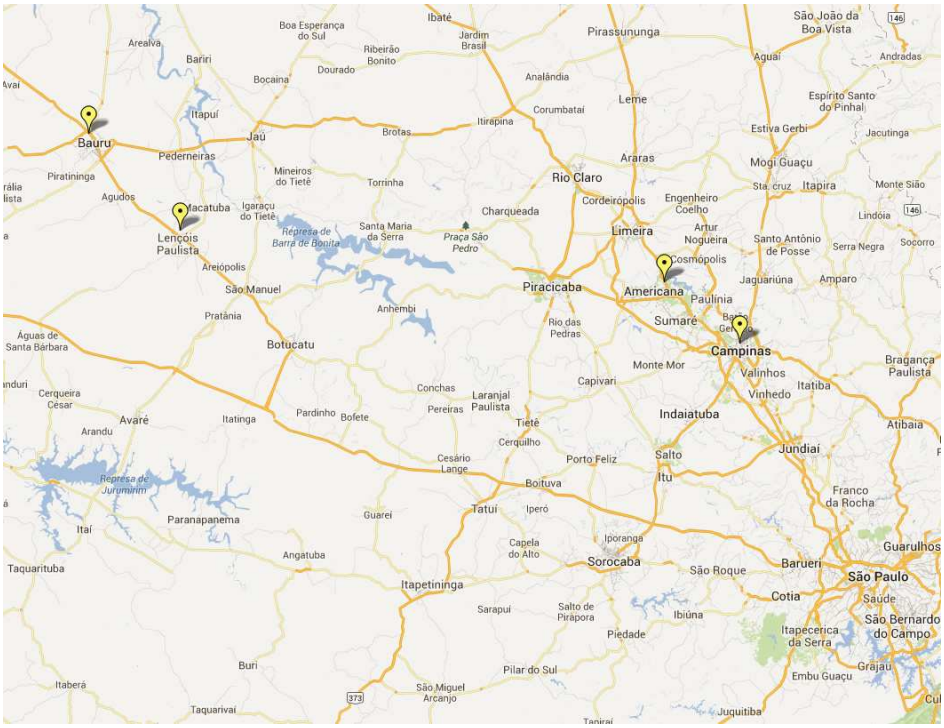


Figura 3 - Mapa das cidades onde a autora nasceu, estudou e trabalha atualmente
Fonte: Google Maps

Uma das lembranças mais significativas da minha infância refere-se ao universo escolar. Estudei quando criança na EEIPSG “Instituição Dinâmica de Ensino”, localizada na cidade de Lençóis Paulista, interior de São Paulo. Tenho lembranças sobre não ter a idade certa para frequentar a escola, mas querer muito ir para aquele lugar mágico para onde iam meus irmãos todas as manhãs. Quando chegou a nossa vez, entretanto, já não era a mesma coisa, uma vez que meus irmãos cursavam as aulas em período diferente, e eu queria estudar com eles. Mas aquele lugar logo me conquistou.

Recordo da escola como um lugar de convivência, de acolhimento, de alegria. Gostava de estudar, de fazer lição. Fiquei na mesma escola por 10 anos, saindo apenas para cursar o Ensino Médio em outra instituição, já que havia sido contemplada com uma bolsa de estudos.

As lembranças que permaneceram da época acerca do ensino de Artes foram: a sala de artes, cheia de material, instrumentos, livros que os professores traziam e até um enfeite que uma professora trouxe de *souvenir* do Museu do Louvre - um pequeno sarcófago egípcio que gerou muita curiosidade, incluindo eu e aos demais alunos. As aulas de música, com a banda de percussão e a flauta-doce; as modelagens com argila no primário, papel-machê, sucata.

Quando estava na sétima série, as aulas de artes tinham uma apostila do colégio Pueri Domus, e fiquei fascinada com a descoberta da arte contemporânea, as fotos de uma obra de Christo, de Guto Lacaz.

Tive vários professores de Artes, os que me acompanharam por mais tempo foram a professora Bel e o professor Marlon. Professora Bel deu aula de Artes no ginásio. Exigia margem nos cadernos, letra bastão, e os conteúdos eram mais relacionados aos elementos formais das Artes visuais, como cor, ponto, linha, forma. Havia desenho de observação e de criação. Ela era também nossa professora de flauta-doce e de coral, pois era regente de um grande coral de uma empresa da cidade. Professor Marlon era, ao mesmo tempo, nosso professor de percussão e professor de redação da escola. Havia uma grande quantidade e variedade de instrumentos percussivos, então aprendíamos a tocar vários deles e ensaiávamos diferentes músicas para apresentações em festas e eventos escolares. No repertório tinha “Asa Branca”, “Bolero de Ravel”, “Blue Moon”, “Penas do tiê”, “Yellow submarine” e muitas outras canções.

Figura 4 - Mães, professores e funcionárias em oficina de Arte com Noni Ostrower promovida pela EEPISG "Instituição Dinâmica de Ensino", entre eles, minha mãe
Fonte: www.facebook.com[2]

Havia grande contato entre a escola e a família dos alunos. A instituição realizava festas com apresentações dos alunos e promovia um grupo de mães para discussão de temas relacionados à infância. Também organizava excursões, um dos momentos mais empolgantes, as primeiras visitas a grandes exposições, como a visita à Mostra do Redescobrimento, a ida ao MAE.

Quando entrei no Ensino Médio, muitas matérias fizeram parte do currículo, assim como muitos professores, com aulas à tarde e aos sábados. Nessa escola, o tempo destinado à Educação Artística era uma aula de geometria ministrada pelo professor de matemática, que muito apreciava, pois gostava de lidar com os instrumentos de desenho como compasso e transferidor, mas não era uma aula de Artes.

[2] Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=4996918834865&set=a.2743789788047.2121000.1056551912&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-e-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-prn1%2F902628_4996918834865_1844070507_o.jpg>. Acesso em: 01 de julho de 2013.

Nessa época comecei também a fazer teatro na Casa da Cultura, um espaço municipal. Fazíamos jogos teatrais, ensaiávamos, líamos textos teóricos, clássicos gregos, adentrei em um novo universo artístico que muito me fascinou. Assim, quando chegou o momento de optar pelo curso universitário, quis cursar Artes Cênicas, prestando o vestibular na USP e na UNICAMP. Como na UNESP não havia bacharelado em Artes Cênicas, escolhi o curso de Educação Artística, sem muita certeza se era isso o que realmente queria. Acabei fazendo o último curso, voltando a me dedicar às Artes Plásticas.

O curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas reunia disciplinas teóricas e práticas da formação do professor. Como uma licenciatura, havia disciplinas de didática, psicologia da educação, metodologia da educação e estágio supervisionado. Como um curso de Artes polivalente, havia aulas práticas de pintura, escultura, modelagem, tecelagem e gravura, e ainda aulas de música, expressão corporal, folclore.

Dentre as disciplinas cursadas, a gravura me marcou em especial, pois não era um gênero que apreciava, e só a cursei, a contragosto, porque era uma disciplina obrigatória. Conhecia poucos artistas dessa modalidade e não admirava os trabalhos. Mas essa aversão tinha fundamentação em uma atividade realizada nas primeiras séries escolares. Meu professor de Artes da 4ª série nos ensinaria a fazer xilogravura, tendo como ferramenta de gravação um prego. Havia um pequeno martelinho e fomos furando, lentamente, a matriz. Era um trabalho lento e a ansiedade para ver o resultado final era grande. Porém, o que esperava como resultado final não era bem o que estava fazendo. Até que mais da metade do trabalho estivesse feito não havia entendido que cada ponto martelado na madeira representava um espaço em branco no papel. Assim, a frustração foi grande ao ver que o resultado esperado não se concretizaria. Desde então, não queria nem pensar em trabalhar novamente com xilogravura.

Dada a obrigatoriedade da disciplina participei das aulas e me entusiasmei com a técnica. Tanto que comecei a estudar o assunto, e a partir de um texto da artista Maria Bonomi, decidi pesquisar o tema, objeto de meu trabalho de conclusão de curso e que também direcionou minha prática de estágio supervisionado.

Tive a oportunidade de fazer estágio com uma amiga muito querida em uma escola estadual de Bauru, a E. E. Luis Castanho de Almeida. Lá não fomos apenas muito bem recebidas pela equipe da escola, como tivemos liberdade para escolher

os temas da regência. A professora responsável pelas turmas, Rosângela, era habilitada em música, mas com grande interesse pelas Artes Visuais. Fizemos um projeto que integrava cultura afro-brasileira, gravura e escultura. Foi uma experiência muito motivadora, mesmo diante dos desafios da escola pública, ter um projeto bem sucedido, com aceitação dos alunos, belos trabalhos e exposição das esculturas em três lugares diferentes.

Munida dessa sensação de tudo saber, logo me formei e passei em concurso público. Entre a colação de grau e a “estreia” em sala de aula passaram-se apenas 14 dias. O desafio, obviamente, era muito maior do que podia dimensionar e surgiram incertezas, dissabores e mudanças. A presença constante de indisciplina, a dificuldade em achar um norte para onde navegar e a falta de trocar experiências com outros arte-educadores me incitou a procurar uma sala de aula na qual seria novamente uma aluna.

Cursei duas disciplinas como aluna especial. Faltava mais contato com outros professores que vivessem a mesma realidade: ensino fundamental, turmas numerosas, periferia de Campinas. Fui em busca de outros professores no Grupo de Formação de Professores de Artes, oferecido pela Prefeitura Municipal de Campinas no Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional (CEFORTEPE). Era hora de trocar experiências.

Ingressei no programa de pós-graduação em Artes Visuais da ECA. Nesse momento, a pesquisa desenvolvida e a prática pedagógica começaram a se encontrar, surgindo a vontade de levar as reflexões da docência para o ambiente acadêmico. Assim, posso dizer que olhando para outros educadores, encontro minha experiência. Olhando minhas lembranças como aluna, entendo minha prática pedagógica.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, algumas mudanças surgiram. A ideia inicial, de desenvolver um projeto voltado à apreciação de obras de arte num museu local com os alunos saiu de cena e deu lugar a uma pesquisa da própria vivência como educadora. Minha própria formação e experiência foi posta em pauta. Além do desafio de olhar para o próprio percurso, surgiu a dificuldade do tempo, afinal muitas das mudanças surgiram após a qualificação, restando pouco menos de um ano para a conclusão da presente pesquisa.

Encontrar educadores que tivessem tempo e se dispusessem a conversar também foi um desafio, já que dar aula “de porta fechada”, como se diz nas escolas,

é prática comum entre educadores que não gostam de dividir ou tem receio de expor suas dificuldades. Apesar de tudo, foi muito estimulante essa busca pela trajetória do professor de arte. Olhar para trás, olhar para frente.

Figura 3 - Sankofa. Símbolo Adinkra.
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Akindra.jpg. Acesso em 9 de julho de 2013.

Entre os Adinkra, símbolos do povo Ashanti, Sankofa é um pássaro africano de duas cabeças e segundo a filosofia africana significa aproximadamente retornar e pegar. É o símbolo da importância da aprendizagem do passado (A COR DA CULTURA, 2006). Pode ser representado como um pássaro com a cabeça virada para trás ou um pássaro de duas cabeças.

Revejo minhas memórias para dar continuidade ao presente.

2 O QUE É UMA EXPERIÊNCIA?

"Experiência é algo que não se consegue de graça"
Oscar Wilde[3]

Para discutir as histórias de vida dos educadores entrevistados, primeiro definiremos o conceito de experiência. De acordo com Larrosa (2001):

> Começarei com a palavra experiência. Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, "o que nos passa". Em português se diria que a experiência é "o que nos acontece"; em francês a experiência seria "ce que nous arrive"; em italiano, "quello che nos succede" ou "quello che nos accade"; em inglês, "that what is happening to us"; em alemão, "was mir passiert".

Para Dewey (1974), experiência é um processo de conexão entre sofrer as consequências e agir. Necessita de uma consumação, tem unidade, ou seja, é distinta do que vem antes e o do que vem depois. Para o autor, a prática, somente, não conduz à experiência, sendo necessário a experiência com qualidade estética. Muitas vezes, a atividade é apenas uma parte do conteúdo, mas não constitui uma experiência. Não é distinta do que vem antes ou depois.

> Quando experimentamos alguma coisa, agimos de acordo com isso; fazemos alguma coisa com isso; ou seja, sofremos ou sentimos as consequências. Fazemos alguma coisa com o objeto e, em resposta, ele nos faz alguma coisa: assim se estabelece a combinação peculiar. A conexão destas duas fases da experiência é a medida da utilidade, ou valor da experiência. A mera atividade não constitui experiência. É dispersa, centrífuga, dissipativa. A experiência como tentativa envolve mudança. Mas a mudança é transição sem sentido, a não ser que esteja conscientemente relacionada com a onda de retorno constituída pelas consequências que dela decorrem. Quando uma atividade é continuada, quando a mudança resultante da ação é refletida numa transformação em nós, o

[3] PERCY, Allan. Oscar Wilde para inquietos. Rio de Janeiro: Sextante, 2012, p. 89.

> simples acontecer torna-se carregado de sentido: aprendemos alguma coisa. (DEWEY,1959 apud CHAMLIAN, s. d., p.28-29)[4]

A informação não é experiência. Para Larrosa (2001), há muita informação, muitos acontecimentos, mas pouca experiência.

Como transformar o conteúdo numa experiência? A informação deve nos transformar!

> [...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER, 1987 apud LARROSA, 2001, p. 143)[5]

Para Larrosa a experiência é algo pessoaL – o que nos passa, nos toca -, é intransferível. Temos que ser sujeitos de nossa própria experiência.

De acordo com Josso (2010), a experiência se difere de uma vivência, sendo a última os acontecimentos específicos, especiais, que se tornam experiências quando há uma reflexão que examine o que se passou.

> Proponho, pois, considerar o que designamos comumente por "experiências" como vivências particulares. Nos meus cursos, tentei estabelecer essa distinção que acabou por fazer mais ou menos o seguinte percurso: vivemos uma infinidade de transações, de vivências; essas vivências atingem o *status* de experiências a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido. (JOSSO, 2010, p. 48)

É a articulação que fazemos sobre as atividades, as vivências, que as tornam significativas.

---

[4] DEWEY, J. Democracia e educação: Introdução à Filosofia da Educação. 3.ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1959 .

[5] HEIDEGGER, Martin. La esencia del habla. In: _____. **De camino al habla**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987.

Para Chauí (2003 apud OLIVEIRA, 2010, p. 46-47)[6], a formação relaciona o indíviduo com a cultura na qual está inserido, para que a ressignifique e elabore diferentes caminhos futuros:

> Antes de mais nada, como a própria palavra indica, uma relação com o tempo: é introduzir alguém ao passado de sua cultura (no sentido antropológico do termo, isto é, como ordem simbólica ou de relação com o ausente), é despertar alguém para as questões que esse passado engendra para o presente, e é estimular a passagem do instituído ao instituinte. O que Merleau-Ponty diz sobre a obra de arte nos ajuda aqui: a obra de arte recolhe o passado imemorial contido na percepção, interroga a percepção presente e busca, com o símbolo, ultrapassar a situação dada, oferecendo-lhe um sentido novo que não poderia ser pensado nem dito, e sobretudo quando, por seu próprio excesso, nos dá a pensar e a dizer, criando em seu próprio interior a posteridade que irá superá-la. Aos instituir o novo sobre o que estava sedimentado na cultura a obra de arte e de pensamento reabre o tempo e forma o futuro. Podemos dizer que há formação quando há obra de pensamento e que há obra de pensamento quando o presente é apreendido como aquilo que exige de nós o trabalho da interrogação, da reflexão e da crítica, de tal maneira que nos tornamos capazes de elevar ao plano do conceito o que foi experimentado como questão, pergunta, problema, dificuldade.

Para Josso (2010), existem momentos de transformação, ruptura, que acontecem durante as trajetórias. A esses momentos, a autora chama de momentos-charneira.

> Momentos ou acontecimentos-charneira são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, poderíamos dizer. Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo é utilizado tanto nas obras francesas quanto portuguesas sobre as histórias de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida. (JOSSO, 2010, p. 90)

São esses momentos que marcam os caminhos, separando diferentes acontecimentos, dividindo o antes e o depois.

---

[6] CHAUÍ, M. A universidade pública sobre nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, 2003.

Para buscar essa coerência entre a prática e a proposta pedagógica, o professor deve, então, olhar não só para a formação, mas para o trabalho realizado cotidianamente, sua prática, sua rotina.

> A formação é uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual a questão é esse próprio alguém, a constituição desse próprio alguém, e a prova e desestabilização e eventual transformação desse próprio alguém. Por isso, a experiência formativa, da mesma maneira que a experiência estética, é uma chamada que não é transitiva. (LARROSA, 2004 apud GARCIA, 2008, p.22)[7]

Nessa jornada de formação, o professor segue em direção a si, em direção a sua essência. Esse processo de reflexão sobre o percurso de vida e experiência profissional é o que buscamos nos relatos aqui reunidos.

[7] LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

3 ENTREVISTAS

> Mas, que devemos pensar da formação do arte-educador? Quais as relações da arte com a educação que poderão melhor delimitar o lugar e a natureza do processo de formação do arte-educador? O que dá mais a pensar sobre esta questão e que ainda não foi pensado? Que é necessário desaprender para encontrar o caminho mais sábio que nos leve à elaboração mais rica do processo de formação do arte-educador? (VARELA, 1986 apud SILVA, 2008, p. 10)[8].

Para o desenvolvimento deste projeto, foram selecionados quatro arte-educadores. Em suas entrevistas, cada um contou sobre sua formação básica, graduação universitária, formação continuada e a influência de outros professores.

Os entrevistados atuam em escolas públicas da cidade de Campinas, mas têm origens diferentes, com mostra o mapa a seguir:

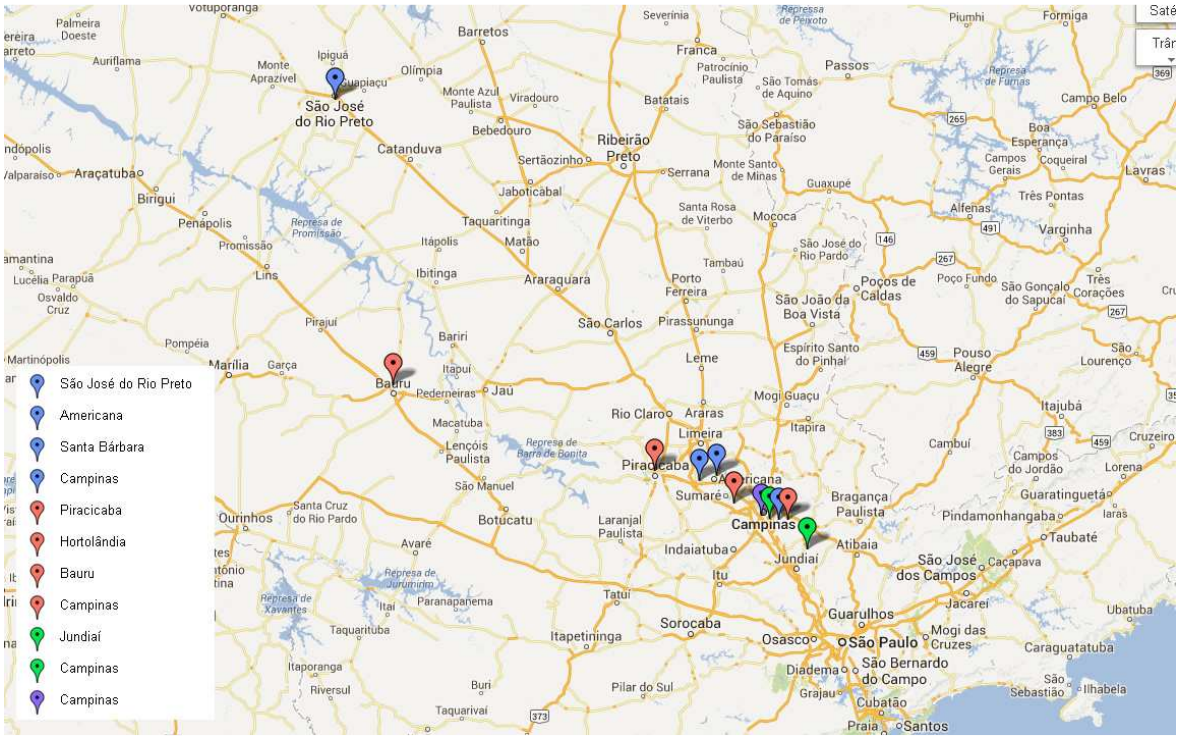


Figura 6 - Mapa da localização das cidades mencionadas pelos entrevistados. Em azul, as cidades mencionadas por Rodrigo. Em vermelho, as cidades mencionadas por Caroline. Em verde, as cidades mencionadas por Mariana. Em roxo, a cidade mencionada por Amilton
Fonte: Google Maps

[8] VARELA, N. de A. A formação do Arte-Educador no Brasil. In: BARBOSA, A. M. (Org.). **História da Arte-Educação**. São Paulo: Max Limonad, 1986.

As escolas onde lecionam, em Campinas ou na região, localizam-se nos seguintes bairros:

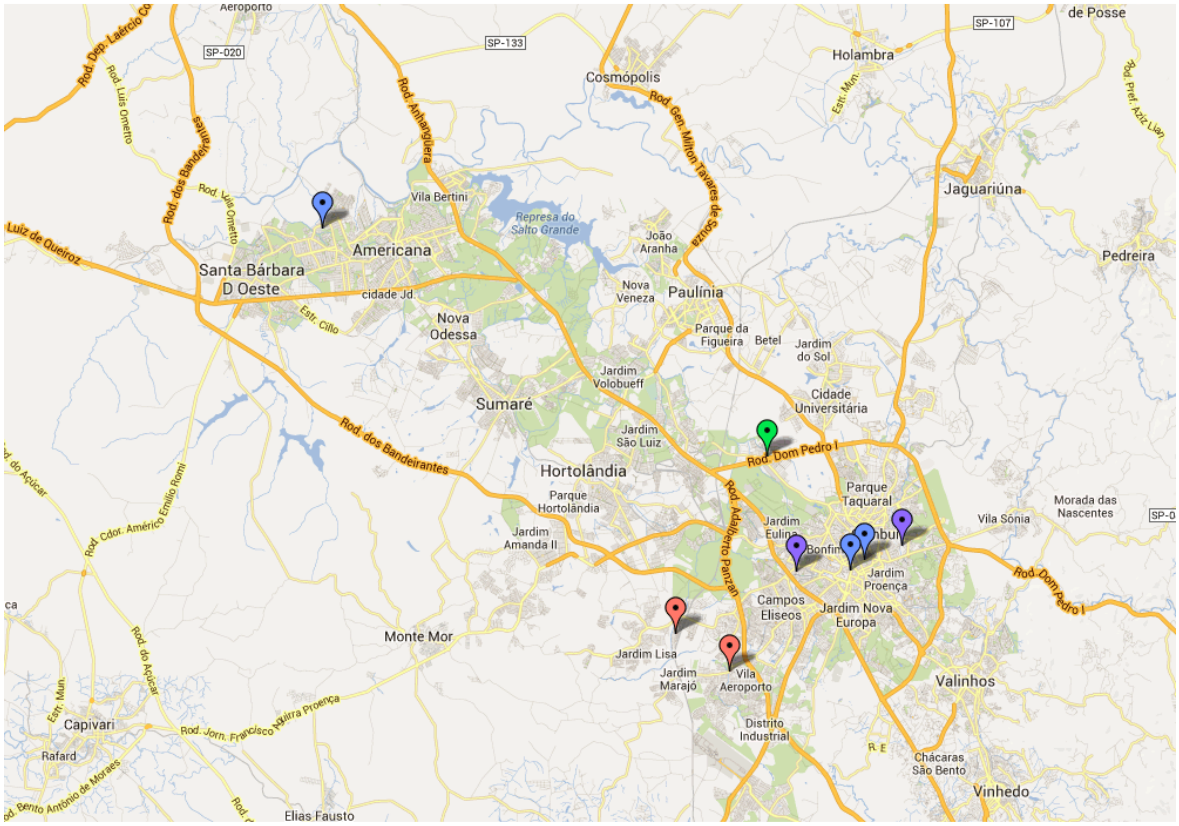


Figura 7 - Mapa mostrando a localização dos locais de trabalho dos entrevistados. Em azul, Rodrigo. Em vermelho, Caroline. Em verde, Mariana. Em roxo, Amilton.
Fonte: Google Maps

Procuramos abranger diferentes regiões da cidade, diferentes idades e experiências formadoras. O relato de cada um torna-se testemunho do que vive o professor atualmente.

3.1 RODRIGO NERIS

Descrevendo

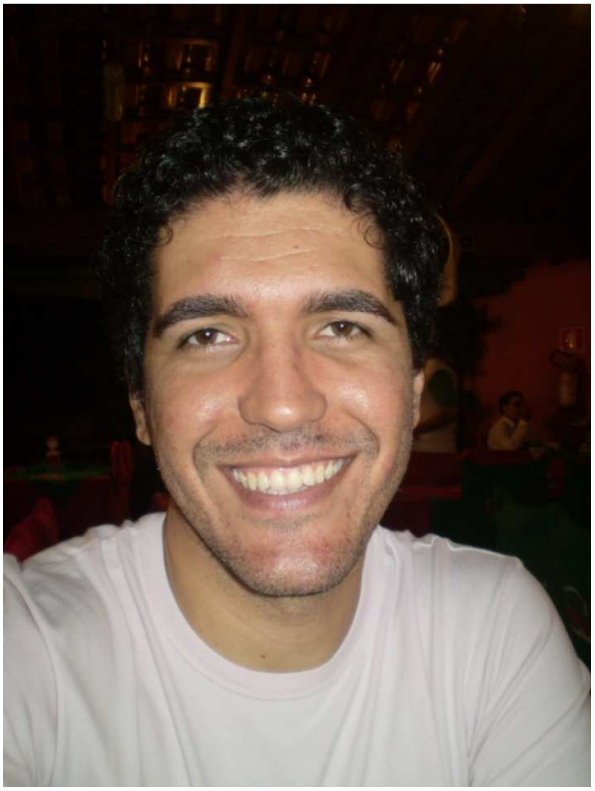


Figura 8 - Rodrigo Neris
Fonte: arquivo pessoal do entrevistado

Rodrigo Neris é professor de Artes da rede municipal de Campinas, na qual leciona para turmas de Educação de Jovens e Adultos no CEMEFEJA Pierre Bonhomme e no CEMEFEJA Sergio Rossini, e no Ensino Fundamental na Escola Estadual Profª Heloiza P. M. Lacava, da rede estadual de ensino de São Paulo, na cidade de Santa Bárbara d'Oeste. Leciona na educação formal há oito anos. Formado em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela UNIRP.

Figura 9 - CEMEFEJA – Pierre Bonhomme
Fonte: acervo da pesquisadora

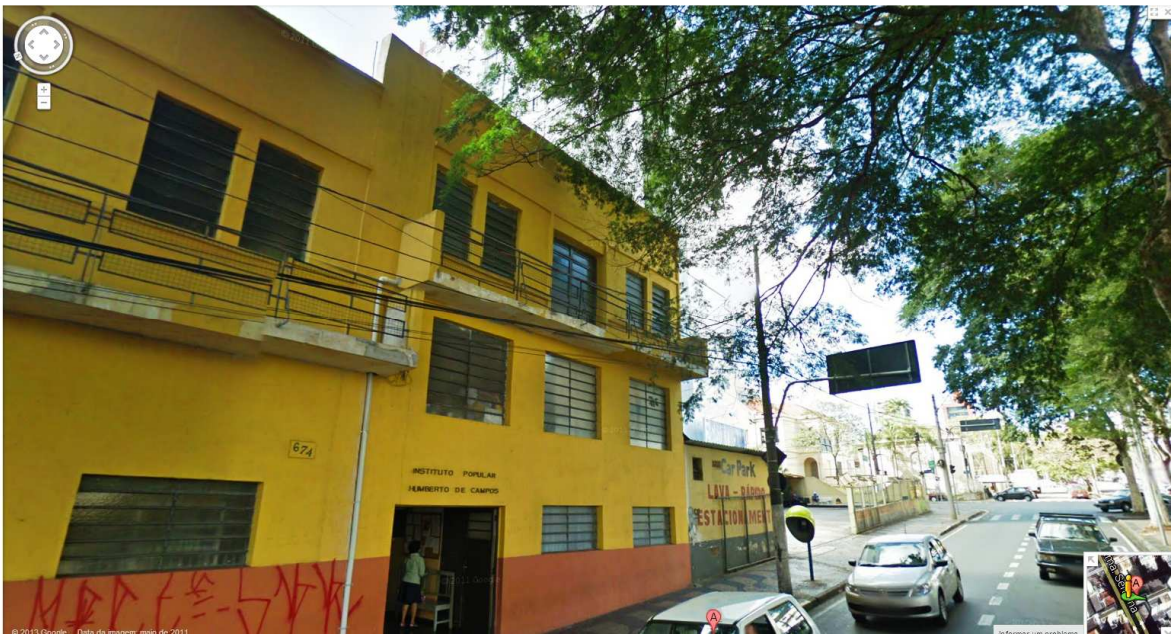


Figura 10- CEMEFEJA Sérgio Rossini
Fonte: Google Maps[9]

[9] Disponível em: <https://maps.google.com/>. Acesso em 20 jun.2013

Em sua fala, percebemos que a formação de Rodrigo foi bastante influenciada por suas vivências na infância e por sua família. A mãe, notando seu interesse por Arte, comprou-lhe um livro sobre técnicas de desenho, “1001 maneiras de aprender a desenhar” e também levou-o ao Museu do Ipiranga (Museu Paulista da USP). Ainda no ambiente familiar, o acesso ao rádio e ao canal da TV Cultura despertaram o interesse pela música erudita. Entre os familiares havia ainda um primo que desenhava, influenciando Rodrigo pela técnica, como pode ser percebido em sua entrevista:

> *eu tive um primo, primo da minha mãe que uma vez foi em casa e ele gostava, ele desenhava muito bem. E ele começou a desenhar um negócio e eu ficava – O que que é isso? Que que é isso? E eu fiquei tentando adivinhar o desenho todo, ele fez de propósito, ele desenhava só pelas bordas e eu não conseguia identificar, e aí ah, um capeta – não, não é, e não falava nada, e eu - fala logo o que que é! E aí apareceu o Tio Patinhas. Virou meu ídolo, o Tio Patinhas, depois desse desenho, eu passei a ter todos os gibis dele, a gostar por aquele processo que meu primo provocou da adivinhação. Eu gostava muito de desenho, desde pequeno, na creche, sempre desenhei muito, falavam que eu desenhava bem, tanto é que minha mãe comprou o livro. Mas eu parei de desenhar. Por causa do livro.* (NERIS, 2013)

Figura 11 - Rodrigo durante festa junina da escola
Fonte: acervo pessoal do entrevistado.

Em sua trajetória escolar, o entrevistado afirma pouco lembrar das aulas de Artes, afirmando ser melhor em matemática e português. Comenta não lembrar das aulas ou das avaliações, mas diz que provavelmente tinha muito desenho, pois era elogiado por desenhar bem. Rodrigo conta que o livro presenteado por sua mãe não o ensinou propriamente a desenhar, mas, por não achar que o resultado de seus desenhos ficasse bom, passou a copiar as figuras, colocando a folha por cima. O único momento que Rodrigo diz lembrar com mais clareza foi quando um professor mostrou a ele uma reprodução do quadro "Os girassóis", de Vincent van Gogh. Ele conta que se apaixonou pelo amarelo e, a partir desse momento, passou a usar o amarelo, laranja e marrom em seus desenhos.

Figura 12 - "Vaso com 12 girassóis" Vincent van Gogh, 1888
Fonte: Wikipedia[10]

As aulas de Artes tomam um espaço maior quando Rodrigo fala do Ensino Médio. A professora Marleninha surge como grande influência da figura do professor, tanto no aspecto comportamento quanto metodologicamente. A professora acompanhou a turma no primeiro ano do "Colegial", quando era oferecida a disciplina de Educação Artística apenas nesse ano.

[10] Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vincent_Willem_van_Gogh_128.jpg>. Acesso em 20 mai. 2013

> *(...)ela chegou na sala e falou - olha, vocês vão odiar minhas aulas porque assim, assim, tem isso, tem isso, mas ao final do ano, quando acabar o curso de Artes do 1º ensino médio vocês vão falar, poxa vida, que pena que acabou. E essa frase eu guardei. E ela conseguiu, no final do ano, a turma inteira (...) até dos piores alunos, que pena que acabou, e eu lembrei na hora, essa mulher é uma bruxa. Ela sabia que isso ia acontecer, aí ela falou, então gente, mas eu tenho uma novidade, vai ter arte no segundo ano, aí teve mais um ano. Então foi ela que me fez retomar o prazer da arte, descobri o quanto eu gostava, porque tinha sido apagado na escola*.(NERIS, 2013)

Rodrigo lembra até hoje da fala da professora, relatando que ela era brava, mas que quando acabasse o ano, os alunos sentiriam falta. Depois, por uma mudança curricular da escola, houve aula de Artes no segundo ano, com a mesma professora. Para Rodrigo, ela era uma referência de "professor bravo". *"Eu posso virar um monstro, mas meu aluno vai aprender. Não quero que ele lembre de mim como banana que foi legal e só"* (NERIS, 2013).

Para chegar à graduação em Educação Artística, o entrevistado relata ter feito orientação vocacional e ter se inscrito em outros cursos universitários, interessando-se por diferentes carreiras, como o Direito. No Ensino Médio, passou por um processo de seleção para bolsa de estudos, concedida pela Faculdade aos melhores alunos. Embora demonstrasse pouco interesse na licenciatura, Rodrigo optou por seguir o curso, até que se sentiu atraído pela formação.

Quando menciona sua formação acadêmica, na graduação na UNIRP, Rodrigo relata ter recebido uma formação polivalente, com habilitação em Artes Plásticas, mas também cursando disciplinas de música e dança. De acordo com seu relato, podemos perceber uma formação bastante voltada para a técnica e para o fazer, com muitos laboratórios.

A Iniciação Científica também fez parte da sua graduação, cujo tema versava sobre um projeto acerca do desenvolvimento econômico e cultural da região de São José do Rio Preto, o que o levou a procurar vários professores e se aproximar mais da arte-educação. A partir da Iniciação Científica, Rodrigo desenvolveu seu Trabalho de Conclusão de Curso.

> *E no segundo ano, aconteceu o seguinte, a faculdade fez um processo de Iniciação Científica, e você tinha que criar um*

> *projeto da tua área de conhecimento, pro desenvolvimento regional. E eu perguntei - Que que a arte vai ajudar no desenvolvimento regional? E eu não conseguia pensar em nada. Hoje, eu enxergo que eu tinha a questão do turismo, os festivais de teatro que acontecem, tinha muita coisa pra ser explorada. Geração de renda, algumas comunidades, artesãos, um monte de coisa. E eu perguntei pra todos os professores. E ninguém sabia me apontar nada. A moda, a joalheria é muito forte lá. Aí tava na época daquele projeto em educação, aquele Amigos da Escola, aquela coisa lá que começou a fazer, escola do século XXI, e eu falei – ah... foi a pergunta que apareceu né, qual o papel da educação, qual o papel da arte nos novos caminhos da educação? E o que que tem a ver com o desenvolvimento regional? – ah, ela vai melhorar os níveis, não sei o que, eu comecei a conversar com os professores e acabei encontrando alguém que aceitou orientar, e fiz o projeto. Aí meu projeto ganhou em primeiro lugar, e eu ganhei a bolsa. E aí foi quando eu comecei a descobrir o que era Arte-Educação. Porque eu fui começar a estudar bibliografia, fui descobrir Ana Mae, fui descobrir um monte de coisa, então a minha formação veio muito mais dessa investigação toda que depois conduziu meu TCC inclusive*. (NERIS, 2013)

Durante o período de estágio, o entrevistado relata que eram obrigatórias poucas horas de regência e participação, sendo incentivado a participar de exposições, palestras e peças de teatro, que eram consideradas no cômputo de horas. Com o estágio nas escolas, Rodrigo conheceu a realidade da escola pública atual, como a falta de professores e a superlotação das salas. Foi com uma experiência em uma escola particular, a COOPEC, que o professor pôde desenvolver um projeto e participar e reger aulas, aprimorando seu contato com a educação.

Depois de formado, Rodrigo optou por trabalhar na educação não-formal a princípio, sendo coordenador de projetos de uma ONG. O retorno à educação formal aconteceu com o concurso da rede estadual de ensino de São Paulo.

Com a volta à sala de aula, o educador também procurou outros cursos em que pudesse aprimorar sua formação, como a Rede do Saber, a pós-graduação do PARFOR, o curso de filosofia e curso no Centro Universitário Mariantonia. Há uma constante busca por atualização e desenvolvimento.

No que tange a preparação das aulas, Rodrigo afirma que, em 8 anos de carreira docente, já tem uma estrutura de trabalho, com diversas referências do que foi feito nos anos anteriores. Afirma que seu planejamento segue uma ideia de

percurso, com as atividades interligadas. Esse percurso tem influência da metodologia de trabalho do SESI, onde lecionou.

> *No SESI o plano era mais meticuloso ainda, eu tinha que escrever... Lá eu aprendi uma metodologia que é própria deles, que era 5 passos que seu plano de ensino tem que garantir presente na sua aula. Então, levantamento de conhecimento prévio, estratégia de mobilização, avaliação, sistematização e... problematização*. (NERIS, 2013)

Na rede estadual, o entrevistado já trabalhou com os cadernos do aluno e caderno do professor, que orientam o conteúdo a ser trabalhado em cada bimestre, em cada série. Atualmente, os cadernos estão em reformulação e essa ausência do caderno, segundo Rodrigo, confere mais liberdade ao trabalho. A rede estadual e a rede municipal de ensino tem diretrizes próprias.

Analisando e interpretando

A fala de Rodrigo passa bastante pela negação. "*Não vou fazer esse concurso*", não querer cursar licenciatura, sugerir a bolsa para outro aluno, "*nunca mais piso numa escola pública*". Essa negação quase se torna uma profecia às avessas. Rodrigo não só cursou Educação Artística, como prestou concurso para as redes estadual e municipal, lecionando atualmente em três escolas públicas.

Fez duras críticas a sua formação inicial, a começar pelo nome do curso, passando por professores e até pela turma.

Segundo o professor, sua graduação foi polivalente, porém com poucas disciplinas de música, dança e teatro, e com muitas oficinas práticas em artes visuais. Essa polivalência também aparece na docência de Rodrigo, que afirma trabalhar também com dança e teatro com suas turmas. Porém, para ele, a especialização foi fundamental para tratar desses conteúdos em sala de aula.

Em relação à formação continuada, o professor relata diferentes cursos feitos, a maioria pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, como a Teia do Saber e o PARFOR.

Rodrigo ressaltou a importância de continuar em formação (prazer em aprender), "*Essa coisa de enriquecimento cultural pra mim é importante*", levar coisas novas para os alunos, mas também ressaltou que aprendeu coisas novas com os cursos de formação que fez após a graduação.

Vemos a influência dos professores quando Rodrigo fala de sua professora de Artes do ensino médio, Marleninha. Para Rodrigo, essa professora representa uma influência importante, não só pelas aulas na escola, como também pelas aulas de pintura que recebeu na casa dela. Marleninha também foi entrevistada por Rodrigo para um trabalho da graduação. Sua maneira de dar aula também aparece no discurso de Rodrigo, quando diz que repete o que ouviu da mestra: "*No começo, vocês vão odiar as aulas, mas depois vão sentir falta*", sendo uma referência de comportamento, de disciplina e rigidez que Rodrigo considera importante (figura do professor bravo).

Para Furlanetto (2004), a relação entre aluno e professor retoma o arquétipo do mestre-aprendiz. Para a autora, arquétipos, de acordo com a teoria de Jung, são imagens ancestrais que estruturam o inconsciente coletivo.

> Para Jung (1991), os arquétipos seriam como sedimentos mnêmicos que surgem da condensação de inúmeros processos semelhantes entre si que sempre retornam quando um processo similar é revivido pelo sujeito. Podemos assumir, seguindo essa linha de raciocínio, que a relação professor-aluno constitui-se em uma relação arquetípica já experimentada inúmeras vezes por toda a humanidade constituindo-se num arquétipo – o do Mestre-Aprendiz (Byington, 1996) – que é acionado quando cada um revive essa relação no plano pessoal. Fica claro, então que as matrizes pedagógicas de cada professor não começam a se constituir nos cursos de formação, mas estão enraizadas em instâncias muito mais profundas de sua psique e vão ganhando formas pessoais, conforme ele vivencia situações de aprendizagem nas quais foi constelado o Arquétipo do Mestre-Aprendiz, o que ocorre desde o início de sua vida. (FURLANETTO, 2004, p. 28)

Ainda podemos apontar na sua fala a visão crítica da educação, com ressalvas às políticas públicas de educação, aos cursos de formação oferecidos de maneira pouco cuidadosa e até a influência norte-americana na educação brasileira. Rodrigo iniciou seu trabalho na rede estadual de educação em um momento de estruturação dos Cadernos do Aluno e Cadernos do Professor, material pedagógico

elaborado pela Secretaria Estadual de Educação especificamente para alunos e docentes das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Em relação ao ensino estadual, Rodrigo é contundente:

> *(...) nos primeiros 3, 4 anos foi o inferno, porque o coordenador não sabia o que dizer, mandava cumprir isso daí pelas atividades, eu estava de saco cheio depois de tanta declaração na imprensa do secretario de educação e do [José] Serra, que o professor não prestava, a educação tava uma bosta, que o professor era ruim, então eu não conseguia investir naquilo porque eu sentia que se aquilo funcionasse, eu tava reforçando o que ele disse. Agora, do jeito dele ia funcionar, do outro jeito não, então, espera aí, antes eu era uma bosta de professor e agora eu fiquei bom porque ele mudou o jeito? Não, eu já era bom professor, eu já acreditava no que eu fazia. E aí minhas aulas foram as piores, um lixo. 2008, 2009 minhas aulas foram péssimas. Eu fazia empurrado, eu não planejava naaada, eu chegava, ah, tal coisa, na hora vinha, vamos fazer tal coisa. Mas às vezes eu não tinha material, eu saía da aula, perdia completamente a motivação de novo pra buscar qualquer coisa. 2010 eu comecei a melhorar, 2011 pra frente eu já ganhei mais liberdade e autonomia. Inclusive esse ano tá uma delicia porque não tem o caderno, então eu tenho noção do que o currículo quer e eu faço o caminho que eu quero, do jeito que eu quero*. (NERIS, 2013)

As políticas públicas de progressão continuada também são alvo do professor:

> *(...) o sistema da Tropa de Elite é o da educação também. Só que lá enquanto eles jogavam o morto na área do vizinho pra aumentar a criminalidade lá e não aqui, a gente faz isso passando pra série seguinte, ou na próxima escola. E o resultado como é o Ensino Médio com a nota horrível de sempre. Por quê? Porque ninguém quer assumir a bucha, e é um festival de fingir.* (NERIS, 2013)

Fundamentando

De acordo com a secretária de educação na época, Maria Helena Guimarães de Castro, a implantação dos cadernos

> É uma medida muito importante. A Secretaria está propondo o que deve ser ensinado em sala de aula, como um direito de todos os alunos. Era uma necessidade e é um avanço, pois os professores estarão seguros do que ensinar aula a aula. (CASTRO, 2008)

Essa informação revela a crença na incapacidade do professor, que tanto incomoda Rodrigo.

O professor entrevistado também cita um artigo, estudado por ele na pós-graduação, chamado “Construindo um professor melhor” (GREEN, 2010), que aponta a importância de investir na formação de professores. Esse texto reflete nas críticas que Rodrigo tece à própria formação, como a falta de professores universitários adequados, um currículo com mais disciplinas voltadas à educação e um estágio mais consistente.

Assim como Rodrigo, mais de 20% dos professores brasileiros lecionam em mais de uma instituição de ensino (MARTINS, 2013).

Quando o entrevistado relata a influência de sua professora, Marleninha, como estímulo nos estudos das Artes, como homenageada em seu trabalho de conclusão de curso e como referência de professor, fica evidente que há uma relação de mestre-e-aprendiz.

> O mestre lá está: se é verdadeiramente um mestre, à altura de sua maestria, atesta com sua presença que é alguém. E, porque esse alguém é alguém, impõe ao discípulo o dever de ser alguém, não à semelhança do mestre, mas segundo a fidelidade de si mesmo.
> A pedagogia do mestre desenvolve-se assim, numa espécie de contraponto da pedagogia do professor. O professor ensina a todos a mesma coisa; o mestre anuncia a cada um uma verdade particular, uma resposta singular e uma realização. A mais elevada função da maestria parece ser o anúncio da revelação para lá da exposição do saber. O professsor exerce sua profissão e o mestre intervém como agente duplo, utilizando para outros fins essa atividade de cobertura. (GUSDORF, 2003, p.70)

Nesse trecho, Gusdorf (2003) evidencia a importância do mestre na formação humana do educando.

Rodrigo reforça ainda a importância da influência das imagens em dois episódios de sua infância, na década de 1980. No primeiro, quando observa um

parente desenhando, desenrola-se um jogo de adivinhação, e no segundo momento, quando um professor apresenta um quadro de Vincent van Gogh que o faz adotar novas escolhas cromáticas. Essa permanência das imagens e sua forte influência na memória do entrevistado indica a força das referências visuais na memória da criança e do futuro educador:

> As imagens que formam nosso mundo são símbolos, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos. (MANGUEL, 2009, p. 21)

Em suma, com esse relato, podemos perceber que na formação de professores, além dos conhecimentos adquiridos na graduação, a docência está relacionada às vivências, experiências, em diferentes caminhos, em que apenas a inquietação e o questionamento podem levar.

3.2 CAROLINE ELISABETH VICENTE

Descrevendo

Caroline é professora de Artes do Ensino Fundamental da Prefeitura de Campinas. Atualmente leciona nas escolas EMEF Profª Clotilde Barraquet Von Zuben e EMEF Carmelina de Castro Rinco. Leciona há 4 anos na rede municipal de ensino. Já lecionou no SESI, em Limeira, e na rede estadual paulista de ensino, com turmas do Ensino Médio.

Figura 13 - EMEF Clotilde Barraquet von Zuben
Fonte: acervo da pesquisadora

A professora é formada em licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP desde 2006.

Seu relato passa muito brevemente pela infância. Caroline retoma como experiência escolar as aulas de Artes do Ensino Fundamental II e relata duas experiências distintas. A primeira, com muita ênfase na biografia dos artistas, com cópias de texto e pouca discussão, algo muito teórico e distante da apreciação artística. Ela lembra-se de uma aula na qual a professora escrevia na lousa textos sobre artistas, presentes no verso de pranchas de obras de arte. A aula centrava-se em copiar o texto.

> *Em vez de ela mostrar muito a obra pra gente, ela passava o texto, a biografia do artista, do pintor que estava atrás. Ela passava na lousa e a gente ficava copiando a biografia do cara. Mas depois a gente nem conversava sobre ele, a gente só... tipo, matava aquela aula copiando aquele texto. Era muito sem significado.* (VICENTE, 2013)

A segunda experiência foi descrita como muito prazerosa, muito prática, de máscaras e atividades artísticas não relacionadas à teoria. Porém, outra professora de Caroline tinha uma atitude diferente.

> *Eu tenho uma referência também de uma professora que parece que tudo que ela fazia era legal, era sempre uma coisa grandiosa. Fazia máscaras, tipo, coisas que eram legais de fazer. Talvez a gente não soubesse sobre a história de nenhuma máscara, a gente não estudava arte. A gente fazia, simplesmente, sem nenhuma reflexão. Mas eu acho que, ainda assim, a gente fazia essas atividades mais concretas, com certeza agradava bem mais eu e a turma. E minha irmã tem aula com ela hoje, com essa professora que faz as máscaras, e hoje ela faz desfiles. Eu percebo pelo que minha irmã conta que não são as mesmas coisas, mas ela ainda continua com esse gás de fazer coisas diferentes*. (VICENTE, 2013)

O gosto pela disciplina de Artes, sua liberdade criativa e expressiva, fizeram Caroline optar pela faculdade de Educação Artística. Segundo a entrevistada, não houve objeção da família, mas sim até um pequeno incentivo da avó.

> *A faculdade? Então, eu gostava muito de Educação Física e de Artes. Eu sempre gostei de atividades assim, por mero prazer, assim, sabe. Sem pressão, e assim, pra mim aula de Artes era aquela aula sem nenhuma pressão. Que você podia, a seu tempo, fazer ali o seu trabalho, não tinha que decorar nada, não tinha que ficar estudando, você simplesmente, tinha a proposta, e eu sempre gostei de desenhar, desde pequena. (...) e minha vó comprava caderno de desenho pra mim... E sempre desenhando. Eu não pintava nada. Terminava de fazer... e dai eu sempre gostei de desenhar, gostava da aula de arte, dai eu peguei um livro da UNESP e decidi o meu futuro. (...) O que eu sabia é que eu queria sair da minha casa. Eu era de Piracicaba e eu queria, sei lá. Fazer faculdade em outro lugar. Então eu fui por eliminação né. Aí fui eliminando, eliminando, aí eu olhei e falei 'Nossa, Educação Artística, tem um curso desse, meu deus do céu!' aí eu.. passei lá, só prestei lá, passei lá, e fui fazer lá. E eu acho que tem muito a ver comigo assim, porque eu não consigo imaginar uma coisa que eu goste mais.* (VICENTE, 2013)

Quanto à graduação, licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, Caroline afirma ter sido um curso bem dividido entre teoria e prática, com formação polivalente, uma vez que proporcionou bom embasamento teórico, o que ajuda na tomada de decisões ao fazer seu planejamento didático. Porém, enfatiza que somente a experiência em sala de aula conferiu flexibilidade para lidar com os alunos.

Em relação ao estágio, Caroline fez parte de um grande número de estudantes que precisa trabalhar para se sustentar durante seus estudos. A professora trabalhava em um ateliê de festas e lembrancinhas personalizadas. A princípio, ela afirma que o trabalho consistia na pintura de peças de madeira, caixinhas e oficinas com crianças. Mas aos poucos o trabalho foi focando mais na produção massificada de brindes e lembrancinhas, distanciando-se de uma proposta educativa.

O estágio em escola também apresentou dificuldades. Caroline lembra-se de poucas escolas na cidade aceitarem estagiários, e ela conseguiu ser aceita em uma escola estadual, sendo acompanhada por uma professora readaptada, que era tia de uma amiga sua. Essa professora cuidava da biblioteca da escola e foi lá que Caroline desenvolveu projetos com alunos.

Depois de formada e com experiência em outras áreas, Caroline optou pela sala de aula por motivos financeiros. Contratada pelo SESI e depois concursada na Prefeitura Municipal de Campinas, a professora pouco a pouco vai dominando o fazer docente.

Essa necessidade de estar preparada faz Caroline procurar a formação continuada. A entrevistada cursou uma pós-graduação à distância em Psicopedagogia, além de cursos de formação no Estado e na Prefeitura, como “A Rede Aprende com a Rede”, “O Negro na Mídia” e a “Formação em música”. O primeiro curso foi ofecerido pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, os demais, segundo Caroline, foram ofertados pela Prefeitura Municipal de Campinas.

Analisando e Interpretando

Na fala de Caroline, a formação inicial tem um peso maior em relação aos relatos de infância. Formada desde 2006 pela Universidade Estadual Paulista, ela considera sua formação universitária adequada ao exercício da profissão, e aponta que a universidade a preparou bem para a docência:

Eu acho que tenho muito claro o que fazer, o que trabalhar, o

> *que não trabalhar, senti bastante dificuldade em como fazer, eu não conseguia pensar em como desdobrar uma sequência didática, em como trabalhar determinado conteúdo adequando a faixa etária da criança [...] Mas a parte teórica, a parte que eu acredito, as coisas que eu estudei me acompanham até hoje, são elas que me fazem tomar as decisões.* (VICENTE, 2013)

Em relação ao estágio, porém, Caroline relata a ausência de um período de regência. A professora foi estagiária em um ateliê particular de artes, no qual não havia contato com alunos, e em uma escola pública estadual, onde ajudava na biblioteca, tendo contato parcial com alunos da instituição ao desenvolver projetos.

A Abordagem Triangular (AT), proposta por Ana Mae Barbosa, é uma proposta de arte-educação que contém três ações fundamentais: o ler, o fazer e o contextualizar. Essa abordagem permite compreender a Arte de maneira pós-moderna, questionando o ensino modernista em que o esponteneísmo predominava.

Comparando com as duas práticas descritas por Caroline, podemos associar o segundo momento a um ensino modernista, calcado no fazer, na expressão pessoal. No primeiro acontecimento narrado pela entrevistada, a ênfase em informações sobre o artista, substituindo o contexto da obra de arte pode nos indicar uma visão equivocada da AT, sem que a leitura ou mesmo o fazer fizessem parte do ensino de Arte.

A respeito dos equívocos cometidos por muitos professores em relação à Abordagem Triangular, Machado (2010 p. 67) comenta:

> (...)podemos dizer que muitos professores dispostos a trabalhar com a Abordagem Triangular têm oscilado entre um extremo, que chamaríamos de reducionismo narrativo, e outro, o do reducionismo formalista. No primeiro caso, o fato visual é reduzido à descrição de figuras e as crianças são levadas a narrar o que veem. (...) No segundo caso, na tentativa de ensinar os elementos da forma visual, os professores levam as crianças a observar formas, linhas, cores, texturas que compõem uma obra. Então a obra se fragmenta nos seus elementos compositivos e o que se perde, em geral, é a experiência significativa do todo.

Além de questionar a educação recebida, para Caroline, também houve um período de negação da carreira docente. "*E dessas aulas [como eventual] que eu dei, eu senti, até de maneira precipitada, que eu não queria dar aula*".

Quando relata sua experiência com formação continuada, Caroline menciona

apenas dois cursos. Sua busca pelo curso passa também pela vontade de melhorar suas aulas "*quanto mais a gente conhece, mais a gente sabe, mais a gente acha formas de fazer que fica melhor para a gente e melhor para eles, fica melhor para todo mundo*" (VICENTE, 2013)

O relato da lembrança marcante de uma professora que propunha mais trabalhos artesanais, cujo nome não recorda, revela certa admiração pelo empenho da profissional "*esse gás de fazer coisas diferentes*". Opta por enfatizar um percurso do aluno, valorizando suas escolhas estéticas.

> *(...) se é uma atividade em grupo, se é uma atividade mais de construção, eu ajudo, eu dou opinião, porque eles me perguntam bastante, eu nunca digo 'faça isso', mas eu sempre jogo umas 3 ideias meio abertas pra eles, fazer o que quiserem, explorarem.* (VICENTE, 2013)

Fundamentando

Quando indagada sobre o que faz a formação do professor de Artes, Caroline frisa a teoria, o que, parcialmente, retoma sua vivência como aluna no Ensino Fundamental.

Sobre a prática docente, a professora afirma ser significativo valorizar o contexto do aluno. "*Eu acho que significativo é trabalhar o que eles estão vivendo no momento*". Essa noção de se aproximar da vivência do aluno, é próximo da noção de Dewey (1980).

Sua vivência como estagiária expõe a dificuldade que muitos alunos passam para conseguir realizar o estágio obrigatório.

> *Eu acho que ainda falta muito. Eu estudo toda semana ainda. Por mais que eu dê aula pra 1°2°3°ano, que são co isas assim que a maioria das coisas a gente já sabe, qualquer atividade que eu vá fazer muita coisa ainda eu pesquiso... Porque assim, eles perguntam né, e se eles perguntam eu tenho que saber, o que eu não sei eu tenho que procurar, e eu acho que assim, às vezes a gente fala que tá difícil, que tá ruim, mas quanto mais a gente conhece mais a gente sabe, mais a gente acha formas de fazer que sejam mais fáceis, pra gente e pra eles. E daí eu acho que fica mais fácil pra todo mundo.* (VICENTE, 2013)

Sobre essa importância atribuída às dúvidas dos alunos, com uma obrigação do professor "saber tudo", Perrenoud (1993 apud FURLANETTO, 2004, p.12)[11] afirma:

> É freqüente a formação sugerir que tudo pode ser dominado quando se é um bom profissional, mas vem uma profissão impossíveL – como Freud denominava a profissão docente –, o profissional "dá o seu melhor" tendo de aceitar com alguma humildade que não domina os processos e que, portanto, o acaso e a intuição desempenham um papel em grande parte dos êxitos e dos fracassos.

Existe o senso comum de que o professor é o detentor do saber, possui todas as respostas e não pode errar. Na fala de Caroline transparece um compromisso em preparar-se e trazer respostas para o aluno.

> O grande inimigo da confusão é a resposta que se assume como verdade única. Se só houver uma única resposta certa, que é suposto o professor saber e o aluno aprender, então não há lugar legítimo para a confusão. Um dos participantes no *Teacher Project* formula muito bem esta ideia:
> "A palavra mágica é *resposta*. Sempre pensei que toda a gente tinha as respostas, respostas melhores do que as minhas, decerto. As respostas tinham sido dadas pelos autores de livros, produtores de filmes e programas, pessoal administrativo; toda a gente tinha uma resposta correcta para tudo, uma resposta melhor do que a minha, porque sabiam mais. Existe um sentido de segurança em pensar que existe uma resposta, algures, que existe sempre uma resposta a cada situação. Se um sistema trabalhou durante anos de acordo com um determinado conjunto de pressupostos, então a responsabilidade das pessoas é aprender esse sistema e dominá-lo. O sistema é a resposta. Temos de nos moldar de modo a encaixar nele. Este é o objectivo, em vez de ser o meio para atingir um fim. Que estupidez! O que temos de fazer é desenvolver a nossa compreensão sobre o sistema para que possamos explorar os meios de o melhorar. A precedência histórica não significa um modelo futuro. Quer dizer algo a ter em conta no futuro, algo a reter na memória quando tentarmos uma nova abordagem. Mas é arriscado tentar algo de novo, é preciso possuir-se autoconfiança, desenvolvida a partir de uma consciência interior e da auto-estima". (SCHÖN, 1997, p. 85-86)

[11] Perrenoud, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

Dessa forma, completamos que a profissão docente representa um desafio. A formação inicial fundamenta a prática do professor, porém, nem todas as respostas se concentram nela. O acaso, a intuição e até mesmo as dúvidas, muitas vezes temidas, tem um papel decisivo no processo de ensinar e aprender, de forma que não devemos negar as inseguranças que se apresentarem.

3.3 MARIANA SOARES LEME

Descrevendo

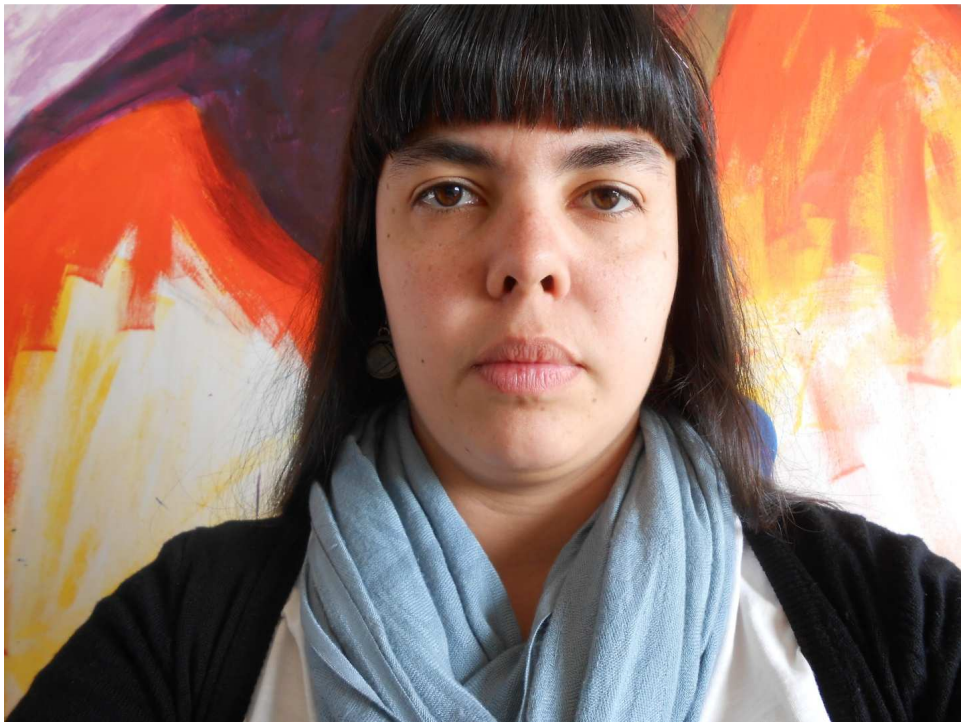


Figura 14 - Mariana Soares Leme
Fonte: Acervo pessoal da entrevistada

Mariana é professora da rede Municipal de Ensino em Campinas e leciona há 3 anos na EMEF Padre Narciso Vieira Ehremberg, para o ciclo I e II e para a EJA.

Formada em Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais pela Unicamp desde 2009.

Figura 15 - EMEF Padre Narciso Vieira Ehremberg
Fonte: Arquivo da autora

Em sua entrevista, Mariana relata um gosto pela escola desde a infância. Conta que era considerada boa aluna, estudiosa e estudou todo o ensino fundamental na mesma escola, que considerava um espaço de convivência e amizade.

> *Eu acho que eu sempre gostei da escola. Sempre quis, assim. Até antes de eu entrar na escola eu queria estar na escola, eu via meus irmãos na escola, e não via a hora de estar na escola , e a escola era o lugar de encontro, meus 'amigos estão lá, a gente vai fazer coisas juntos'. e assim, na verdade, eu sempre, eu sempre gostei de estudar, não achava nada demais, pegar o caderno, e escrever, e fazer conta*. (LEME, 2013)

Em relação às aulas de Artes, Mariana conta que começou a ter a disciplina na antiga 5ª série. Lembra-se de uma proposta bastante estruturada, com ênfase

nas características formais do desenho, como o ponto, a linha, a cor. Com uma dinâmica de atividades bastante orientadas, Mariana recorda-se de muitos trabalhos ficarem iguais, mesmo comparando os trabalhos do irmão mais velho e os seus.

> *Então, eu comecei a ter aula de arte na antiga 5ª série, que hoje é 6ª série né? No fundamental 2. E aí eram exercícios de coordenação motora, um pouco meio repetição assim, tipo uma, 'ah, você vai fazer linhas diagonais, então só na diagonal'. Aí você enche uma coluna de linhas na diagonal, aí vertical, e era uma aula bem padronizada assim, a professora, ela organizava em pasta. A aula de artes era uma pasta[sic], que ao final do ano você tinha vários exercícios. E era engraçado porque assim, o meu irmão é um ano mais velho que eu, então eu via a pasta de ele eu sabia tudo que eu ia, toda a sequencia de exercícios que ela ia me ensinar no ano que vem. Então eu já batia o olho e sabia o que era, quando ela começava a dar aula eu já sabia o que ela ia ensinar. Cores quentes, cores frias, ela ensinava a linha, o ponto, textura, a gente fazia um exercício de recorte-colagem. Não era nada muito experimental, era bem direcionado, e todos os trabalhos eram iguais*. (LEME, 2013)

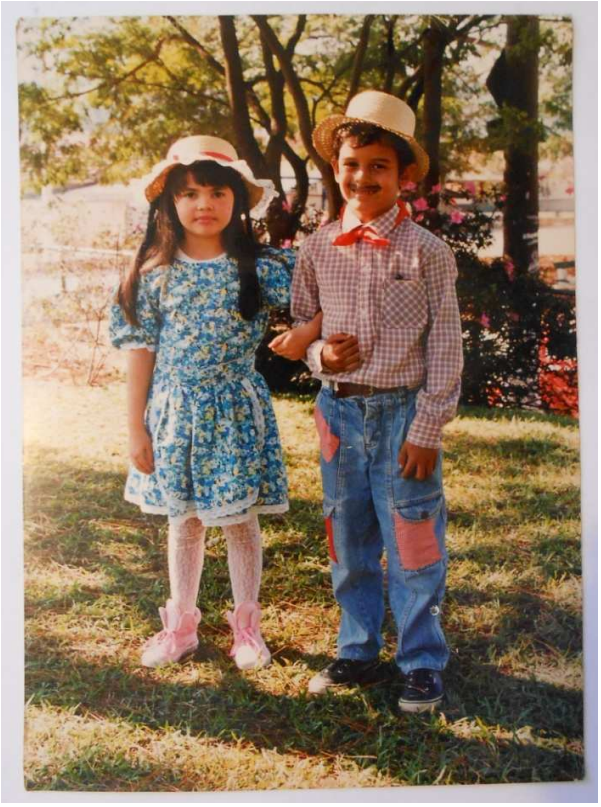


Figura 46 - Mariana na infância, em festa junina com colega da escola
Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Terminado o Ensino Fundamental, a entrevistada seguiu para uma escola técnica, onde fez curso técnico de Saneamento. Era a mesma escola onde o irmão mais velho estudava. Nessa escola era oferecido um curso de teatro, que o irmão já frequentava e a convidou a cursar. Mariana, apesar da timidez, fez e gostou muito do curso, participando durante todo o Ensino Médio. Ela relata que o irmão como foi uma influência muito importante. "*Então tinha essa coisa afetiva, eu e o meu irmão, de eu poder estar junto com ele, porque a gente estudou a vida inteira na mesma escola*" (LEME, 2013).

A expectativa de Mariana não era seguir os estudos e fazer uma faculdade. Via os cursos como muito concorridos e queria se dedicar ao mercado de trabalho. Por indicação de um primo, ela mudou de ideia, fez um curso para a prova de aptidão e entrou no curso de Artes Visuais da UNICAMP. Na fala da entrevistada surge o pouco incentivo dos pais para fazer um curso superior, pois não cursaram uma faculdade.

A professora conta que o curso tinha uma divisão equilibrada entre teoria e prática. Houve disciplinas como gravura, pintura, história da Arte. O estágio foi realizado em uma escola de Educação Infantil, onde Mariana teve observação e regência. A busca pela licenciatura surgiu pelo interesse da entrevistada em prestar concurso público.

Depois de formada, a professora ingressou em uma escola particular de Jundiaí, onde trabalhou alguns meses Também trabalhou no ateliê de uma ONG. Prestou concurso público para a Rede Municipal de Campinas, na qual trabalha atualmente.

Mariana descreve uma rotina de trabalho bastante desgastante. Conflitos e agressões são relatados como parte do comportamento de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A organização do trabalho também é um ponto de reflexão,pois na ONG havia maior disponibilidade de tempo, na escola há um tempo muito delimitado para cada disciplina, o que leva a um trabalho bastante direcionado pelo professor, mudando as escolhas de trabalho, seja para dar tempo de terminar a proposta em 50 minutos, seja para evitar sujeira ou dispersão dos alunos.

A professora também coordenou um projeto de pinturas murais nas fachadas das casas de alunos moradores do bairro. Os alunos usaram a técnica do stencil para pintar os muros dos arredores da escola.

Figura 17- Foto da fachada de uma das casas participantes do projeto "Pintura na fachada"
Fonte: http://pinturanafachada.wordpress.com[12]

As escolhas didáticas de Mariana também se devem a um olhar multicultural a suas turmas. A entrevistada relata que a cada trimestre letivo desenvolve um tema: no primeiro, a cultura indígena; no segundo, a cultura nordestina e no terceiro, a cultura afro-brasileira.

Por fim, a professora relata que está em estágio probatório na Rede Municipal, ou seja, nos três primeiros anos de trabalho o servidor é avaliado por sua assiduidade e cumprimento de deveres. Mariana afirma que também está avaliando se quer permanecer como professora, é também um estágio probatório para ela.

Nesse caminho de se aprimorar como professora, Mariana busca muitos cursos, dentro e fora da prefeitura, procurando vários artistas e coletivos. Os temas são diversos, como bonecos de papel machê, música, teatro e cenografia.

Analisando e Interpretando

As memórias escolares de Mariana passam pelo desejo de frequentar a escola, e a visão desse espaço como sinônimo de acolhimento. Porém, sua prática

[12] Disponível em: <http://pinturanafachada.wordpress.com/2011/11/25/oficina-dia-25-de-novembro/.> Acesso em: 30 mai. 2013.

como professora mostra exatamente o oposto, atualmente. A violência no espaço escolar é uma constante no Brasil e a escola de Mariana não é diferente. "*a escola, hoje, foi o lugar que eu mais presenciei violência na minha vida*"

Os crescentes casos de agressão entre alunos e a professores nos indicam que não se trata de casos isolados. Não há preparo do professor para intervir nos conflitos e há pouco apoio dos superiores diante de uma situação que jamais deveria acontecer num ambiente de estudo.

Augusto Rodrigues, fundador das escolinhas de Arte do Brasil, afirma:

> A Escola deveria ser a oficina de construção da paz e só o será quando aberta ao diálogo, aos sentimentos de solidariedade, ao invés de escola de monólogo e competição. Por outro lado, para que essa escola atenda de fato ao às necessidades básicas da criança, será imprescindível que, a exemplo de Gandhi, possa levá-la, pela palavra e ação, a refletir sobre si mesma e sobre o outro, mesmo quando esse outro não estiver ao seu lado. (BRITTO, 2008, p.122)

O enfoque multicultural de Mariana pela valorização da cultura indígena e afro-brasileira segue a indicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que dispõem sobre o ensino de cultura afro-brasileira e cultura indígena nas escolas. As diretrizes curriculares de ensino da PMC também enfatizam a presença desses componentes no currículo. Há uma proximidade entre as divisões trimestrais e as datas comemorativas escolares. No primeiro trimestre letivo é comemorado o dia do índio (19 de abril); no segundo trimestre letivo as festas juninas, de grande influência nordestina; no terceiro trimestre o dia da consciência negra. Pela entrevista de Mariana, não podemos apontar relação entre as escolhas culturais e as efemérides citadas. Porém, em muitas escolas existe uma crença de que o professor de Artes deve produzir trabalhos voltados para as datas comemorativas, muitas vezes com o intuito de enfeitar a escola. Essas atividades nem sempre tem relação com o planejamento do educador ou o projeto político-pedagógico da instituição, mas continuam persistindo como prática em nosso país.

A entrevistada afirma a opção por trabalhar com esses três grupos étnicos pela composição cultural (racial, ascendência, familiar) de suas turmas. Essa escolha de focar em seu público pode atender a um anseio de promover o entendimento entre os alunos, melhorando a convivência pacífica.

> A educação multicultural é, então, definida como competência em múltiplas culturas e para todos(as) os(as) estudantes. Para a antropologia, cruzar fronteiras culturais tem sido, há muito tempo, um método para promover harmonia intergrupos. Em um mundo cada vez mais em conflito, a educação multicultural busca a preservação da cultura e da harmonia através do desenvolvimento das competências interculturais. Os autores consideram como competências interculturais o conhecimento e a capacidade de lidar com os códigos culturais de outras culturas, bem como a compreensão de como ocorrem certos processos culturais básicos, e o reconhecimento de contextos macroculturais onde as culturas se inserem, como é o caso da arte. (RICHTER, 2003, p.26)

Assim, compreendendo a própria cultura e reconhecendo a cultura de outrem, os educandos poderiam lidar melhor com a diversidade cultural, diminuindo conflitos.

Fundamentando

De acordo com a APEOESP, 57% dos professores da rede estadual de São Paulo consideram as escolas violentas (pesquisa “violência nas escolas”). Na rede municipal não há dados oficiais. Foi criado um programa com objetivo de diminuir a violência e ensinar o professor a mediar conflitos. (REDE ESTADUAL, 2013)

Inúmeras pesquisas apontam a questão da violência nas escolas. O conflito é evidente nas falas de muitos professores, como também no relato de Mariana. Porém, além da violência escolar, outra questão se evidencia: é papel do professor resolver problemas de ordem pessoal e familiar do aluno?

Quando Mariana retoma sua experiência como aluna, as aulas de artes focadas nos elementos visuais, encontramos uma visão modernista do ensino de arte, que tenta “universalizar” a arte de acordo com parâmetros eurocêntricos.

> No ensino das artes visuais, essa visão modernista do “universal” foi repassada por meio do estudo dos elementos da linguagem, quais sejam, a linha, a forma, a cor, o espaço, bem como o equilíbrio, o ritmo, a composição. Esses elementos

> eram considerados na sua "universalidade" e, portanto, ensinados de forma totalmente descontextualizada, com a preocupação de propiciar e desenvolver nos(as) alunos(as) a apreensão e o domínio da linguagem da arte (RICHTER, 2003, p. 42)

Dessa forma, o ensino de cada elemento, isoladamente, nos leva a uma ideia de uma suposta arte universal, porém, com parâmetros eurocêntricos.

A proposta de Mariana, de enfocar a cultura brasileira nordestina, indígena e afro-brasileira é o que Richter (2003) descreve entre Os cinco níveis que Barbanell identifica como aprofundamento multiculturaL – infusão.

DaMatta (1994 apud RICHTER, 2003, p. 89)[13] descreve o mito das três raças formadoras: a branca, a negra e a indígena, como origem da nação brasileira.

> Ele [o mito das três raças formadoras] nos conduz ao mito da democracia social, ele nos faz crer que esses contingentes humanos se encontraram, sem muitos problemas, e se miscigenaram formando uma nação brasileira igualitária e justa (RICHTER, 2003, p. 89)

Essa visão de que a miscigenação é algo harmônico também está presente na escultura "As três Graças", de Victor Brecheret, que é do período modernista. A obra, feita em terracota, produzida por volta de 1930, retrata três mulheres, uma ocidental, uma oriental e uma negra, todas em pé, sobre uma base arredondada, em disposição também circular, com os braços tocando umas às outras. O artista retoma o tema grego, porém, com a visão nacionalista da época, que exaltava as diferentes etnias como componentes da nação brasileira.

[13] DaMatta, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Figura 18 - "As três graças", de Victor Brecheret
Fonte: MAC virtual[14]

Também escreve Mário de Andrade, em seu romance Macunaíma, a respeito das raças formadores do Brasil.

> Uma feita a Sol cobrira os três manos duma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. Porém no rio era impossível por causa das piranhas tão vorazes que de quando em quando na luta pra pegar um naco de irmã espedaçada, pulavam aos cachos pra fora d'água metro e mais. Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que-nem a marca dum pé-gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas.

[14] Disponível em: <http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/percursos/percursos_brecheret_2.asp>. Acesso em: 16 jul. 2013.

> Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os
> lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou:
> — Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz.
> Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso
> ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa. Macunaíma teve dó e consolou:
> — Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas!
> E estava lindíssima na Sol da lapa os três manos um louro um vermelho outro negro, de pé bem erguidos e nus. (ANDRADE, 1988, p. 37-38)

A presença constante do mito das três raças formadoras nessas obras modernistas demonstra a influência desse pensamento em nossa sociedade, muito embora a visão de Mário de Andrade seja provocativa.

Mariana acrescenta ainda que trabalhou em uma ONG, com um projeto de ateliê de artes visuais. De acordo com Carvalho (s.d.) a ausência de ações do poder público para atender adequadamente a população, no que tange à educação e saúde, fez com que tenham surgido no país um número crescente de Organizações Não-Governamentais. Para a autora, muitas ONGs investem no ensino da Arte. Dentre os motivos destacados pelas ONGs pesquisadas para esta escolha, Carvalho destaca a importância de dar acesso aos bens culturais, fortalecimento da autoestima, possibilidade de formação profissional no ramo artístico e desenvolvimento da capacidade cognitiva.

> O fortalecimento da autoestima, valor considerado fundamental para trabalho das ONGs, está diretamente ligado à qualidade do ensino. A capacidade de se expressar com qualidade estética melhora a opinião que os educandos fazem deles mesmos. (CARVALHO, s. d., não paginado)

Assim, concluímos que, além de suas vivências escolares, o trabalho de Mariana em ONGs influenciou sua prática docente, revelando uma preocupação

social. O questionamento diante da violência, a valorização da cultura popular e a procura por diferentes cursos de arte demonstram a preocupação da arte-educadora em acolher a diversidade presente na escola.

3.4 AMILTON LUIS FIM LIMA

Figura 19 - Amilton Luis Fim Lima
Fonte: acervo pessoal do entrevistado

Descrevendo

Amilton é professor de Artes da Rede Estadual Paulista de ensino há 23 anos. Leciona para turmas de Ensino Fundamental ciclo I na Escola Estadual Prof. José Vitório Antônio Zamarion, em Campinas, há oito anos. Nesse mesmo período, é formador de professores da Rede Municipal de Campinas pelo CEFORTEPE. É graduado pela PUCCAMP em Artes Visuais com habilitação em Desenho Técnico.

Figura 20 - EE Professor José A. Zamarion
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Amilton revela-se envolvido com as Artes Visuais desde a idade escolar. O professor conta que participava de concursos de cartazes promovidos pela escola, e vencia, sentindo-se entusiasmado.

> *É, participava de concurso, concurso assim... De cartaz, sabe? Que a escola tem. Aí eu participava dos concursos, ganhava os concursos, me sentia estimulado. Percebi que o meu caminho era esse*. (LIMA, 2013)

Figura 21 - Amilton e sua professora Mirlei na formatura do Parque Infantil
Fonte: Acervo pessoal do entrevistado

Ao terminar o Ensino Médio e optar pela graduação em Artes Visuais, Amilton relata ter uma grande certeza quanto ao curso que optou. A escolha foi bem recebida pela família, que, embora não conhecesse o curso, o levou para conhecer a faculdade onde estudaria.

> *O contato com os artistas, eu me lembro de professores que falavam do universo da arte, eu gostava de ir na enciclopédia, coisa de velho! [risos] ver enciclopédia, ver aqueles artistas, minha mãe comprava aqueles artistas em banca, e eu ficava vendo, gostava daquilo, e aquilo sempre foi um motivo pra mim, um estímulo pra mim. Em nenhum momento minha família foi contra*. (LIMA, 2013)

Com a graduação em Educação Artística (como o curso era chamado à época), Amilton decidiu prosseguir seus estudos e cursar uma habilitação. Optou por desenho, acreditando se tratar de desenho artístico, mas a habilitação era desenho

técnico, o que, para o estudante foi uma “cilada”, mas decidiu seguir o curso até o fim. O entrevistado relembra a importância do computador nas aulas de graduação, que era ainda uma inovação no final da década de 1980.

Devido ao curso ser uma licenciatura, havia a exigência de estágio, que Amilton cursou no colégio Pio XII, em Campinas. Segundo o professor, o estágio não teve regência, e não foi um momento agradável, pois as aulas eram, na verdade, de desenho geométrico e a professora gritava com os alunos *“o ensino de artes não era valorizado, não sei hoje, mas a professora dava desenho técnico”* (LIMA, 2013)

Essa postura autoritária é rechaçada por Amilton também em sua prática docente. Ele se intitula um “mediador” na sala de aula.

> *Você tem que ir de pouco, você não pode impor os seus conceitos. Você tem que fazer com que você conquiste. Eu sei que na vida talvez seja alguma coisa, mas a partir do momento que eu fiz isso com os alunos, eu me dei muito bem. Conquista, e depois que você conquistou, você pode fazer o que você quiser! [risos]* (LIMA, 2013)

Amilton descreve um trabalho pedagógico que procura ir ao encontro do repertório cultural do aluno, conquistá-lo. Ele ainda frisa que é importante desmistificar o conceito de Arte e dos espaços expositivos, levá-la às pessoas comuns, como no caso do Grafite, que pode ser apreciado no espaço urbano.

Como formador de professores da Rede Municipal de Campinas pelo CEFORTEPE, Amilton desenvolve cursos sobre Arte com os professores de educação infantil. Um das propostas foi montar uma exposição com os trabalhos dos alunos de EMEIs e CEMEIs no Instituto Thomaz Perina.

O artista plástico Thomaz Perina[15] foi uma referência para o professor. Amilton acompanhou a trajetória do artista, visitando suas exposições, admirando seu trabalho, mas sem nunca conhecê-lo pessoalmente.

[15] Thomaz Perina (1920 –2009) foi um artista plástico campineiro. Versátil, era pintor, cenógrafo.

Figura 22 - Thomaz Perina com uma de suas telas
Fonte: Site do Instituto Thomaz Perina[16]

Em relação ao trabalho pedagógico que desenvolve e a sua formação, Amilton afirma ter recebido a influência de Paulo Cheida Sans[17], seu professor durante a graduação:

> *Então ele foi um estimulador.(...)A vida tem estímulos, a gente tem que ter estímulos né, como nós temos que estimular as crianças, a gente tem que ser estimulado também, porque senão... Você fica, chega uma hora que a gente tem que ter... Estímulo pra tudo né*. (LIMA, 2013)

O entrevistado relata que o professor Paulo foi uma referência criativa, e o professor Duílio Battistoni Filho, uma referência teórica.

Outra referência para o trabalho de Amilton é a artista plástica Vera Ferro[18], cujo curso frequenta. Ele afirma ser importante manter-se atualizado, sempre

[16] Disponível em: < http://itp.art.br/site/a-obra/>. Acesso em: 01 jun. 2013.
[17] Paulo Cheida Sans, campineiro, é professor do curso de Artes Visuais da PUCCAMP. É formado em Educação Artística, licenciado em Artes Plásticas e é mestre em Filosofia da Educação pela PUC de Campinas. Dedica-se a gravura.

ampliar seus conhecimentos. Além do curso, o professor é assíduo frequentador de espaços culturais, promovendo, inclusive, excursões com outros educadores. A formação oferecida pela Rede Estadual, segundo Amilton, também é restrita. Ainda assim, ele afirmou ter participado recentemente de um curso voltado para as quatro linguagens artísticas (artes visuais, música, dança e artes cênicas). O professor relata a dificuldade de trabalhar com linguagens diferentes daquela que foi graduado, já que sua formação não foi polivalente.

Analisando e Interpretando

Ainda que sua fala revele muitos desafios da arte-educação contemporânea, ela transparece com um verdadeiro gosto por ensinar, pelo universo artístico. A mediação entre o professor e o aluno, entre diferentes concepções de cultura e arte.

A questão da polivalência é um tema muito debatido dentro das redes Estadual Paulista e Municipal de Campinas. O Caderno do Professor, material do Estado, e as diretrizes curriculares da SME de Campinas indicam um trabalho com as quatro linguagens. A busca por outros cursos pode ajudar o professor a compreender outra linguagem, mas supre a necessidade de uma formação, uma graduação específica?

Araújo (2009) aponta que as licenciaturas com caráter polivalente começaram a desaparecer na década de 1980. A autora também sinaliza que muitas prefeituras e estados ainda não dispõem de concursos públicos de seleção de professores de Artes separados por habilitação, sendo comum que as provas sejam polivalentes. Ainda se espera que o professor domine diferentes áreas artísticas e seja capaz de ensinar todas, mesmo quando sua formação é específica.

De que forma a polivalência presente em tantos cursos de Artes pode contribuir para esse ensino de Artes plural?

O estímulo que Amilton menciona vem de seus mestres (Cheida, Battistoni), na universidade, da relação com outros artistas plásticos (Perina, Ferro), mas

[18] Vera Ferro, artista plástica carioca radicada em Campinas. Formada pela FAAP, ministra cursos de gravura, arte contemporânea e aquarela em seu ateliê. Site: http://www.veraferro.com.br/site/default.asp

também de sua busca pela atualização em diferentes espaços artísticos. Esse entusiasmo alimenta sua relação com os alunos.

O entrevistado relembra o quanto é delicado trabalhar com criança, pela especificidade da linguagem infantil, da maturidade emocional do aluno exigir um tratamento diferente daquele dado aos adolescentes. Há uma cobrança de Amilton pela preparação. Há, nas universidades, uma preparação conteudista, mas o pedagógico, até mesmo o preparo didático fica em segundo plano. E nas escolas também não há uma figura (um coordenador ou diretor) que ajude o professor a lidar com essa transição.

Percebe-se, na fala de Amilton, uma sensação de leveza. Seu trabalho é descrito com entusiasmo, pela fala recheada de risadas percebe-se a descontração com que fala até mesmo de suas dificuldades como professor ou estudante.

Fundamentando

Amilton relata em sua entrevista uma formação em Licenciatura em Artes Visuais, com habilitação em desenho. Essa habilitação foi descrita pelo entrevistado como técnica, com o uso de programas computacionais voltados para o desenho arquitetônico. Em relação a sua formação, o professor afirma:

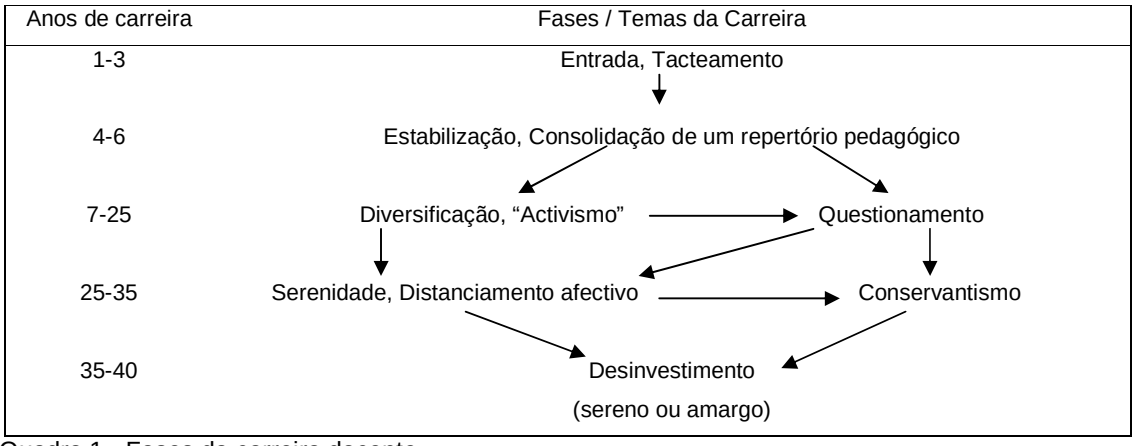
> *Na minha época era voltada pro... Visuais. E tava começando o universo das novas tecnologias. E começando o computador na universidade, parecia um bicho de sete cabeças, a gente via, jovens trabalhando, estudando, tal, e a gente tinha essa dificuldade, né. Que eu fiz artes visuais e na época tava começando essa ideia de computador. E eu vejo hoje computador como uma ferramenta interessante pra trabalhar em sala de aula. Pra estar inovando, colocando outras propostas, enfim. Hoje já é uma coisa comum, naquela época era uma coisa... [a habilitação em desenho] Foi muito chata. Porque fica uma coisa muito técnica. Hoje eu não sei se existe mais, talvez não exista agora. As faculdades se estruturaram de forma diferente*. (LIMA, 2013)

Amilton enfatiza a novidade que era o computador, porém era uma ferramenta voltada para o desenho técnico, que não foi de agrado do professor. Em relação aos cursos de formação de professores de Artes, Oliveira afirma:

> A maioria de nossos cursos de licenciatura ou graduação em Artes Visuais, nos quais potenciais artistas e professores buscam uma formação, comporta tanto procedimento de Ensino da Arte oriundos das escolas de belas-artes do século XIX quanto incorporações das tecnologias computacionais de última geração ou procedimentos contemporâneos de produção artística, sem que se estabeleça um diálogo claro entre conceitos, procedimentos, ou discursos históricos. O quadro que pude apontar da perspectiva discente nos anos 1980 é ainda um campo de batalha no início do século XXI (OLIVEIRA, 2010, p.48)

Percebemos na fala de Amilton, aos 23 anos de carreira docente, a demonstração de um grande entusiasmo.

De acordo com Huberman (2007), a carreira docente passa por diferentes fases ao longo do tempo de serviço.



Quadro 1 - Fases da carreira docente
Fonte: Huberman (2007, p. 47)

Observando o Quadro 1, podemos compreender a evolução da carreira docente conforme a passagem dos anos. O autor afirma que o início da carreira docente é marcado por um tateamento, um início de incertezas e sondagem, durante os 3 primeiros anos. Após esse estágio inicial, vemos a estabilização, ou seja, o período entre os 4 e 6 anos de magistério em que o professor sente mais segurança, consolidando um repertório pedagógico. Entre os 7 e 25 anos de trabalho, os

professores podem se dividir em dois grupos, um que é marcado pela diversificação, uma forte atuação e motivação na escola, e outro grupo em que o questionamento se faz presente, fase que pode suceder o ativismo. Posteriormente, entre 25 e 35 anos de carreira, pode haver um período de serenidade e distanciamento dos alunos; pode haver um conservantismo, uma visão negativa das políticas educacionais, dos alunos e dos colegas; ou até mesmo uma fase após a outra. Por fim, próximo da aposentadoria, os professores se encontram na fase de desinvestimento, na qual se voltam não mais para a carreira, mas para si próprios.

De acordo com o autor, podemos afirmar que Amilton encontra-se na fase chamada de Diversificação. Nota-se o empenho que o professor relata em fazer atividades diferentes, a atenção com que ouve seus alunos e a busca constante por aprimoramento.A respeito dos professores que se encontram nesse estágio, Huberman (2007) afirma:

> As pessoas lançam-se, então, numa pequena série de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, a forma de agrupar os alunas, as sequências do programa, etc.(...) Os professores, nesta fase das suas carreiras, seriam assim, os mais motivados, os mais dinâmicos, os mais empenhados nas equipas pedagógicas ou nas comissões de reforma (oficiais ou “selvagens") que surgem em várias escolas. (HUBERMAN, 2007, p. 41-42)

Essas experiências pessoais surgem quando Amilton descreve, por exemplo, seu trabalho com os alunos do Ensino Fundamental I, aproximando-se das experiências pessoais dos alunos e abrindo espaço para expressarem seus gostos musicais na aula de Arte.

A inovação e a busca por outras referências artísticas e pedagógicas marcam a fala do entrevistado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os entrevistados são educadores, homens e mulheres, que trabalham em Campinas e região em escolas públicas, estaduais ou municipais, do Ensino Fundamental à Educação de Jovens e Adultos. Suas principais experiências formativas concentram-se entre o Ensino Fundamental II e a Graduação.

Observando as entrevistas dos educadores escolhidos, podemos observar os seguintes dados:

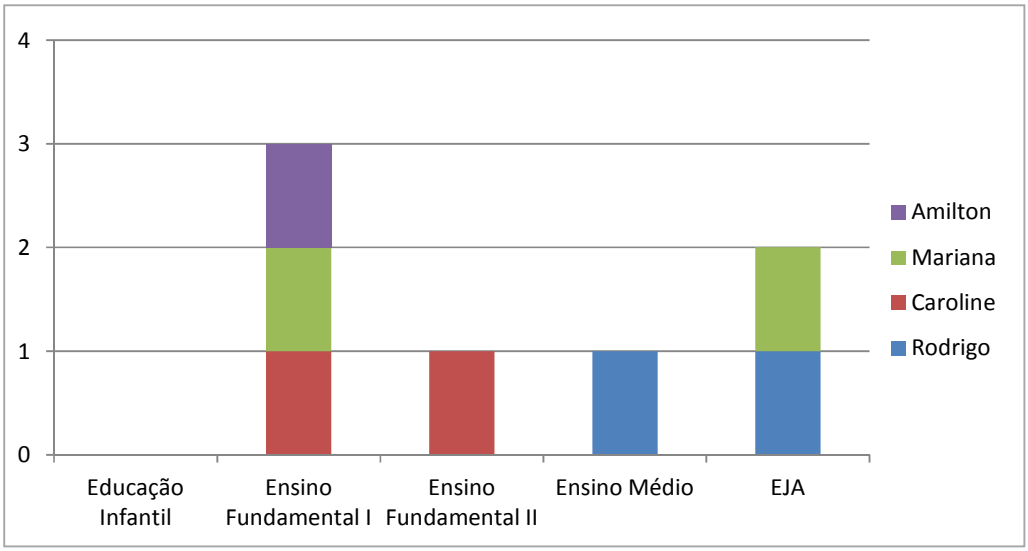


Gráfico 1 - Nível da Atuação docente atual

Atualmente, os docentes entrevistados concentram suas atividades no Ensino Fundamental, Médio e na EJA. Nenhum dos entrevistados leciona na Educação Infantil. Amilton ensina crianças do Ensino Fundamental I (fase que abrange do 1º ao 5º ano), Caroline trabalha com Ensino Fundamental I e II. Mariana leciona tanto no Ensino Fundamental I quanto na EJA. Rodrigo, o único a dar aulas para o Ensino Médio, também atua na EJA.

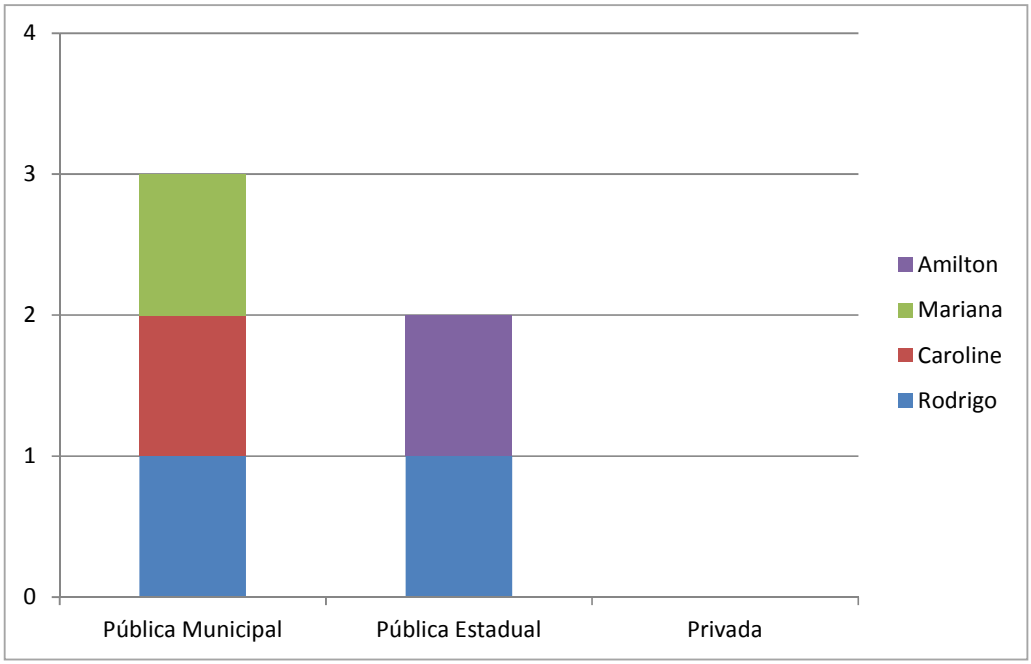


Gráfico 2 - Rede em que os entrevistados atuam

Neste gráfico podemos observar que todos os entrevistados lecionam em escolas públicas, nenhum na rede privada. Mariana e Caroline trabalham apenas na rede municipal de ensino de Campinas. Amilton leciona apenas na rede estadual (trabalhando no serviço municipal como formador de professores). Rodrigo concilia as duas redes.

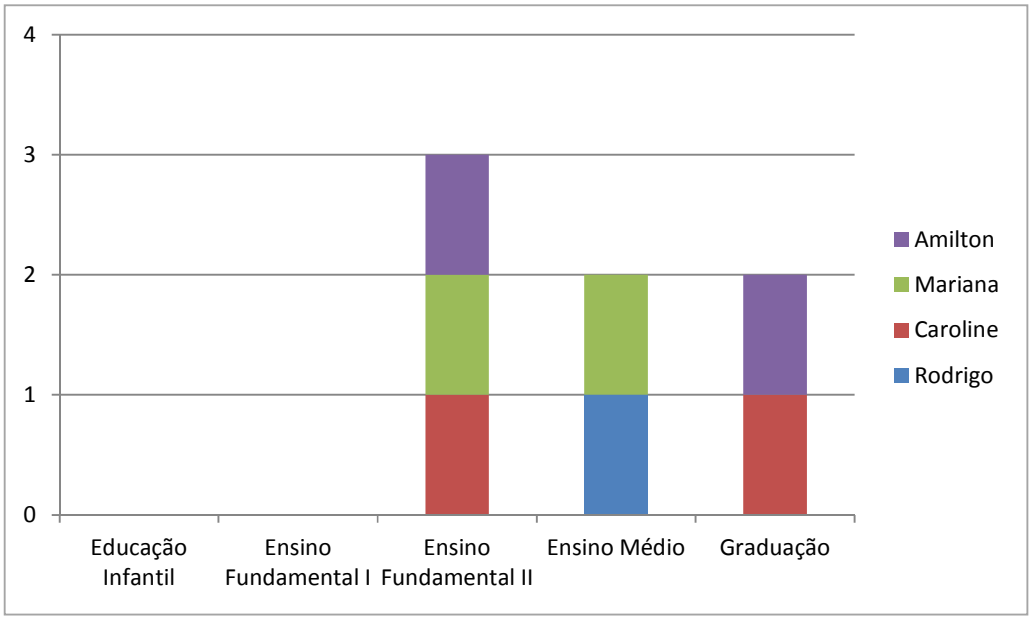


Gráfico 3 - Nível educacional em que as principais experiências formativas relatadas aconteceram

Podemos perceber que as experiências mais marcantes, relacionadas ao universo escolar, relatadas pelos entrevistados, concentram-se entre o Ensino Fundamental II (período que compreende do 6º ao 9º ano) e a Graduação. As experiências formativas de Amilton e Caroline deram-se tanto no Ensino Fundamental II quanto na Graduação. As lembranças principais de Mariana ocorreram no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Já para Rodrigo, os momentos decisivos ocorreram no Ensino Médio e na Graduação.

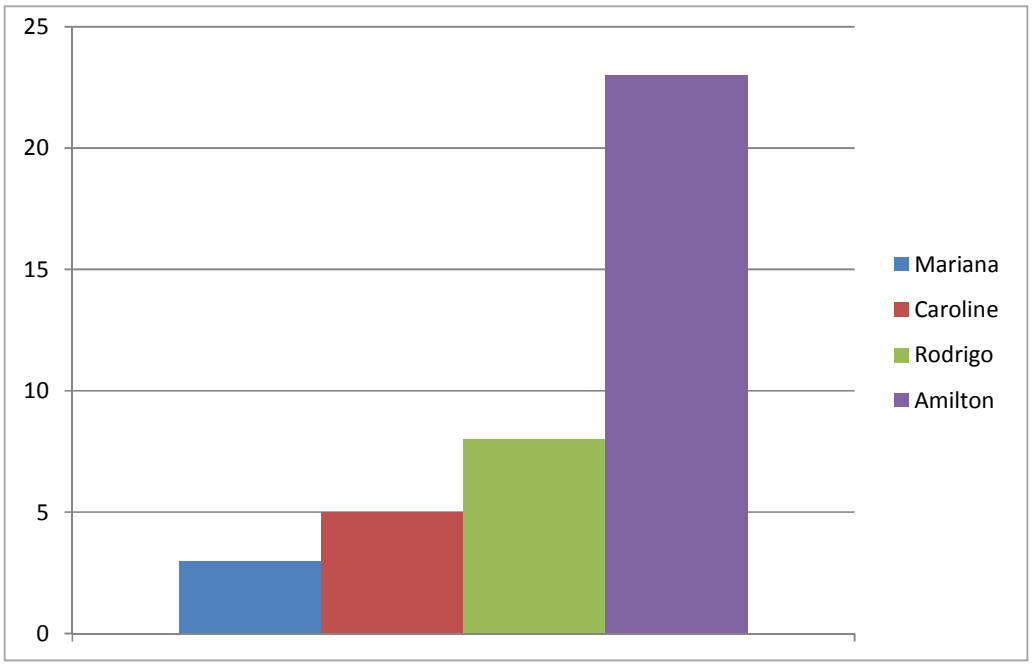


Gráfico 4 - Tempo em que os educadores atuam na Educação Formal (em anos)

Percebe-se três educadores (Mariana, Caroline e Rodrigo) com experiência na educação formal menor que 10 anos. Amilton, com grande diferença, leciona há 23 anos.

Nota-se que, embora existam diferenças entre a formação, origem e idade, além de divergências quanto a metodologias de ensino, entre os professores existe afinidade em relação a muitos aspectos. Um deles diz respeito à importância da formação inicial, seja enaltecendo os professores universitários (Amilton), valorizando o currículo (Caroline, Mariana) ou a iniciação científica (Rodrigo). Vê-se que a procura por cursos, de curta ou longa duração, pós-graduação ou prática artística são unanimidade. A formação continuada é uma das formas do professor

refletir quanto ao seu trabalho e seu cotidiano. Além disso, a formação contribui para ampliar os conhecimentos da formação inicial e sanar possíveis dificuldades, como ajudar a lidar com linguagens diferentes da formação inicial (Amilton, Mariana). Os problemas enfrentados em sala de aula também são pontuados por todos os entrevistados, seja em relação à violência (Mariana), relação com gestores e colegas de trabalho (Mariana, Amilton, Rodrigo), condições do ambiente de trabalho (Mariana) ou alunos com dificuldades de aprendizado (Caroline).

Entre os entrevistados verifica-se grande diferença em relação ao tempo de serviço. Mariana atua há três anos como professora, Caroline leciona há cinco anos, Rodrigo está na educação formal faz oito anos e Amilton ensina há 23 anos.

Para Huberman (2007), a profissão de professor possui em seu desenvolvimento um ciclo composto por diferentes momentos conforme os anos de serviço. Dentre os períodos existem os seguintes momentos: tateamento, estabilização, diversificação ou questionamento, serenidade ou conservantismo e desinvestimento (sereno ou amargo). Essas fases não são completamente sucessivas, sendo possível um professor ir da estabilização para o questionamento, sem passar pela diversificação, por exemplo.

Podemos observar então que Mariana encontra-se no estágio inicial. Em sua fala percebemos que existe uma avaliação quanto a continuar lecionando ou seguir por outros caminhos, o tateamento.

Caroline, de acordo com a tabela, encontra-se na estabilização, ou seja, conciliando seu repertório pedagógico e lecionando com mais segurança.

Para Rodrigo, em 8 anos de carreira docente, podemos atribuir a fase de questionamento, tanto em relação à carreira quanto à formação e a políticas públicas. Porém, ainda assim, sua forte atuação na escola pode colocá-lo na fase de ativismo.

Já para Amilton o ativismo fica mais claro. Tanto pela busca por diferentes formações quanto pela euforia em que descreve suas aulas.

Tanto Rodrigo quanto Caroline relatam um sentimento de negação à carreira docente. Rodrigo afirma que não queria trabalhar na educação pública, nem prestar o concurso para professor do Estado. Caroline afirma que, após dar poucas aulas como professora eventual, não gostaria de seguir o magistério. Apesar da negação inicial, ambos seguem lecionando.

A incerteza quanto a abraçar a docência também surge no discurso de Mariana. A professora afirma que o estágio probatório também é um período em que ela própria pensa a respeito de continuar como professora e avaliar suas decisões profissionais. A indecisão, porém, é o contrário do que vemos no relato de Amilton, que declara ter optado pela docência desde os 18 anos, estando muito firme em sua decisão. Podemos atribuir esse titubear dos professores mais jovens ao desprestígio que a carreira docente tem tomado. (LIRA, 2012).

De acordo com Lira (2012) os salários baixos oferecidos ao magistério são a causa da pouca atratividade da profissão. Segundo o autor, poucos formados em licenciaturas seguem para a carreira docente.

De acordo com Martins (2013) a carreira docente ocupa a 27ª colocação em remuneração entre 32 profissões no ramo de Ciências e Artes. Os poucos investimentos salariais são corroídos pela inflação. Muitas vezes, os governos criam bonificações pelo desempenho dos alunos ao invés de melhorar o salário, o que termina penalizando os docentes que trabalham em áreas de vulnerabilidade social. Isso leva a muitos recém-formados nos cursos de licenciatura a prestarem concurso público para a Receita Federal ou para bancos estatais.

Para Caroline e Rodrigo, a experiência em sala de aula regular não começou imediatamente após a formatura na universidade. Caroline participou de projetos. Rodrigo foi professor e coordenador de projetos numa ONG.

Existem muitas diferenças entre o ensino formal e não formal. Além dos diferentes mantenedores, a educação formal se baseia em diferentes graus, compostos por ciclos e anos, com separação etária, divisão entre disciplinas e uma grade curricular orientada pelo Ministério da Educação.

Por sua vez:

> A educação não formal distribui-se em diversos campos. Inclui desde as ações das comunidades, dos movimentos sociais até as organizações não governamentais e instituições culturais. Enquanto no ensino formal o ponto central é a formação do aluno, principalmente no que se refere ao acesso aos conhecimentos historicamente sistematizados e transmitidos em uma determinada sequência estabelecida pela escola, na educação não formal as instâncias podem traçar um programa de aprendizagem que seja significativo para determinados grupos que se formaram em função de demandas comuns. (CARVALHO; CAROLINO, 2010)

Para Caroline e Rodrigo, a escolha profissional por um curso de Educação Artística deveu-se ao gosto por desenhar, revelando um incentivo familiar à expressão artística, seja pela compra de cadernos de desenho, no caso de Caroline, ou livros sobre o tema, como ocorreu com Rodrigo. Mariana e Amilton também afirmam não terem sofrido objeção por parte da família.

> Ser professor ou fazer carreira na educação está fora de cogitação para os jovens da classe média e alta. A visão generalizada que se tem é a de que esta é uma profissão que não oferece um bom futuro devido às péssimas condições de trabalho e de remuneração. A este fato se soma o preconceito de que esta é uma profissão para os menos favorecidos economicamente que não tiveram acesso a uma educação de boa qualidade, aqueles a quem não resta alternativa. (LIMA, 2006 apud MAGALHÃES, 2012, p.201)[19]

Analisando as entrevistas, podemos perceber a influência que outros professores causaram na carreira docente dos entrevistados. Seja pelo estímulo ao fazer artístico que despertaram, levando ao desejo de fazer o curso de Educação Artística ou de Artes Visuais, seja pela recusa dos modelos didáticos apresentados na infância, existe grande importância ao que Furlanetto chama de “matrizes pedagógicas”.

> Ao retornarmos às matrizes pedagógicas, desconfigurando-as por vezes, reconfigurando-as em outros momentos, ressiginificando-as sempre, acreditamos que podemos desencadear movimentos de regeneração e transformação. Esse processo pode ser vivido desde que o sujeito vivencie situações que o levem a investigar esses nichos para que ele possa retornar transformado dessa exploração (FURLANETTO, 2004, p. 32)

A organização do trabalho também é um ponto de reflexão de Mariana e Amilton. Na escola há um tempo muito delimitado para cada disciplina, o que resulta em práticas mais direcionadas ou um recorte artificial da disciplina, ao contrário da vida, em que os conhecimentos são multidisciplinares.

---

[19] LIMA, Janice S. Souza. A educação museal no enfrentamento das relações de poder.In: MOKARZEL, Marisa (org.). **Artes visuais e suas interfaces**. Belém:Unama, 2006, p.21-30.

A busca por formação é uma constante na fala dos quatro arte-educadores. Fica claro que a formação não se completa na graduação, sendo necessário envolver-se com arte, participar de cursos, grupos de estudo e aprofundar seus conhecimentos.

> A formação é uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro...a experiência formativa e a experiência estética não são transitivas... não vão de alguém para alguém, mas acontecem a alguém com alguém (LARROSA, 2003)

É possível perceber que a formação de um arte-educador é ampla. Suas experiências pessoais, formação básica, professores, família e mídia influenciam sua trajetória, acrescentando novos saberes, influenciando gostos e definindo rumos. A formação continuada é essencial, tanto na aprendizagem de diferentes técnicas e modalidades artísticas, quanto na fruição e na troca com seus pares.

A formação se dá com alguém (LARROSA, 2003) que pode ser a família, o professor de artes na infância e na adolescência, o professor universitário e também entre outros profissionais nos contextos de formação continuada.

O contínuo aprofundamento também se dá, para os entrevistados, na visita a exposições, galerias, museus, teatros. O arte-educador se alimenta de Arte.

> Venho freqüentemente usando o termo “atualização de professores” para designar a educação permanente que deveria ser propiciada pelo Estado àqueles que são responsáveis pela educação de crianças e jovens. Prefiro a expressão “atualização de professores” à fórmula mecanicista “reciclagem de professores” (professor não é máquina), porque a palavra atualização tem várias conotações que reforçam a ideia de educação como processo de liberação (BARBOSA apud SILVA; ARAÚJO, 2010, p.164).

A formação inicial é mencionada como muito importante nos relatos. A respeito da formação de professores no Brasil, de acordo com Paula Louzano:

> Para ser professor na Finlândia, hoje, é necessário um curso de nove mil horas, com sete anos de duração, sendo que um terço delas corresponde a uma espécie de residência pedagógica: o futuro professor estagia em uma escola onde um

> professor tutor se responsabiliza junto com a universidade por sua formação.
> O Brasil especifica pouco seu currículo e forma muito mal seus professores — hoje 30% das matrículas nos cursos de formação de professores são à distância —, ou seja, esperamos que professores mal formados, que muitas vezes têm pouco domínio do conteúdo ser ensinado, tenham autonomia total. (GOIS, 2013[20])

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a discussão entre os professores, a partilha de vivências, é necessária para o aprofundamento pedagógico, para a compreensão do educar.

> A prática de todo professor, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina sua compreensão dos papéis de professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e dos conteúdos a serem trabalhados. A discussão dessas questões é importante para que se explicitem os pressupostos pedagógicos que subjazem à atividade de ensino, na busca de coerência entre o que se pensa estar fazendo e o que realmente se faz. Tais práticas se constituem a partir das concepções educativas e metodologias de ensino que permearam a formação educacional e o percurso profissional do professor, aí incluídas suas próprias experiências escolares, suas experiências de vida, a ideologia compartilhada com seu grupo social e as tendências pedagógicas que lhe são contemporâneas.” (BRASIL, 1997, p.30)

Observamos que a experiência é pessoal, única. Mas deve ser compartilhada para que haja crescimento entre os pares. De que forma os professores compartilham essas experiências? A jornada do professor muitas vezes é extensa e acontece em diferentes escolas. O TDC/HTPC (Trabalho Docente Coletivo e Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo, reuniões semanais de professores e coordenadores promovidas na escola) é formulado para a troca? Há grupos de estudos? Há troca online entre os professores? Qual é o espaço da reflexão? Como refletir numa jornada de 64h/aula?

---

[20] Paula Louzano, professora da USP e doutora em Educação pela Universidade de Harvard, em entrevista a Antonio Gois. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/educacao/brasil-forma-muito-mal-seus-professores-diz-pesquisadora-9033784#ixzz2Zucf8A21>. Acesso em: 16 jul.2013.

> (...) na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (FREIRE, 2002, p.43-44)

De acordo com Zeichner (1993) é necessária a prática reflexiva dos professores, ou seja, o equilíbrio entre reflexão e rotina, em que o professor cria suas teorias sobre sua prática.

> [...] concentram-se muitas vezes esforços a ajudar os professores a imitarem melhor as práticas sugeridas por invstigações que outros conduziram e negligenciaram-se as teorias e saberes implantados tanto nas suas práticas como nas de outroa professores. Um exemplo desta tendência é a avaliação dos professores, segundo modelos externos alegadamente baseados na investigação (ZEICHNER, 1993, p. 22)

A relação que os entrevistados fazem entre a educação formal recebida e suas propostas pedagógicas também é essencial para entendermos sua noção de formação. Quando mencionam a forma de trabalhar de outros professores, desde sua postura até sua metodologia, traça-se um paralelo entre o que os professores entrevistados consideram pertinente e o que consideram inadequado à sua prática. Ou seja, os educadores formam-se também, com o outro, ainda que seja em tempos distintos.

Assim, como existem similaridades entre os percursos de vida dos professores aqui entrevistados, vejo semelhanças com minha vida. O incentivo familiar, a influência dos professores, a importância da graduação, a insegurança nos primeiros anos de magistério, o lidar com a violência nas escolas, a procura ávida por formação complementar, o questionamento diante das políticas públicas, o encantamento com o aprender e o ensinar.

Dessas entrevistas surgiu uma aproximação com diferentes vozes formando uma trama, uma rede de segurança, na qual posso continuar no trapézio da docência, mas com o amparo que o companheirismo fornece. Ter uma mão que se estende a cada pirueta, faz com que o jogo do magistério seja mais colorido.

Das diferenças entre os pares, vejo que existem outras maneiras de ser professor, outros desdobramentos possíveis.

A retomada das memórias, elaboração das experiências que pode ampliar a consciência do ser professora, do formar-se educadora. Apoderando-me dessas experiências tão subjetivas posso avistar novos caminhos.

pesquisa revela a relevância da formação dos professores, da contínua busca por novos saberes. Além disso, percebemos a importância da reflexão sobre as vivências e sua influência na prática docente. Professores precisam manter-se em constante aprimoramento, fazendo outros cursos, para promover uma formação continuada não apenas voltada para aquisição de conteúdos, mas para repensar as práticas já adotadas, entrando com contato com outros educadores, compartilhando vivências, ouvindo.

É imprescindível proporcionar aos professores esse espaço de escutar, compartilhar e ponderar, seja nas escolas, em suas reuniões semanais, seja nas faculdades, acolhendo professores já graduados, além daqueles que cursam a pós-graduação, seja nos coletivos, ou ainda nos congressos, eventos e cursos. Dar voz ao professor, desenvolver a escuta. Com a escuta atenta, com a troca de experiências e saberes, a prática docente terá mais sentido e será mais autoral, mais genuína e menos banalizadas por políticas arbitrárias, autoritárias e alheias ao processo criador e formador dos professores de Arte.

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

João Cabral de Melo Neto

REFERÊNCIAS

A COR DA CULTURA. **Saberes e fazeres**, v.3: Modos de Interagir. Rio de Janeiro: Fundação Rberto Marinho, 2006.

ANDRADE, Mário. **Macunaíma:** o herói sem nenhum caráter. Edição crítica. Telê Porto Ancona López (org). Florianópolis, Editora da UFRS, 1988. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=Fw05XMI8sU8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 jul. 2013.

ARAÚJO, Anna Rita Ferreira de. Os cursos de formação de professores de artes visuais no Brasil: percursos históricos e desigualdades geográficas. **Anais** da 32ª. Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação**: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 30 jun.2013.

BRITTO, Jader de Medeiros. **60 anos de arte-educação através da escolinha de arte do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora do Livro, 2008.

CAMPINAS. **Diretrizes curriculares da Educação Básica para o Ensino FundamentaL –** Anos Iniciais: Um processo contínuo de Reflexão e Ação: Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico / organização e coordenação: Heliton Leite de Godoy. – Campinas, SP, 2012.

CARVALHO, Lívia Marques. **O ensino de arte em ONGs**: um instrumento para a reconstrução pessoal e social. Disponível em: <http://portal.unesco.org/culture/fr/files/29715/11376615351livia_marques_carvalho.htm/livia_marques_carvalho.htm>. Acesso em: 29 jun. 2013.

CARVALHO, Lívia Marques; CAROLINO, Jaqueline Alves. Abordagem triangular e as estratégias de um educador social. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs). **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

CASTRO, Maia H G. **Professor terá guia para orientar ensino**. 01 de abril de 2008. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=93687&c=559&q=professor-teru-guia-para-orientar-ensino>. Acesso em: 03 jun. 2013.

CHAMLIAN, Helena C. **A gestão do ensino e da Aprendizagem no Projeto Pedagógico**. Curso RedeFor de gestão da Escola para Diretores, Módulo 3. Disponível em: <http://midia.atp.usp.br/impressos/redefor/GestaoDiretores/GEDGes_2011_2012/Gest%E3o_Ensino_Aprendizagem_Completo.pdf>. Acesso em: 30 jun.2013.

CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs). **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

DEWEY, John. Tendo uma experiência. In coleção **Os pensadores**, volume Dewey. São Paulo: Abril cultural, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessáriosà prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002, 24ª edição.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. **Como nasce um professor?:** uma reflexão sobre o processo de individuação e formação. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2004.

GARCIA, Amélia Natalina Constante. **Experiências de vida e formação continuada de arte-educadores**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNESP, 2008. 220p.

GOIS, Antonio. 'Brasil forma muito mal seus professores'. **Jornal O Globo**, 15 de julho de 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/educacao/brasil-forma-muito-mal-seus-professores-diz-pesquisadora-9033784#ixzz2ZFoygE2F>. Acesso em: 16 jul. 2013.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê?** Para uma pedagogia da pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GREEN, Elizabeth. **Construindo um Professor Melhor**. Trad. Guiomar Namo de Mello. The New York Times, 7 de março de 2010. Disponível em: <http://www.fundacaolemann.org.br/uploads/clippings/construindo_um_professor_melhor.pdf>. Acesso em 21 mai. 2013.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NOVOA, Antonio. **Vidas de Professores**. 2ª edição. Portugal: Porto Editora, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2ª edição. São Paulo/Natal: Paulus/EDUFRN, 2010.

LAROSSA, Jorge. **Pedagogia profana:** danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Palestra proferida no 13º COLE-Congresso de Leitura do Brasil, realizado na Unicamp, Campinas/SP, no período de 17 a 20 de julho de 2001. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/atualidade/info/textos/saber.htm>. Acesso em: 20 abr. 2013.

LEME, Mariana Soares. [30 abr. 2013]. Campinas. Entrevista concedida à autora.

LIMA, Amilton Luis Fim. [18 abr. 2013]. Campinas. Entrevista concedida à autora.

LIRA, Davi. Salário de professor em São Paulo é pouco atraente. São Paulo. **O Estado de São Paulo**. 4 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,salario-de-professor-em-sao-paulo-e-pouco-atraente,940071,0.htm>. Acesso em: 30 jun. 2013.

MAGALHÃES, Ana del Tabor Vasconcelos. O estágio curricular na formação docente: um espaço para a pesquisa. **Revista Arte/educação online**. FAEB. v.1, n.1, dez 2012.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens:** uma história de amor e ódio. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

MARTINS, Rodrigo. Aula de Resistência. **Revista Carta Capital**. 22 de maio de 2013. Ano XVIII, Nº 749, p. 24.

NERIS, Rodrigo. [08 abr. 2013]. Campinas. Entrevista concedida à autora.

NÓVOA, António (org). **Vidas de Professores**. Porto, Portugal: Porto editora, 2007.

OLIVEIRA, Mirtes Martins de. História como estratégia: uma apropriação da abordagem triangular para uma educação não conformista. In: BARBOSA, Ana Mae;

OTT, Robert William. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana MaeTavares Bastos (org). **Arte-educação:** leitura no subsolo. São Paulo: cortez, 1997.

REDE ESTADUAL. **Professor Comunitário.** 12 de maio de 2013**.** Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,violencia-nas-escolas-,1031027,0.htm>. Acesso em: 01 jun. 2013

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. **Contemporaneidade (mas não onipotência) do Sistema de Leitura de Obra de Arte Image Watching.** Arte na Escola. 03 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69322&>. Acesso em: 30 mai. 2013.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAÚJO, Clarissa Martins de. A formação de professores para o ensino de artes no Brasil: qual o estado do conhecimento?**Anais** da 31ª. Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2008.

_____. Formação continuada de professores e a Abordagem Triangular de ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

VICENTE, Caroline Elisabeth. [16 abr. 2013]. Hortolândia. Entrevista concedida à autora.

ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores**: ideias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.

ANEXO 1 – Entrevista com Rodrigo Neris

L – Campinas, 8 de abril de 2013. Entrevista com Rodrigo Neris. Só isso seu nome?
R – É só
L – Data de nascimento
R – 22 de dezembro de 1978
L – Onde você leciona
R – Nome da escola? São 3: CEMEFEJA Pierre Bonhomme, CEMEFEJA Sergio Mancini, Prefeitura de Campinas e EE Prof. Heloiza P. M. Lacava, é enorme o nome.
L – Quanto tempo você leciona?
R – Em escola regular desde fevereiro de 2005, ou seja, 8 anos.
L – E nessas escolas?
R – Aqui (CEMEFEJA Pierre Bonhomme) 2 anos. É, eu comecei em 2011, depois 2012, faz 2 anos. E aqui (CEMEFEJA Sérgio Mancini) comecei, é, 1 ano. Não, 1 ano? É. É, 1 ano. E aí (EE Heloiza P. M. Lacava) 8 anos. Na mesma escola.
L – É aqui em Campinas também?
Não, essa é Santa Bárbara d'Oeste.
L – Onde você se formou, Rodrigo?
R – Cidade ou universidade?
L – Universidade.
R – É. Unirp, Centro Universitário Rio Preto, São José do Rio Preto. Unirp. Isso. Centro Universitário São José do Rio Preto. Esse é nome fantasia. Eles não conseguiram virar universidade ainda.
L – Como foi sua formação? Mais teórica, prática?
R – Ahn, foi mais prática.
L – Você se formou em Educação Artística?
R – É.
L – Era o nome do curso, Educação Artística?
R – Sim, infelizmente. Educação artística. Licenciatura plena em educação artística com habilitação em artes plásticas. Mas na verdade ele foi mais um curso de artes plásticas, extremamente prático, cheio de oficinas mais do que teoria, propriamente. Muita coisa eu percebi depois preparando aula assim. Conhecer o que eu tinha experimentado.
L – Você fez uma formação polivalente?
R – Ela se dizia polivalente por ser de Educação Artística, mas de música eu tive só história e evolução da música, um ano; de teatro eu tive expressão corporal e teatral, que era horrível porque a professora, bom, felizmente no ano anterior era um professor do teatro que ele destruía todos os alunos, que ele acabava com todo mundo a ponto das pessoas saírem chorando, gente desistir do curso, que ele falava, que primeiro precisa destruir tudo que a pessoa acreditava na falta de verdade dela, pra depois poder construir alguma coisa de verdade. Em um ano
L – Em um ano
R – Isso por duas três aulas, sei lá quatro. Aí saiu esse louco e entrou a professora de português que era outra louca, só que era uma depressiva, então ela fazia alguns jogos teatrais meio que... porque ela chorava, ela cantava, ela contava da vez que ela apanhou do marido, e ela fazia um momento catártico dela, entendeu. E as vezes as pessoas entravam nessa, parecia mais uma professora de autoajuda do que... era muito estranho.

L – E você fez estágio?
R – Fiz. Ah, e de dança eu não tive nada. Estágio eu fiz, fui fazer na rede pública, que era a escola que eu estudei, primeiro dia que eu fui, a professora não foi, me mandaram embora, segundo dia que eu fui a professora não foi, me mandaram embora, no terceiro dia que eu fui me mandaram entrar na sala pra dar aula, e eu "não, mas eu vim só conversar com a professora", "não mas, vai lá". Aí eu fui, né, dar uma de bonito, "então, que que os alunos estão aprendendo?" "Ah não sei, pergunta pra eles que eles te falam". Fui pra sala. "Gente, vocês me desculpem, eu não sei o que estou fazendo aqui, né? Eu vim aqui conversar com a professora de vocês, falar que eu sou estudante". "ah, manda a gente fazer desenho livre". Mas aí eu comecei a perguntar como é que ela faz? – "Não ela põe a pintura na lousa e manda a gente copiar". Meu Deus. "Mas vocês não fazem isso, não fazem aquilo, não fazem aquilo outro?" "Não. Você vai dar pra gente?" "Tá, então vamos pra sala de artes", "ah, a gente não pode só a outra professora, a nossa não pode, a sala é só da outra". "Ah, então o rádio". "Não, o rádio é só da outra professora. A gente também não pode". E no fim eu conversei com eles, e acabou aquela aula.
L – Era uma turma de que idade?
R – Ah, devia ser sétima, sexta série. Aí no dia seguinte voltei pra tentar achar a mesma professora, aí eu entrei, comecei a assistir aula dela numa sala lotadíssima, que ela não conseguia andar nos corredores, nem eu, tinha que ficar quase em pé na lousa, não tinha espaço pra sentar do lado dela e o filho de uma funcionária, mas foi um negócio tão tonto que ele fez que eu queria poder usar o que eu tenho hoje. Ela começou a gritar com ele, mas ela parecia uma louca, parece, sabe aquele cão raivoso que late e sai saliva da boca – "você não tem vergonha, porque a sua mãe, sua mãe trabalha nessa escola, olha o tanto que você faz ela sofrer!" ela acabou com o menino assim, na frente de todo mundo, e eu falei Meu Deus, que que eu to fazendo aqui, eu quero ir embora, eu quero ir embora, não tem nada a ver com o que eu acredito, e ela "ah professor, você viu, a gente tem que por o aluno no lugar dele porque se ele não, se a gente não põe ele no lugar dele ele não, ele acaba com a nossa aula". Aí, ela tava assim, achando que ela era o máximo, eu falei meu Deus, aí ela falou então vamos pra outra sala, eu falei nossa, lembrei que eu tenho um compromisso agora e eu preciso ir embora. Eu nunca voltei pra assinar nada na escola. E eu falei, nunca mais piso numa escola pública. Aí eu consegui fazer aula na Coopec, que era uma cooperativa de ensino, uma escola particular. E aí fiz. A professora era super legal, assisti as aulas dela, ela deixou eu fazer regência, me deu dicas pra regência, que eu tinha menos horas de regência, mas também foi muito pouco, acho que era 45 horas de total, acho que 30 horas de observação e 15 de regência, ou 5h de regência, uma coisa muito pouca, das 360 horas de estágio. A maioria era participar de curso, seminário, no cinema, no teatro, você apresentava o ticket, fazia o relatório e pronto, aquilo era estágio. Eu achava aquilo um absurdo mas é aquele negócio né. Eu aproveitei o que eu tive na Coopec, fiz até mais tempo de estágio, mas também fiz tudo o que o professor exigia, que tivesse as outras horas de tudo que era coisa. E foi só isso. Na verdade eu não sei nem como é que meu curso podia ser chamado de Licenciatura Plena em Educação Artística, porque eu só tive disciplinas de educação no 4º ano, estrutura e funcionamento básico de ensino que a única coisa que a professora conseguiu foi tentar fazer, então a gente sabia da legislação da 5394/71, da 9394 de 96 e odiar inglês, que eu não conseguia estudar inglês, e eu comecei a ir mal nas aulas, e a professora – "que que tá acontecendo Rodrigo?" – o que eu vi de influência dos Estados Unidos na legislação do Brasil durante a ditadura, eu odeio os americanos, eu não consigo mais estudar

inglês. Aí ela ainda tentou falar assim “olha, pensa nos ingleses”, mas nem isso. Travei meu ensino de inglês por causa dessa merda. Aí psicologia da educação, ele só foi dar psicologia da educação no 4º bimestre, todos os outros era história da psicologia, porque ele não tinha nada a ver com educação, ele era psicólogo de formação e era terapeuta. Então a hora que a coisa ficou boa já estava acabando, mas também foi uma coisa muito legal porque quando eu estudei adolescente, eu falei gente, então é assim! Por que que ninguém nunca me avisou, porque eu teria lidado com minha adolescência de uma forma muito mais tranquila, isso me deu uma vontade de explicitar os conflitos de adolescente pros alunos, quando acontece as situações que eu falava assim nossa, eu achava que aquilo era uma coisa de outro mundo, se eu soubesse que era tão normal tudo aquilo e por que que algumas coisas aconteciam, essa coisa do espichão, de você ficar desengonçado, de você mudar a voz, tudo o que acontece, então, nossa, não tinham me explicado tudo isso, eu achava que eu era um anormal, por que de repente eu ficava grande demais, tropeçava em tudo, essa coisa toda. E aí quando foi ficando bom, acabou. Aula de didática era “maravilhosa”. O professor sentava a bunda na mesa, falava – “por que a educação, ela tem que ser assim, ela tem que ser assado, ela tem que ser não sei o que”. Chegou num ponto em que até os piores alunos tinham ódio, era um curso superior e aquilo era um curso várzea. Então tudo o que podia detonar de aula elas faziam. E quando elas se manifestaram, - “professor olha, a gente não aguenta mais vir aqui pra você falar de tudo que tinha que ser a educação e sua aula é completamente o contrário disso, ela é uma bosta, a gente odeia, é chata, é monótona, então por que que você não mostra o que que a gente tem que fazer?” E aí ele respondeu na maior cara de pau, ele era supervisor de ensino na rede pública – eu faço aquilo, eu mostro aquilo que vocês não podem fazer, então eu tô provando pra vocês o porquê que vocês não podem fazer isso. E ele continuou com as aulas desse jeito. Essa era a aula de didática. Na verdade o interesse pela educação ele acabou surgindo porque no segundo ano da faculdade eu tinha bolsa, aí, foi engraçado porque eu não queria fazer Artes Plásticas, muito menos em licenciatura, quando eu fui, eu tava na escola, a faculdade foi oferecer bolsas, que são gratuitas, e eu tinha a princípio que eu queria fazer qualquer curso, queria fazer Direito, Medicina, Arquitetura ou Psicologia. Fui fazer orientação vocacional, aumentei mais quatro cursos, eu não diminui, eu aumentei. Quando eu vi, queria me matar. Então, eu queria fazer Direito. Vou concorrer então pra pegar o Direito. Aí eu descobri então que era só licenciatura, tinha Arte, Educação Artística, é, Ciências, Biologia, Matemática e Geografia. Eu não quero nada disso. Aí eu falei, bom. Então vou deixar, não vou concorrer que tinha um menino da minha sala que precisava bastante, e que gostava de desenhar, eu também gostava mas é.. beleza. Aí, que que aconteceu.. ficava assim, ele, eu ia indicá-lo. Eu era representante de classe e tinha um acesso bom a coordenação da escola. E eu fui falar com o coordenador, que eu queria que ele, que se eu ganhasse eu iria dar a vaga pra ele. Mas eu enchi tanto o saco dele que ele falou então – Rodrigo, vem me ajudar a escolher então, vamos fazer a escolha juntos. E aí ele começou a pegar o histórico de todo mundo do 3º e mostrar as notas. Pega o do meu amigo, aí ele pegou assim – Rodrigo, sem chance, ele só tem nota vermelha. Não, mas ele é bom, ele gosta. Rodrigo, eu tenho que indicar um aluno bom. Aí, fizemos um mapeamento de todos os terceiros. Aí ele falou – Rodrigo, só tem um aluno pra indicar – não, então vamos procurar – Rodrigo, é você. Eu não tenho outra pessoa pra indicar. Aí eu – não mas... e minha mãe sabia que eu não queria. E aí eu tive que prometer pra ela que se meu amigo faltasse, porque tinha que estar presente, e ele faltou e ainda sim eu tentei

manipular pra ele ser escolhido. A hora que eu vi que não tinha jeito eu falei – tá bom. Aí fui indicado. Fui fazer a prova contra a vontade, aquela coisa toda, e os dois primeiros colocados ganhariam a bolsa. 100%. Aí eu ganhei. Aí como eu não passei na UNESP em Arquitetura, também porque eu não tinha estudado nada porque não tinha certeza do que eu queria, aí eu falei, bom, já que eu não passei em nada, não vou ficar um ano a toa. Vou ir fazendo esse que assim pelo menos eu aprimoro o desenho, porque eu tinha reprovado também na prova de parte artística lá, de aptidão, e aí eu faço no final do ano. Só que ao longo da faculdade, primeira semana eu ia empurrado, na segunda semana eu tava chegando um dos primeiros na aula. Eu comecei a gostar tanto das disciplinas que assim fiquei. E no segundo ano, aconteceu o seguinte, a faculdade fez um processo de Iniciação Científica, e você tinha que criar um projeto da tua área de conhecimento, pro desenvolvimento regional. E eu perguntei - Que que a arte vai ajudar no desenvolvimento regional? E eu não conseguia pensar em nada. Hoje, eu enxergo que eu tinha a questão do turismo, os festivais de teatro que acontecem, tinha muita coisa pra ser explorada. Geração de renda, algumas comunidades, artesãos, um monte de coisa. E eu perguntei pra todos os professores. E ninguém sabia me apontar nada. A moda, a joalheria é muito forte lá. Aí tava na época daquele projeto em educação, aquele amigos da escola, aquela coisa lá que começou a fazer, escola do século XXI, e eu falei – ah... foi a pergunta que apareceu né, qual o papel da educação, qual o papel da arte nos novos caminhos da educação? E o que que tem a ver com o desenvolvimento regional? – ah, ela vai melhorar os níveis, não sei o que, eu comecei a conversar com os professores e acabei encontrando alguém que aceitou orientar, e fiz o projeto. Aí meu projeto ganhou em primeiro lugar, e eu ganhei a bolsa. E aí foi quando eu comecei a descobrir o que era Arte-Educação. Porque eu fui começar a estudar bibliografia, fui descobrir Ana Mae, fui descobrir um monte de coisa, então a minha formação veio muito mais dessa investigação toda que depois conduziu meu TCC inclusive, que eu fiz a Iniciação Científica, terminei ela depois fui pro TCC, e aí mesmo com as aulas (é, o projeto durou até o 3º ano) ainda sim eu tomei gosto, eu gostei disso. Então, eu percebi que nas aulas esse interesse me aparecia, mesmo nas oficinas. Essa coisa de como trabalhar diante dos alunos, mas eu era o único que tinha esse interesse. Inclusive a maioria foi trabalhar com outras coisas. E a parte de laboratório era muito ruim porque era muito pra fazer – ah, então vamos fazer tal técnica, vamos fazer tal técnica, vamos fazer não sei o que. Laboratório de criação: não, você tá inventando. Na aula de desenho o professor não queria entrar na técnica porque ele não... Ele tinha medo que houvesse competição no mercado que era pequeno em Rio Preto. Então ele ia mandando desenhar com aquelas coisas muito assim, você queria aprender um recurso, alguma coisa, ele vinha e não ensinava. Quando você insistia muito ele vinha, com aquela vontade, fazia pra você mas não ensinava você a fazer. Então as aulas de fotografia, vídeo e cinema era uma bosta, o professor só enrolava, quem dava aula pra gente era a técnica do laboratório, que hoje inclusive virou coordenadora do curso de comunicação social. Ela fez a faculdade, virou professora virou... e hoje é coordenadora, uma pessoa que eu admiro demais. Então foi isso, né. Quando eu pisei... aí. É só formação né? Então tá bom. Foi essa. Não, porque eu só me assustei, que quando eu sai da faculdade eu não sabia o que eu queria. Aí ligou, brinquei né - Bom eu era estudante, agora sou desempregado. Na semana seguinte ligou – Oh, oi queria falar Com Rodrigo. – Sou eu – Tá, aqui é do projeto tal, nos estamos precisando de um professor de informática, pra dar aula de *Corel Draw*, de computação gráfica, ligamos na universidade e o professor fulano de tal indicou

você, que era o único nome que tinha pra indicar, você aceita? Bom, não to fazendo nada... aí fui trabalhar nessa ONG, que era uma utopia né, você ensinar computação gráfica pra meninos de total vulnerabilidade social, as vezes analfabetos, não sabiam o mínimo de informática, e eu tava nessa da computação gráfica, corel e photoshop pra ensinar usar mouse, ligar computador, então nunca foi um curso de computação gráfica. E aí eu fui fazendo experiências de leitura de imagens, de outros trabalhos com arte e começou a aparecer, eles começaram a gostar, e eu acabei ficando mais com isso, mesmo tendo sido contratado como professor de informática, aí eu fiquei lá 1 ano e meio, trocaram o coordenador, e o novo que veio eu já era critico demais, daí ele me mandou embora, me arrumou um monte de desculpas. Aí eu fiquei 3, 4 meses parado, não queria mais ver educação, aí eu tinha conhecido uma pessoa que coordenava outro projeto social, ela me chamou, eu não queria, recusei todas as vezes que ela me chamou, aí ela falou, bom, já que você não vem, vem pra você elaborar projetos pra mim. – Ah, pode ser. 1 ano e meio depois ela me chamou de coordenador do projeto. Da ONG. Vou te apresentar a todos os projetos. E eu assim – ahn? Como assim? E aí depois eu virei o professor mesmo, estava fazendo as oficinas, e tal. Fiquei 2 anos e meio lá, tava meio insatisfeito, aí foi quando eu passei no concurso do estado porque minha mãe fez minha inscrição obrigado, eu não queria – eu não quero mais ensinar, escola pública de jeito nenhum!, aí ela me ligou pra ir no banco – vem assinar porque eu vou pagar e vou fazer tudo. Briguei com ela na frente de todo mundo, que eu não queria. Fui fazer a prova contra a vontade, que eu tinha feito uma viagem, pra Santos, com mais 40 crianças e mais 4 professores, passamos quase dez dias lá. Cheguei no sábado, a prova era no domingo. Eu cochilei na prova... Beleza. Nem vi o resultado. Aí um ano depois, me liga uma amiga – E aí, quando que você vai escolher? – Escolher o que? – O concurso – Que concurso? – Concurso do Estado que você passou! – Não, devo ter reprovado – Não, olha lá, tão chamando. Tem muita gente aprovada. Era na semana seguinte. E como eu tava insatisfeito com a ONG, falei – Ah, vou escolher, se não gostar, né? Faço outra coisa. e aí não tinha Rio Preto, tinha Araraquara e são Carlos que era meio caminho, aí resolvi escolher Americana porque já tinha ido lá uma vez, tinha gostado da cidade, ficava próximo da Unicamp, de Piracicaba, de São Paulo, e aí vim pra cá. Deus escrevendo certo por linhas tortas.

L – E em relação à formação continuada? E outros tipos de formação.

R – Então, quando eu fui pro estado eu gostei muito, porque assim, a escola tinha uma diretora muito boa, na época eu tinha formações boas, tinha aquele... aquela parceria com Arte na Escola, e que foi muito legal enquanto formação e abertura de possibilidades, e de enxergar uma outra qualidade que eu não enxerguei no meu estágio que a minha escola era a melhor escola. Era a escola que só faltou ter vestibulinho para entrar. Quem estudava lá se sentia estudando em escola particular. E aí eu fugi daquilo quando eu vi aquela professora naquela situação nos bastidores. E aí eu gostei bastante, fui tomando gosto, dava pra fazer muita coisa com os alunos, fui fazendo experiências, vendo que algumas coisas não funcionavam. e aí tinha na época teia do saber. A primeira foi 80 horas em parceria com a UNESP Araras, que eu não gostei muito, foi muito inho. E a melhor professora que recebia mais críticas, porque dava coisas muito difíceis. Eu queria morrer, que era o único que tinha conteúdo de verdade. A segunda foi na Unicamp, 80 horas, foi muito boa, foi de música e de dança, muito bom. 40 horas cada um. Aí foi a época que entrou o Alckmin, que cortou tudo, falou que ia fazer aqueles cursos na televisão, aí começou aquelas orientações técnicas que era uma... pode falar bosta.

L – Aquelas orientações técnicas que o quê?
R – Ah que tipo assim, tipo PCOP. Formou o... o professor coordenador da área que a diretoria de ensino tem, ele vai pra São Paulo, participa da formação e ele vem replicar a formação pra gente. Ah, então gente, lá em São Paulo eles disseram isso pra gente, então ele pegou o mesmo slide que ele viu lá e ele replicava aqui, mas ele não dominava. Ah, então, pelo amor de Deus né. Aquilo é um lixo de formação. Aí. em 2006, eu fiz um curso no instituto [...] leitura e interpretação de imagem, que respondeu muitas das minhas dúvidas, porque eu fazia... teve uma pergunta que me matou, na divulgação e depois no curso mesmo. Se você termina de fazer a leitura da imagem e o aluno sabe que o autor cortou a orelha e se matou aos 37 anos, isso é uma ótima aula de história da arte. Você não deu uma aula de leitura de imagem, você não fez isso, ele tem que saber da imagem, ele pode não saber do artista, mas ele tem que saber da imagem. Falei, puta, verdade, os meus alunos sabem que Van Gogh cortou a orelha, e aí eles foram ensinar uma metodologia, que depois eu encontrei Ana Mae, que eu tinha essa coisa de não guardar o autor, de onde veio, gostava do negócio, fazia mas não sabia quem que fez. Aí depois que eu vi que isso veio dos EUA essa pesquisa muito ligada à questão estética, de semiótica, que tinha cinco passos da leitura de imagem que eu passei a usar isso em aula e comecei a ver resultados que esperava. e logo depois disso eu via divulgação no site Arte na Escola, da primeira turma que ia ter de especialização em linguagens da arte. na USP. Fiz em 2006, 2007 e que lá foi muito legal porque eu fui ver teatro, jogos teatrais, jogos dramáticos, a ideia do teatro educação, aquela coisa de dar um texto da mão do aluno pra ele encenar, dança, dança contemporânea, experimentação do corpo, da expressão corporal. Música, a ideia de musicalização, de coral, de experimentação, muita coisa que eu uso em aula hoje. Minha introdução à arte contemporânea foi lá. Teoria, tive professores doutores da USP muito bons, são artistas também, o que era legal. Meu retorno a Bienal, foi lá. Minha indignação com um monte de coisa, de bombardear a professora com perguntas, mas ali está em condições de lidar com perguntas em sala de aula, e gostar, depois teve essa formação do estado, que o estado acabou com esses cursos bons, e ficou só com essas especializações que foi o que eu fiz.
L – Quando você diz retorno a Bienal, como assim?
R – Eu tinha ido a uma anterior, mas depois nunca mais, até porque morava em Rio Preto, era aquilo - ah, legal, tem a bienal, mas não era aquela coisa de, vou a bienal pela importância que ela tem, eu ia mais pra pinacoteca, que eu adorava, e nossa, tá tendo bienal, - ah tá bom. Eu gostava da pinacoteca e pra mim era a mesma coisa. E aí quando eu fui pra lá eu falei, nossa, que merda é essa, que que é isso, é legal que eu tive a oportunidade de ter a mediação da disciplina, de questionar muito a professora, de a gente debater muito sobre isso, e aí foi dali pra frente eu fui em todas as bienais.
L – Porque você procurou a formação? Você fez várias coisas, nesse tempo.
então, na verdade
L – Oito anos né?
R – É, eu sinto um prazer enorme por aprender, por fazer curso, mesmo essa ideia da dança de salão que eu to fazendo agora não é só pelo meu prazer, as vezes eu fico vendo, eu tenho vontade até de aprender o passo da mulher pra poder ensinar pros alunos. Ah, tá todo mundo estressado, vamos ensinar... bolero. Então vem cá, a mulher tem que fazer isso assim, ficar ensinando os alunos. Lógico que eu estou curtindo, não vai ser agora, futuramente, quando estiver num nível avançado da dança posso fazer um [...] e aí me dar o direito de aprender mais, mas essa coisa de

enriquecimento cultural pra mim é importante de curso mesmo. Eu tenho hoje um monte de dúvida, de pergunta, de angústia em sala de aula. Eu sempre tive de ir em busca de coisas.
L – Esse primeiro curso da [...] você ainda tava...
R – Eu tava no estágio
L – No estágio
R – É, foi o segundo ano, foi em 2005, foi o primeiro ano de estágio. O segundo foi 2006, que eu inclusive comecei ele no 1o. semestre da especialização, eu tava quase morrendo e eu tinha que intercalar as faltas, nossa.
L – E aqui, em Campinas, você faz outros cursos de formação?
R – Um só
L – E da EGDS?
R – Não, EGDS eu nunca fui. Eu gostei de um curso, a Egds que eles fizeram na escola, que era módulo jovem, módulo idoso, nas escolas de supletivo essa coisa toda. Eu achei que eles acreditavam mais no que eles falavam, parecia mais verdade, contagiava mais do que os cursos do CEFORTEPE, porque você tá vendo a pessoa falar e a pessoa parece estar mais morta que você, parece que é você que vai dar ânimo pro formador, então acho que eles deveriam fazer parcerias com instituições de ensino, sei lá tem a Unicamp, tem outras universidades aqui que talvez pudesse aproveitar, e que você vá realmente ter teoria, prática, uma coisa convincente, não achismo, coisinha, ladainha. Aí eu fiz um curso de percussão que era legal mas era muito assim
L – Na escola de música
R – Não, no CEFORTEPE mesmo, que era percussão pra fazer com os alunos. Mas também não adianta que você vai aprender uma outra linguagem, você precisa primeiro uma noção dela pra sair experimentando e aí não era muito o que eu queria, eu queria talvez o violão pra fazer as aulas, então não tinha pandeiro, foi legal pra ter alguns conhecimentos, mas eu nada que eu falasse assim vou fazer isso na sala de aula. E aí ele era muito curto, 40 horas, menos 30 horas, uma hora pra estudar em casa, e depois desapareceu, fui procurar o 2o. já não tinha. e o restante que eu vim, era aquele curso de formação de artes que que era o ( ).
[...]
L – Mas vamos lá, você tem as suas críticas, em relação à formação, a questão do relacionamento com os professores, ou mesmo na organização das disciplinas, mas na sua opinião: que que forma um arte-educador?
R – Que que forma um arte-educador? Conjunto. Uma boa universidade, no sentido de arte-educador, além de você ter um puta tempo de experimentação e vivência de ateliê, você precisa depois de um senhor estágio e as disciplinas de educação e de didática, de verdade, de metodologia. É, sei lá a partir do 3° ano, do 2° ano da universidade, mas eu acredito que você teria que ter experimentação, então vamos conhecer Ana Mae, o que que ela propõe. Então como que é isso na prática, você vai fazer laboratório, então você viu isso, você vai experimentar isso aqui comigo e ser professor em outro grupo. e vamos descobrir que que foi legal, que que não foi legal. ah, tem a outra lá, a Ferraz não sei das quantas lá.
L – Fuzari e Ferraz
R – Isso, Fuzari e Ferraz lá. Então, que que ela propõe, então vamos experimentar isso. Ah, uma outra vertente tem lá a mulher que tá lá na USP, a Mariantonia, a que tenta ocupar o espaço da Nana e não consegue, como que é o nome dela? Ah, não sei, mas é uma outra lá. Então vamos pensar isso com crianças, e com adulto, e com jovem. Vamos experimentar mediação de museu, quem fala sobre isso,

entendeu, aí sim, agora vamos viver na prática, parceria com instituições, com os museus da cidade, então agora você vai ser monitor, e obrigatoriamente monitoria de uma exposição, ou de um trabalho educativo, você vai, já que tem que pedir tanto essa mediação de um museu aparece, mas já que tem, é uma forma de você talvez preparar bem seus alunos, então que também tivesse na nossa formação, porque não aparece.
[ruídos]
L – É essa a impressão que eu tenho
R – É bem isso, porque ocupou um espaço tão grande no congresso que eu falei, gente, a escola ficou na periferia do congresso, essa coisa de pesquisa e documentação, outra coisa, Ana Mae, e todo mundo que veio depois, que segue minha graciosa amiguinha, adora pesquisa histórica, o que o outro fez, o que o outro fez, o que o outro fez, o que era, dom Pedro, e o agora? Qual a metodologia de experimentação? Ana Mae ainda traz mais paralelos de coisas de lá, do exterior com aqui.
L – Mais contemporânea
R – A maioria pesquisa sobre história da arte-educação. Como você vê isso, a pesquisa lá da USP que tem gente realmente fazendo experimentação, e pesquisa
L – De experimentação, assim, eu tô muito por fora, do que os colegas estão fazendo, mas eu vejo que tem um pessoal que gosta de uma compilação.
R – É.
L – Formação [ruído 39:45] ou então, é, história da arte educação em determinados casos
R – Sim, acho que é muito mais, curso de história de não sei o que, e não aplicação verdadeira, na prática, é desdobramento disso, deveria ser periférico e hoje é central.
L – Até essa parte, eu acho válida. Mas eu acho que falta documentação da prática, falta ouvir os outros professores.
R – Mas aí que tá, por que que falta a prática? Porque a prática não tá sendo pesquisada. Você ainda.. o que existe de mais contemporâneo hoje no Brasil no ensino de arte é o que Ana Mae trouxe na década de 80.
L – Mas porque que ninguém... e a pesquisa prática?
R – Porque o terreno é espinhoso, ninguém sabe ensinar.
L – Ninguém sabe ensinar ou todo mundo ensina a portas fechadas?
R – As duas coisas.
L – É engraçada essa expressão, porque eu ouvia e eu achava que porta fechada, ou era a pessoa que ensina muito bem e fecha porta pra ninguém ver, ou é a pessoa que ensina mal e fecha a porta pras pessoas não perceberem?
R – Não tem como perceber, porque quem tá fora também não sabe ensinar, então não sabe avaliar se aquilo é bom ou não, se você tiver uma boa argumentação, sua aula pode estar uma bosta, você convence. Quem é o teu superior não sabe, a maioria hoje das lideranças da escola, de diretor, coordenador pedagógico, são professores que saíram da sala de aula sem formação nenhuma. No máximo conheciam um pouco de legislação, deram uma passada naqueles resumos pra passar no concurso das teorias, de Piaget, acabou. Mas não tem uma formação de coordenação pedagógica, por mais que você exija pedagogia, boa parte das pedagogias são péssimas. Também não tem uma experimentação grande das teorias, o que é Emilia Ferrero, o que representa alfabetizar assim, o que é Paulo Freire, o que representa alfabetizar assim. Pra que possa entender e fazer escolhas de metodologia, ou como disse uma amiga minha, eu uso todas, porque cada aluno

é um universo e teve um aluno que não aprende de jeito nenhum, eu não sei, porque foi a única coisa que sobrou, como não tinha mais o que fazer, eu tentei caminho suave, aí ele aprendeu. Não existe melhor, existe o mais adequado pra cada criança. Todos os métodos são válidos, mas ela tem conhecimento porque ela acredita e gosta disso e a hora que ela for uma coordenadora pedagógica eu tenho certeza que ela vai ser uma pessoa que vai poder enxergar o que o professor tá fazendo, mesmo que nem ele as vezes tem consciência do que ele deseja, essa, os valores que ele tem, as crenças que ele tem com a educação, ela vai conseguir indicar caminhos. Quantos podem fazer isso? E aí isso repercute também na academia, se você pegar toda a teoria hoje de arte educação, os nossos professores da arte educação não fazem com a gente o que eles dizem da teoria. eles não são multiculturalistas, eles não são abertos ao diálogo, ou é aquilo ou é aquilo. Pior ainda é a pedagogia, que fala, que você tem que seduzir, vai fazer pedagogia! Ou você cumpre o prazo, ou você faz trabalho, você fala o que o professor tá defendendo, ou você não tem nota! Cadê todo o processo de sedução, de acolhimento que você tem que ir até onde o aluno tá. Uma coisa é o que eles falam pra gente fazer, outra coisa é o que eles fazem. Então, você não tem nem a própria academia hoje, tentando falar disso em teoria. porque também a maioria das pesquisas é porque naquela sala, aquela professora aquele dia fez isso, e é legal por causa disso. Daí você pode no seu mestrado, seu doutorado, não você falar do outro, vai você aplicar, se você acredita. Mas também os programas hoje nem dá tempo. Dois anos é o máximo do mestrado, como é que você vai conseguir fundamentar com teoria, pra homogeneizar uma prática, pra ter tempo de experimentar, o mínimo devia ser um ano, pra depois você poder analisar isso.

L – Mas eu digo até na faculdade, teoricamente você devia sair da faculdade pronto pra ser um professor, mas... Existem lacunas, pela questão do estágio...

R – Quer ver outra coisa que me chamou muita atenção, teve um texto que eu li num curso de ingresso do estado, esse último que eu passei e não ingressei, "Construindo um professor melhor", eu adorei esse texto, se quiser eu te mando, ele me fez entender porque nossa profissão tem tantos problemas. Nos EUA até o final do século XIX, a formação de professor era igual de médico, era mais anos, e você sai só clinico geral. Apos aquilo você tinha um tempo de não de especialização, de residência. Então você entrava na escola, acompanhado de um professor, responsável por você, igual num hospital. Você discutia o caso dos alunos, que você pensou, qual o melhor procedimento, você aplicava, você era avaliado por esse mediador, com critérios lógicos, seu domínio da turma, sua estratégia pra conseguir trazer todo mundo de volta pra um assunto, de alguma dispersão que tivesse, da sua forma de mediar o conhecimento, e aí era te apontado os erros e você ia buscando, com certeza saíam professores maravilhosos. Você já saia pronto pra chegar numa escola e continuar. O cara sai residente, se tiver qualquer dúvida vai procurar e isso não é problema. O chefe do hospital não vai falar, ô seu retardado idiota, você não aprendeu na faculdade. Ele não vai ser ridicularizado quando ele tem duvida e hoje quando você sai da faculdade e chega na escola, você já vai sentindo um nível de arrogância e superioridade medíocre das pessoas, dos outros professores mais antigos e principalmente da coordenação, que você é um imbecil por ficar perguntando - como vai perguntar isso, não aprendeu? E essa atitude vem muitas vezes porque ele não sabe explicar. Então é melhor ele dizer que é um absurdo você perguntar do que ele admitir que nem ele sabe. E porque que isso acabou nos EUA, porque com a democratização do ensino aumentou a demanda, e

essa formação de professor demorava demais. precisava de muito mais professor em menos tempo. Hoje você forma professor em 3 anos.
L – Já tem pedagogia em dois.
R – Então, e à distância? Eu não gosto de curso a distância, a minha especialização foi boa por um motivo, eu fui forçado a ler, porque eu não tinha essa disciplina de leitura, com as aulas, como eu adoro ouvir e fazer pergunta, pra mim aquilo bastava. E hoje eu vi que eu deveria também ter lido, além das aulas, mas eu não tinha, então o tempo da aula era o tempo da leitura que eu tinha. Mas também faltou discutir com o professor que eu não concordava, que eu tinha dúvida, porque por fora essas coisa você faz de conta, porque você vai lidar com a limitação do outro, quando você questiona alguma coisa que ele disse. Eu acho que tem da formação, e esse texto me mostrou o quanto é deficitário isso, que seria talvez o estágio, hoje não vai voltar nunca, infelizmente. Uma formação e um olhar muito melhor pro coordenador pedagógico, que é o responsável pela formação continuada, pra não ser banalizada, eu conversei com, uma pessoa na PUC Campinas num seminário que eu participei e ela falou disso, a primeira pessoa que eu vejo falar a importância do coordenador pedagógico. Aí ela me mandou uns textos que eu falei - vou esfregar na cara da minha coordenadora, porque eu falo pra ela você é minha professora, e ela fala que ela não é obrigada a ensinar ninguém. Que a pessoa não aprendeu na faculdade não é ela que vai ensinar e ela é uma secretária da diretora e muitos coordenadores são isso, porque que ela não vai ensinar, porque ela não sabe. E ela não vai assumir isso. Então, tem toda essa deficiência nesse meio, na questão da gestão, as especializações do currículo, do coordenador. Mas também olha o que ela tinha de experiência. Os coordenadores de área da DE também eram diretores de currículo, ah, então gente, é só discutir assim, mas isso aqui tem pra fazer né. Então vamos só responder isso aqui, lição de casa e a gente vai embora mais cedo. Então você já vê que nem a própria formação deu conta de a pessoa mudar, enxergar a importância daquele momento, ou seja, por mais que ela tinha coisa pra fazer, almoço, o que era pra ser privilegiada, nem o curso consegue mudar a mentalidade. Talvez, aí volta. A formação do pedagogo deveria ter uma ênfase muito boa não só na parte administrativa, mas do gestor de currículo, que eu acredito que não deva ter, porque esse povo que fez pedagogia é uma bosta de coordenador.
L – Até pela gestão de pessoas né?
R – Sim
L – Não só a burocracia. acho que o grande desafio lidar com
R – E outra coisa, eu acredito no seguinte, enquanto nossa profissão não for valorizada e tiver um salário decente, a gente ainda vai ter gente que foi pra lá porque não tinha outra coisa pra fazer. Porque era o menos concorrido, o mais fácil. a hora que subir o salário pra 6000, 7000 reais por mês... 5000 tá bom vai, que houver uma competição, você vai atrair pessoas melhores, e essa concorrência vai permitir, pelo menos que você tenha pessoas que estão dispostas. A pedagogia de Campinas é a que mais tem doutores e mestres, e no entanto, o que salva? Você tem bons professores, talvez alguns mais na academia, mas você não tem uma rede decente de ensino. Os formadores de liderança não tem formação, uma formação continuada. E aí você tem tudo ficando no ar. Ahhh, mas a gente se dedicou tanto, fez análise, e essa coisinha amadora. A educação de Campinas tá abaixo do estado porque ela é amadora, ela não é profissional.

[pausa]

R – Então, por fim, o salário realmente não melhora a educação, ele atrai bons profissionais, pessoas com mais condições, e ele dá condições de você ir atrás de formação. Por exemplo, a gente como professor de arte, tem que ir ao teatro, tem que assistir espetáculo de dança, não porque eu vou dar aula disso, mas como formação. Você tem que ter acesso a isso. Você tem que ter oportunidade de ir pra SP visitar museu, conhecer vários lugares, ir nos lugares aqui, agora com o salário do estado, pelo amor de Deus. Eu morava sozinho já achava pouco, quem tem família sobrevive, se você mora na capital pior ainda.
L – Pra professoras de todas as áreas, não dá pra adquirir um livro,
R – Isso, exatamente
L – Não dá pra pagar um curso, eu tava comentando com meu marido, na área empresarial você tem muito *coach*, né? E eu acho que é um pouco próxima desta questão da residência que você falou. Se você pudesse realmente pagar alguém, ou ter essa assessoria, poder chegar com o seu caderno - olha minha semana foi assim, assim, eu tive conteúdo disso, eu fiz essa atividade, deu esse resultado
L – Ter uma supervisão, de repente.
R – É
L – Mas como você vai pagar alguém?
R – Ah, vai pagar...
L – E eu falando pra ele, não isso seria uma coisa legal de eu fazeR – ninguém vai pagar, professor não tem dinheiro.
R – Bem isso, no máximo a escola pagaria, talvez, uma consultoria.
L – Minha escola chegou a pagar formação do Ler e Escrever, foi bem interessante, a moça chegou a ler, identificar, pro nosso caso nem tanto né, mas identificar as fases da leitura, de cada um, foi bem legal. Só que aí a pessoa vai lá, olha, realmente, a avaliação tem que ser assim assim, tira foto
R – Tem outra coisa, quem está deformado, a árvore que secou, você vai amarrar, cortar o galho. O que precisava fazer é você ter uma formação decente, uma carreira decente, pra quem chega. Hoje nós somos o retrato da Tropa de Elite, você assistiu?
L – Eu sou praticamente o 01.
R – O sistema da tropa de elite é o da educação também, só que lá, enquanto eles jogavam o morto na área do vizinho pra aumentar a criminalidade lá e não aqui, a gente faz isso passando pra série seguinte, ou na próxima escola. E o resultado como é o ensino médio com a nota horrível de sempre. Por que? Porque ninguém quer assumir a bucha, e é um festival de fingir.
L – Mas aí também é aprovado na faculdade, e a faculdade está com índices caindo
R – Sim. E aí é a mesma coisa que você tem nisso, que é, vai você dizer na sua escola que a coisa tem que ser diferente, então é o chefinho lá que falava não, você não vai tirar férias não - mas eu tô há 5 anos tentando - então, mas você dá uma porcentagem das suas férias pra gente, dá ela agora? Lógico que não é em dinheiro na escola, mas é - não mostre que é uma bosta. Não mostre que tem problemas, porque ninguém quer ver. Então, é o sistema, não é o governo. Eu acredito que o governo do estado tenha boas intenções, poucas, mas têm. Mas elas se perdem em função do gestor, por esse sistema que são as lideranças, que já foram deformadas, diretores, coordenadores, dirigentes de ensino, que continuam mantendo o padrão. Que é o que eles acreditam, a não ser que viesse uma coisa assim, troca todo mundo, e uma linha fica com o chicote em cima desse povo pra agir de uma maneira diferente, e a maioria das vezes eles vão voltar, assumir o novo discurso com as mesmas práticas. Então é o novo professor, mas, nossos novos professores são

alunos que foram privados de tantas coisas na vida escolar e na vida infância e juventude, que não teriam a chance de fazer de repente, uma faculdade, e por causa de Prouni, Ead, não sei o quê, Mais Educação, todos esses programas, vai fazer uma universidade, vai ser professor, que não era o sonho de consumo, mas é a oportunidade que tem de fazer o superior, vai ser então alguém que tem toda essa deficiência, que por melhor que seja a formação, ela vai dar uma abastecida, mas não vai, não é alguém que tá com o copo cheio, e esse copo pela metade, um terço, dois terços é quem vai formar os próximos.

L – No seu estágio você falou que você voltou pra escola onde você estudou. Como que foi o ensino de arte quando você tava na escola?

R – Eu apaguei o ensino de arte que eu tive, você acredita? Eu não lembro, da 1ª a 4ª série pra mim era desenhar, não lembro. Eu só sabia que eu era elogiado porque eu desenhava bem, mas lembrar de coisas eu não lembro. De 5ª a 8ª eu não lembro de nada, pra mim acho que era muito aula de desenho livre. Por isso que eu acho que eu não lembro de aula de arte, a única coisa que eu lembrei, recentemente, porque eu mostrei pros alunos, foi que algum professor e eu não sei quem foi, me mostrou uma vez a obra de Van Gogh - "Os girassóis", e aquilo fez com que eu me apaixonasse pelo amarelo, porque eu não usava amarelo, laranja, marrom em pintura nenhuma minha. Não gostava, nem roupa nada, e quando eu via aquele quadro, aquilo me marcou. Aí eu nossa, amarelo, laranja, marrom é legal, aí eu comecei a usar. Eu gostava muito de desenhar, minha mãe me deu um livro - "1001 maneiras de aprender a desenhar" e eu copiava o que era mais bonito... e estava morto pra essa coisa de arte. Tanto é que eu sempre fui melhor em matemática, português que eu adorava, todas outras matérias. Eu nem lembro se eu tinha nota, como que era. Devia ter, mas não sei como que era, mas não era uma coisa importante pra mim. No 1o. ano de ensino médio eu tinha uma professora baixinha chamada Marleninha, ela andava com uma plataforma desse tamanho pra conseguir ficar baixa, mas ela tinha uma puta duma personalidade, ela chegou na sala e falou - olha, vocês vão odiar minhas aulas porque assim assim tem isso tem isso, mas ao final do ano, quando acabar o curso de artes do 1o. ensino médio vocês vão falar, poxa vida, que pena que acabou. E essa frase eu guardei, e ela conseguiu, no final do ano, a turma inteira, ela levava fita pra sala, ela gravou fitas pra mim, a gente ficava, bem aquela coisa assim, olha essa obra, cria alguma coisa a partir dela, tinha um pouquinho de história da arte, que eu gostava, algumas técnicas de desenho que ela dava, ela passeou um pouco por algumas coisas, ela me deu aula de pintura na casa dela que eu falei, não mas eu quero pintar, quero fazer uma paisagem, quero não sei o que, Rodrigo, tá, compra trinta e vai em casa que eu te ensino. A gente teve uma gincana na escola, que era assim, nossa eu, cada vez mais eu esperava mais dela. A gente tinha que criar um quadro, artístico, e tinha grito de guerra, um monte de coisa, gincana esportiva, e ela trouxe uma música, que eu não lembro qual era, mas tenho parte da sonoridade na minha cabeça, que a ideia era uma praça, um homem de cartola, chapéu, não sei o que, nessa praça tem pipoqueiro, balãozinho vendendo, bem início do seculo XX e ele ia meio que dançando ao som da música, com uma certa suavidade, a gente conversou sobre as características daquela movimentação, que que a pessoa sugeria, e ela escolheu um aluno que era um dos mais.. e era noturno ainda, e eu via ele completamente duro, e eu falava professora, ele não vai conseguir, eu quase me voluntariei pra fazer, mas eu morria de vergonha. E ela não, calma Rodrigo, calma Rodrigo. Quando chegou o dia da apresentação, aquilo pareceu mágico pra mim, porque ele parecia um dançarino, e aí eu olhei pra ela e falei assim, você enganou todo mundo. então quando ela fazia o

ensaio, ela combinou com ele pra fazer errado pros outros acharem que não tava bom. Mas ela ensaiava ele em outro momento depois, olha que louco. E assim, até a gente que tava participando como figurante, não sei o que a gente quase ficou sem fazer porque ficava encantado vendo ele fazer e a menina junto. Foi uma coisa que me marcou demais assim, foi uma química muito boa. A primeira tela que eu pintei, uma pintura abstrata, toda uma coisa de representação de ideia, de conceito, a representação da sala de aula por cores e formas, uma expo na escola dessas telas, era enorme, ocupou quase tosos os corredores da escola, era muito legal, e quando chegou no final do ano, ela conseguiu, até dos piores alunos, que pena que acabou, e eu lembrei na hora, puta essa mulher é uma bruxa. Ela sabia que isso ia acontecer, aí ela falou então gente, mas eu tenho uma novidade, vai ter arte no segundo ano, aí teve mais um ano. Então foi ela que me fez retomar o prazer da arte, descobri o quanto eu gostava, porque tinha sido apagado na escola. Tanto é que assim, quando eu fiz algumas orientações vocacionais, dava altas habilidades para Artes, Exatas e Humanas, mas eu sabia que artes era uma coisa de paixão, uma coisa meio de formação na TV Cultura. Descobri a dança na TV Cultura, balé, descobri música erudita sozinho na rádio, eu devia estar com 6, 7 anos, ficava sozinho a tarde em casa, e eu vivia procurando rádio, eu escuto, sei lá o nome da rádio, 5ª sinfonia de Ludwig van Beethoven, na hora que eu ouvi aquele pananananã eu apaixonei na hora, que é isso! Minha mãe aprendeu a gostar de música erudita por minha causa. Sempre quis fazer piano, minha mãe não deixava – não você, precisa ser mais velho pra saber o que você quer, é muito tempo. Aí violão eu não gostava de violão, achava violão caipira, não conhecia o violão erudito, então sempre teve muito assim. Quando eu fui fazer orientação vocacional a única coisa que eu tive certezas que eu queria que era minha paixão era música, na hora que eu passei pelo instituto de artes que eu vi a sala com piano, eu falei - quero fazer piano. Aí eu descobri que eu já tinha que saber tocar o instrumento, aí foi a maior frustração

L – E, essa professora, você lembra o nome dela

R – Lembro, Marleninha, Marlene. Dona Marleninha. Eu sentado era maior que ela, com a plataforma. Eu fui um tempo ainda na aula dela, continuei fazendo, depois eu fui entrevista-la quando eu fui fazer, estava fazendo faculdade ainda, que era outra entidade, eu fiz questão de ir lá, conversar com ela, ela tava pra se aposentar, falar que eu estava fazendo arte por causa dela, que ela é minha referência, dediquei meu tcc pra ela.

L – Além dessa referência da TV cultura, você teve também outras referências da infância, livros, outras pessoas

R – Eu tive um primo, primo da minha mãe que uma vez foi em casa e ele gostava, ele desenhava muito bem. E ele começou a desenhar um negócio e eu ficava – O que que é isso? Que que é isso? E eu fiquei tentando adivinhar o desenho todo, ele fez de propósito, ele desenhava só pelas bordas e eu não conseguia identificar, e aí ah, um capeta – não, não é, e não falava nada, e eu - fala logo o que que é! E aí apareceu o Tio Patinhas. Virou meu ídolo, o Tio Patinhas, depois desse desenho, eu passei a ter todos os gibis dele, a gostar por aquele processo que meu primo provocou da adivinhação. Eu gostava muito de desenho, desde pequeno, na creche, sempre desenhei muito, falavam que eu desenhava bem, tanto é que minha mãe comprou o livro. Mas eu parei de desenhar. Por causa do livro.

L – Qual que era o livro mesmo?

R – "1001 maneiras de aprender a desenhar" era uma série de exercícios pra você fazer, mas era desenho de observação. Aí eu não tinha paciência de fazer, daí eu colocava em cima e copiava [risos]
L – Você lembra quantos anos você tinha?
R – Seis, sete, por aí.
L – Bem novo
R – Esse livro ficou muito tempo comigo, sempre uma referência. Às vezes eu alterava algumas coisas, mas ele me dava base de algumas coisas e desenho, o que forma humana, ah, isso eu posso fazer assim. Mas muitas vezes eu copiava, e outras eu fazia parecido, mas achava que era errado, também. Eu lembro de ter ido algumas vezes em museu, mas eu não lembro direito, minha mãe me levou no museu do Ipiranga, mas eu não lembro tanto disso. Adorava Estação da luz, aquela coisa, mas não lembro de visita de escola que a gente chegou a ir a museu não. Prá mim foi muito a escola e a televisão. E a rádio.
L – Disso que você viu na escola, se encantou com a professora, que relação que isso faz com a sua atuação como professor, que que você leva pra escola?
R – Enquanto minha postura como professor?
L – Sua postura, didática...
R – Então, a princípio, eu usei muito essa frase com os alunos, essa coisa do - vocês vão odiar algumas coisas, mas depois vocês vão sentir falta. Essa coisa do prazer que ela conseguia proporcionar a gente, ainda sim a gente aprendendo. Uma coisa que eu tenho como referência, mas eu tenho uma outra referência muito forte que é o professor bravo. Eu adorava aquele professor que era temido, que até eu, não tinha coragem de abrir a boca. Mas que não é o bravo só bravo... eu tinha uma professora de biologia que ela tinha 6 anos de UNESP. Jogava o livro assim em cima da mesa, uma pilha de livros, e ela começava a falar, falar, falar. Ela não precisa passar o texto na lousa pra ler o texto, e ela explicava tudo, bom, agora vocês vão abrir o livro na página tal e vocês vão ler, façam perguntas, depois vocês tem exercício pra fazer. Toda aula dela era isso, foi quando eu aprendi biologia. E era em grupo, então tinha a coisa da discussão, dividia tarefa, então, a braveza dela conseguia dar condições pra gente aprender. Então eu respeitava ela demais, pessoal tinha medo, falava mal dela, um monte de coisa. então eu tive muita certeza disso. Eu posso virar um monstro, mas meu aluno vai aprender, não quero que ele lembre de mim como banana que foi legal e só.
L – E em relação às atividades, mais relacionado à arte, suas vivências
R – Fiz tudo diferente, aí com coisas que eu fui aprendendo na faculdade. É... mesmo dela. Dela acho que essa coisa de levar música junto, fazer comentários, mas eu em aula, eu nunca tive parâmetro. O que eu fazia pra saber como era viver as minhas aulas eu não fazia muito relação com o que meus profs faziam e eu sempre achei isso um problema, assim, até precisava ouvir demais o feedback dos alunos e tentar imaginar. Às vezes alguma amiga minha via, nossa Rodrigo, essa parte da tua aula tá muito difícil, acho... porque eu não tive parâmetros. Eu não tive ninguém que trabalhasse comigo do jeito que eu faço.
L – Como você se prepara pra aula, como que é essa preparação? Então como você prepara suas aulas, como que você busca referências?
R – Olha, hoje, depois de 8 anos, eu tenho tanta referência das coisas que eu vi, das experimentações que não tem assim, vou começar um trabalho novo, eu já tenho muita informação, eu já tenho uma estrutura, uma base, pra montar a estrutura. Aí se eu começo a desejar outras coisas eu vou atrás das informações específicas. Ah, não, quero investigar mais isso aqui, esse artista eu vou levar mais info dele, ou que

atividade eu poderia fazer aqui no meio que, isso aqui não ficou legal, faço uma experimentação, tiro alguma coisa, não gostei, de repente troco, na próxima turma, eu teria a mesma série, já peço diferente, faço de outra maneira, mas é isso. Porque no começo, é muito aquela coisa assim de montar o plano de ensino, e criar o percurso todo né, não era só fazer aquele monte de conteúdo desconexo e as metodologias. Era meio que uma construção, 1° bimes tre eu vou estudar isso aqui, prá estudar isso eu pretendo fazer tais atividades, de tal maneira, utilizar tais artistas de referência, em tal momento fazer isso, e avaliar dessa forma, porque pra mim tinha que ficar claro, ahn, tanto é que meu projeto, nossa, era um filho meu, era um parto. Eu pensava cada detalhe, ia pensando como é que eu ia desenvolver três eixos de arte, como é que tudo ia ter coerência pra que tudo estivesse vinculado. Eu podia até fazer o desenho, mas ele não ia ser solto, ele tinha vinculação com algo que estou estudando com os alunos, entendeu. E tem que ter muito essa ideia de percurso. Até o fim do ano é um percurso, eu to passando, os alunos podem até não perceber, e eu vou tentar ativar isso, lembra que a gente fez aquilo, então, a gente fez aquilo naquele momento pra que agora a gente pudesse fazer isso. Sempre estar de dentro de um caminho, nada era por acaso. Aí, no estado, eu trabalhei no SESI, no SESI o plano era mais meticuloso ainda, eu tinha que escrever... Lá eu aprendi uma metodologia que é própria deles, que era cinco passos que seu plano de ensino tem que garantir presente na sua aula. Então, levantamento de conhecimento prévio, estratégia de mobilização, avaliação, sistematização e... problematização. Então, montar o plano. E aí essa a ideia de percurso ficou forte, 2007, 2006, segundo ano já, que não era solto. Eu tinha expectativa de ensino, e como é que eu faço isso seguindo os caminhos de aprendizado desse aluno, que ele vai começar em um lugar e terminar em outro, isso é muito forte hoje no meu trabalho. E aí, então eu colocava lá qual a expectativa, onde é que cada expectativa ia aparecer, em que momento da aula, que estratégia de mobilização, em que momento eu podia reavaliar e ter uma retomada, então tudo isso tinha que ter escrito, cada sala, cada série. Aí no estado, nos primeiros 3, 4 anos foi o inferno, porque o coordenador não sabia o que dizer, mandava cumprir isso daí pelas atividades, eu estava de saco cheio depois de tanta declaração na imprensa do secretário de educação e do [José] Serra, que o professor não prestava, a educação tava uma bosta, que o professor era ruim, então eu não conseguia investir naquilo porque eu sentia que se aquilo funcionasse, eu tava reforçando o que ele disse. Agora, do jeito dele ia funcionar, do outro jeito não, então, espera aí, antes eu era uma bosta de professor e agora eu fiquei bom porque ele mudou o jeito? Não, eu já era bom professor, eu já acreditava no que eu fazia. E aí minhas aulas foram as piores, um lixo. 2008, 2009 minhas aulas foram péssimas. eu fazia empurrado, eu não planejava naaada, eu chegava, ah, tal coisa, na hora vinha, vamos fazer tal coisa. Mas as vezes eu não tinha material, eu saía da aula, perdia completamente a motivação de novo pra buscar qualquer coisa, 2010 eu comecei a melhorar. 2011 prá frente eu já ganhei mais liberdade e autonomia. Inclusive esse ano tá uma delícia porque não tem o caderno, então eu tenho noção do que o currículo quer e eu faço o caminho que eu quero, do jeito que eu quero.

L – Não tem mais o caderno?

R – Ele tá em, reformulação, então eles não editaram esse ano.

L – Nem as crianças receberam nem vocês.

R – Nós temos o anterior do professor, que nós temos ainda, mas o do aluno não veio. Então como o aluno não tem nada, agora é extra atividade, então eu to fazendo o caminho do jeito que eu quero. Pulo coisa, troco coisa, junto coisa do

próximo bimestre com esse, que eu já tenho uma noção do todo, também e na prefeitura de Campinas também, entrei com essa ideia de percurso, tanto é que eu tenho uma certa dificuldade, por que os alunos faltam bastante, ou mais no final estão cansados, desaparecem. E aí como que não teve nota se ele estava presente? Não, agora ele tem que entender, é um percurso. E aí também construir com o aluno - ah, você não vai dar nota nesse desenho? Não, eu não ensinei ainda você a desenhar, como que eu vou dar nota naquilo que eu não te ensinei? Eu vou te dar nota numa coisa que eu ensinei, então eu vou fazer várias coisas com você desde ampliar sua visão de desenho, pra você conhecer algumas imagens, pra você conhecer algumas técnicas, e você desenvolver a sua ideia. Agora eu te ensinei tudo isso? Então agora você vai desenhar, agora eu vou avaliar o seu desenho. Então essa nota é uma só, mas é resultado de todo o percurso que você fez comigo, porque se não eu vou ser muito injusto em dar nota se é bonito ou feio, é minha opinião. E a minha opinião não é melhor que a tua. E eu não posso falar então, a Lívia é, nossa. Ela já desenha porque sempre foi apaixonada, e você sempre morreu de medo, então ela tem nota boa e você vai reprovado? Todo mundo vai ser avaliado, do primeiro desenho que você fez até o último, o quanto você avançou e você mesmo vai reconhecer. Então o primeiro termo é sempre um parto pra conseguir isso, depois eles já vão entendendo.

L – Como que você seleciona, que que é significativo colocar no seu planejamento, o que que você pode deixar pra outro momento, ou não trazer? O que é significativo ensinar pros seus alunos?

R – Então, já foi uma época que eu escolhia muita coisa que eu gostava. Muito, a forma de eu trabalhar pelo seguinte, era muito a partir de objetivos, e ficou muito forte pra mim a presença da linguagem, que antes eu tinha muito mais a leitura da imagem, o conceito histórico do que a linguagem em si. O desenho, que que é desenhar, o que é pintar, o que é teatro? Como eu construo isso? E depois a especialização me deu essas info. como que funciona essa linguagem, o processo de dizer alguma coisa por meio daquilo. E aí eu tenho a leitura daquilo, eu tenho o contexto daquilo, mas como é que eu digo algo? Isso pra mim é muito forte. Então, por exemplo, no supletivo, a princípio escolhi trabalhar com desenho porque era um medo deles e eu também enxerguei no desenho a oportunidade de desenvolver o pensamento da criação, pelo esforço. Então eu comecei pra desconstruir esse medo, e ao mesmo tempo pra começar a desenvolver esse pensar o que eu quero fazer. Desmistificar que a criação é bum! Pronto, surgiu a ideia, nossa que maravilhosa, eu sou um gênio. É minha imaginação, e aí quando eu pergunto pra eles - ah, a imaginação, a criatividade. Não gente, não surge dai. Então quando eu começo o processo de criação, por exemplo agora eu to fazendo com escultura. eu vou propor três temas. Nós conhecemos o Aleijadinho, pra mostrar o artista brasileiro, um pouquinho de história da arte, escolhi o Vitalino, porque tem a cultura popular, e peguei o Rodin també, porque eu tinha o filme, tem muitas cenas legais. Aí depois disso o Rodin, qual era a ênfase dos temas dele? Ah, ele mostrava pessoas em diferentes poses, então pessoas é um tema que vocês podem, escolher. O aleijadinho? Religião. Então vamos também ter essa possibilidade. Mestre Vitalino? Cotidiano, então esses são os três temas que nós temos. Aí eu explicava geral, então agora eu faço a turma inteira, por mais chato que fique naquele momento fazer junto. Circula qual dos três você escolhe, ah, mas eu não sei. Vai ser só uma escolha, uma decisão sua, você vai decidir. Tá, decidiu, então agora você vai pra próxima etapa. Qual é o assunto desse tema que você vai escolher? Um orixá, vai fazer Jesus, vai fazer um anjo, um pastor, uma pessoa com

a bíblia na mão, que que você vai fazer? que que VOCÊ, o que que é importante e significativo pra você. Aí ele começa a de repente, fazendo, então se você não tá conseguindo chegar na ideia, gente, e aí, que que tem disso, de tudo que você viu, acho interessante? Aí próxima etapa. Agora, que que é essencial para uma escultura. Pra eu saber que essa escultura é Maria com Jesus no colo, como pé que eu vou saber que é? Ah, uma mãe com a criança, mas toda mãe com criança é Maria e Jesus? Não. E que que ela tem que tem então pra eu saber que é Maria e que é Jesus. Que vai ter que ter presente, imagina, fecha os olhos. Cria Maria agora na sua cabeçA – ah não, precisa ter aquela roupa de tal maneira, como é que eu vou saber que é Jesus? – Ah, ele esta na cruz, e se não for na cruz, e se for Jesus conversando com uma pessoa que você quer. Toda hora vai ter uma cruz plantada atrás de Jesus? Não. então, como que ele era? Como é que e eu sei que é ele. - Cabelo comprido, barba, camisolona – Então, agora, mesmo que não tenha cara de Jesus, a chance de eu identificar como Jesus é maior. Aí depois disso, o que que eu quero dizer com isso? Então, to mostrando Maria e Jesus porque? O que eu quero dizer, a maternidade, o carinho que ela teve, eu quero dizer isso, eu quero dizer que é horrível, Maria era uma péssima mãe, limou Jesus. Porque aí eu tenho que escolher algo pra ver isso dessa maneira. E aí a ultima etapa que eu faço, eu tenho feito isso em todo processo de criação deles – Ah, tá muito chato professor, deixa a gente criar logo. O que que você vai criar se você não sabe o que você quer? Como é que você chega em um lugar se você não sabe onde quer chegar? Eu falei, exatamente isso, eu tenho que retomar o tempo todo. Lembra que vocês pensam que é imaginação, que tem a criatividade, que vocês não tem? Isso, que nós tamos fazendo é imaginação e criatividade, é ela agindo que você conhece com o seu pensamento. E a última pergunta então é que maneiras eu posso mostrar isso. Quero mostrar a importância da maternidade. Então Maria tá lá com Jesus dando um tapa na bunda dele? Isso vai mostrar isso? Não. Então como que ela pode estar? Ah, ela pode estar com ele no colo. Tá, e aí, ela tá olhando pro lado? Não, ela tá olhando pra ele. Ah, então tá bom. Ela pode estar com ele em pé, brincando e sorrindo pra ele. Ela pode estar com ele, com carinho, então. Como, que ideias existem pra representar a mesma coisa? Então ele escolhe uma e vai tentando representar. Eu vou fazendo isso. Então, mas você perguntou outra coisa e acho que eu fugi. as escolhas né? Como eu tenho, no supletivo, por exemplo, um objetivo. é sempre em relação ao meu objetivo. que que eu tenho em foco? Se é a linguagem que eu quero que ele aprenda? Então o que eu preciso fazer de exercícios ou de artistas que possa contribuir pro que eu faço. Lógico que é daquilo que eu conheço ne, se eu conhecer algum outro que possa agregar eu acabo mudando. As vezes até uso coisas que eu não gosto mas porque ela vai fazer uma provocação interessante naquele momento. É muito pelo objetivo que eu tenho. Tem muito a questão da arte contemporânea, algumas coisas são mais difíceis, na compreensão, pros alunos compreenderem. Tem o que eu posso usar aqui, que situação eu posso, que etapas eu posso criar agora pra eles conseguirem compreender isso? Então todas essas escolhas vai em cima de qual meu objetivo com o aluno.

L – E em relação as linguagens? Por exemplo, você falou da escultura do desenho. A fotografia, em relação a criação

R – Todos eu vou trabalhar criação, todos. Não importa o que eu vou escolher

L – Foto tem a questão da materialidade

R – Sim, mas ainda sim, por exemplo, mesmo na sétima série eu trabalho materialidade, a hora que eles tão fazendo o trabalho, que que você pretendeu

explorar de material aqui. To o tempo todo fazendo perguntas. Eu uso a pergunta como estratégia de aula. E aí agora que eu tenho que, essa coisa do conceitual, e até pra desconstruir o bonito e feio, eu tenho o tempo todo = porque você criou isso? E que ele me apresente o mínimo de argumento possível. E é mais em cima desse argumento que eu vou estabelecer minha nota. Lógico que é dentro do meu objetivo de foco, não vou perguntar o que eu também não ajudei a construir, e aí é que eu vou definir a minha nota na avaliação.
L Porque tanta pergunta, de onde veio isso de fazer tanta pergunta pra eles?
R – É minha.
L – Sempre foi perguntador?
R – Sempre. E aí mais do que nunca depois eu fui buscando isso. Eu fiz um curso do, por acaso de filosofia pra crianças, que mostrava exatamente a importância, meu tcc tava relacionado a isso, juntei com filosofia da criança, dessa importância do questionar pra você investigar, pra isso a gente se pergunta. Inclusive encontrei uma metáfora ótima pros alunos entenderem. Porque eu pergunto e porque eles precisam perguntar. Só aprende quem pergunta. Sem pergunta a gente não aprende. E aí eu falo assim, então tá bom. Aqui você lívia, e a sua amiga vai encontrar um menino que ela é apaixonada na sorveteria. Aí ela tava nervosa, você acalma ela, mas você também tá na expectativa. E aí você fala pra ela, nossa amiga, a hora que você chegar você me liga. Aí ela não liga. Aí você não aguenta esperar, você liga. - porque que você não ligou, que não sei o que. E aí como é que foi???? E ela te responde - legal. Você tá satisfeita com essa resposta? Lógico que não!! Eu quero saber tudo! Eu quero saber não sei o quê. Quem mais que você quer saber? Quero saber que que ele falou, que que ela falou, se ela gostou, se não gostou se beijou na boca, quem tomou atitude, eu quero saber os mínimos detalhes. Porque você quer saber tudo isso? Você quer entender não é? É a mesma coisa pra você aprender na escola. Se você não faz perguntas... E olha o que eles fazem comigo - porque que você pensa isso desse artista? - porque é legal. Se você não aceita o legal da sua amiga, porque que eu tenho que aceitar o seu legal? Agora, lógico que eu entendo que algumas coisas são diferentes do cotidiano, e são lógicas. Eu vou te ajudar com outras perguntas, né. Porque que você quis fazer com esse material? "ah, não sei". Porque que você escolheu esse e não outro? "Ah, porque eu acho esse bonito. Então vamos olhar pra esse material. Que que tem nele que pode ser bonito?" Até... Porque você tá descobrindo naquele momento. Então eu vou sempre tentando mediar com perguntas, não tem jeito. Com essa coisa da arte contemporânea, mais ainda. Varias coisas foram acontecendo pra mostrar, melhor ferramenta que eu tenho pra mostrar é essa.
L – Em relação aos desafios não anunciados, já tem uma noção que educação não é bolinho, mas aí, agora, você se formou, tem diploma na mão, você é professor, que desafios foram os que você encontrou que ninguém te avisou. Teve algum assim?
R – Primeiro que eu não sabia nem o que era diário. Plano de ensino era outra coisa que eu nem ouvi falar. Nada dessas burocracias chatas, e algumas necessárias, plano de aula, plano de.... Eu não sabia a diferença daquilo. E ao mesmo tempo como é que você organiza tudo isso na sala de aula. Eu esqueci de falar, eu tive uma experiência, que a escola que eu fiz estágio me contrato, eu trabalhei 6 meses. Mas eles me contrataram porque assim, gostaram, lógico, mas eles viram a oportunidade do seguinte, eu tinha sido formado pela professora da escola, eles tinham uma noção de como eu trabalhava, e a professora
L – Da Ong você diz?

R – Não não, de uma escola mesmo, em Rio Preto
L – Particular?
R – Particular. A que eu fiz o estágio. Ele... Eles me contratarem pra dar aula no ensino médio. Só que ensino médio daquela escola particular eles eram a rebeldia em pessoa. Você dava aula do que eles queriam, eles sentiam que eram donos da escola que eles estavam la desde o ensino infantil, eles perderam o controle da turma. Chegou eu impondo coisas. Só que ninguém me avisou. E a professora também não me procurou, Rodrigo, é assim. Quando eu já tinha batido de frente, eu fui até o final. Resultado. Um monte de nota vermelha, né. Nunca vi a coordenadora em htpc nenhum. E aí ela fez o relatório, dizendo que tinha me orientado diversas vezes, dado alternativas, e que eu não respondia nada do que ela fez. Eu não fui ouvido, peguei, olha, nos não... Não foi legal. Foi puro trauma. Mas mesmo quando eu cheguei no estado, eu falei gente, mas como que eu faço? Como é que eu faço pra dar aula? Gente, a faculdade não me ensinou nada! E ficou muito mais evidente isso né, as enganações que eu tive, eu tinha muito as técnicas, eu não queria fazer aquilo. Então eu fui experimentando, nossa não deu certo, mudava, - você não falou isso naquela série - não, mudei. Porque não foi legal. Abri o jogo, falei gente, me formei, tenho essa referência, vou aprender com vocês, não gosto disso, acho injusto, acho um absurdo ter que usar vocês de cobaia, mas já me convenceram que a única forma de aprender é experimentar. Não queria fazer isso com vocês, mas... Vai ser legal, vai ter coisa que vai ser legal, e aí foi a hora que os cursos tiveram um peso muito grande, pra eu poder buscar tudo o que eu queria. De referência.
L – Uma experiência marcante positiva?
R – Em sala de aula?
L – Sim
R – Acho que a relação com os alunos, quando acontece um *insight* legal, nossa, é maravilhoso. Não tem coisa que pague isso.
L – E uma coisa especifica que tenha acontecido? De repente uma coisa mais antiga, ou mais nova...
R – Então, eu não lembro. Felizmente foram bastante, olha, posso falar que felizmente foram muitas situações... Que ... Acho que o conjunto delas. De apresentar alguma coisa, se entusiasmareM – poxa professor, que legal, não sabia não conhecia. Poderia citar uma, duas.. Mas não é ela que é marcante, é o conjunto disso. Teve exposições que eu consegui que os alunos entendessem o processo de mediação do artista, dele te criado uma instalação na arvore, no jardim da escola 4 arvores, tinha um monte de roupas penduradas no cabide. E tinha todo o porquê, que que ele tava questionando com aquilo, do ser humano, da embalagem, e a comunidade vinha na escola e perguntava quando ia ser o bazar da pechincha. E ele se incomodava. Aí a diretora, e todos os funcionários, pessoal da limpeza também: quando vai ser o bazar. Gente, pergunta pro aluno. Fiz de propósito. E ele vinhA – professor, isso é um absurdo, as pessoas não respeitam o meu trabalho! Porque não tem nada a ver, não viu que tinha titulo lá, não sei o que, estão me provocando. Eu falei será que estão te provocando? E aí chegou o dia da expo. Que ele montou um tempo antes, que ia dar trabalho, e ele me deu um relato muito legal que foi assiM – professor, agora eu entendi o que você dizia na aula o ano inteiro. Eu fiz o negócio pensando numa coisa, mas ninguém entendeu o que eu queria, e eu fiquei no começo da expo brigando com as pessoas pra que elas entendessem o que eu fiz. Aí chegou uma hora que eu, por mais que eu dissesse o que eu fiz, a pessoA – ah, não, mas não é isso que é, você tá falando. É isso. Por causa disso, por causa disso. Eu desisti de ver o que eu fiz e passei a aprender com elas quantas

maneiras diferentes de olhar o meu trabalho. E eu vi que eu não tinha domínio sobre o que os outros sabiam. Olha, um aluno de terceiro ano do ensino médio me falando um negócio desses... Então muito legal assim. São coisas. Então pra mim é o que eu acho mais gratificante, o mais significativo.
[...]

L – Segunda ou terceira semana eu levei um *powerpoint* pra eles pra falar que que ia ser minhas aulas, como que eu ia avaliar. E aí eu fui colocando umas imagens nesse *powerpoint*. Chegou uma hora que tinha o urinol. Então assim, tinha uma arte rupestre, uma arte egípcia, tinha uma mulher do Botticelli, que eles acharam feiA – essa mulher é feia, barriguda, peito pequeno!! Aí tinha o urinol. Os meninos na hora sacaram o que era aquilo. Deu aquele desconforto. Ficaram pensando - é o que eu to pensando que é; nossa. Foi muito polêmico, muito do outro mundo. Gente, isso tem cerca de 100 anos. Não é novidade.
R – E eu que mostrei no supletivo a origem do mundo do Courbet
L – Uou.
R – Só que eu avisei, eu falei gente, coloquei uma imagem, mas acho que não devo mostrar, né
L – Falou isso: naaãaao, mostra!
R – É, assim, então. Mas eu acho que era a síntese do realismo, você mostrar a coisa como ela é, sem fantasiar nada, sem melhorar nada
L – A vida como ela é
R – Então eu vou dizer, olha. É nu, e parece... Parece mais escancarado, não é tão.. Artístico. Ele quase pareceria pornografia, não é, então pra algumas pessoas pode ser mais agressivo.., Se vocês concordarem eu mostro, pra mim não tem problema nenhum e tem o porquê eu estaria mostrando. Mas, pergunto, e aí eu vi que umas senhoras se incomodaram, mas não tiveram coragem de levantar. Então vamos fazer assim, eu não vou mostraR – não, não sei o que. Enrolei o máximo que eu pude, continuaram me cobrando. Aí eu virei e falei assim, gente, finalzinho da aula, as pessoas que não se sentirem a vontade pra ver, podem pegar o material, podem levantar, vai beber uma água, e aí eu mostro, porque eu não quero que ninguém se ofenda. E você tem o direito de... Ahn, não levantar.
L – Todo mundo maior de idade
R – A mulherada riu né. Aí professor, não dava uma limpadinha na moita não? Que não sei o que, credo, nossa, essa aqui tá feia mesmo, coitado dos homens, foi uma zoação né. Depois eu fui saber por outra pessoa que um grupo de alunos foi reclamar com a diretora que era absurdo eu ter mostrado aquilo, esperei a diretora vim falar comigo, ela não veio. Porque ela também tem a mente muito aberta. Gosta das minhas aulas. Mas a primeira coisa pra dizer é eu fiz o processo, eles estavam conscientes, elas que negaram o direito de não ver. Eu dei. E acho que deveria ter mostrado. Mas em respeito a elas, senhoras, resolvi perguntar.
L – Acho que, você perguntou, deu a possibilidade, mas até... Não precisa não ser nada muito explícito. A Maja desnuda já foi Meu Deeeeus! Eu falei, oh, acostumem-se, porque eu vou trazer desenho de nu. Quem tem conhece, quem não tem sabe o que é.
R – E quem nunca viu não sabe o que é...
L – Não, então, quem tem conhece quem não tem sabe o que é. Né, não vou mostrar nada assim, noooossa. E, mostrei depois a vestida né falei oh, mandaram vestir, ele vestiu né. Maaas...
R – Eu só não mostrei a origem da guerra né, que era meio 1989 eu não mostrei.

L – Não conheço
R – É um outro artista que pintou, é um homem com o pênis ereto, e, assim, na mesma posição da mulher, e ele tá ali, então a origem da guerra
L – Olha.
R – Um barato, porque eu achei que era do mesmo artista, depois eu descobri que não é.
L – Mas é do mesmo período.
R – Nãão, é 1860 e tantos e 1989.
L – Aaaaah tá, mas provavelmente
R – É, ele criou meio que a complementação
L – Agora acharam o rosto né, da origem do mundo
R – Eu comentei como eles. Tão procurando até hoje quem é a dona dessa...
[...]

ANEXO 2 – Entrevista com Caroline E. Vicente

L – Hortolândia, 16 de abril de 2013, entrevista com Caroline Vicente. Data de nascimento
C – 26/04/1980
L – Onde leciona?
C – Campinas, no Barraquet [EMEF Profª Clotilde Barraquet Von Zuben] e Escola Carmelina
L – Carmelina?
C – Isso. De castro Rinco [EMEF Carmelina de Castro Rinco]
L – Quanto tempo?
C – Esse é o quinto ano
L – Mas você já lecionava antes?
C – É, eu tive uma experiência trabalhando no SESI. Seis meses trabalhando no SESI. Depois eu arranjei o estado e a prefeitura ao mesmo tempo.
L – No SESI você era professora?
C – Professora de Arte também. Na época foi minha primeira experiência numa turma que era minha, antes disso eu tinha dado algumas aulas.
L – No SESI Campinas?
C – Limeira.
L – Onde você se formou?
C – Na UNESP
L – Fez algum outro curso?
C – Depois, você fala? Eu fiz pós-graduação em psicopedagogia.
L – Aonde?
C – Pós EAD.
L – Como foi sua formação? Mais teórica, mais prática?
C – Acho que foi bem dividido entre teoria e prática.
L – Foi polivalente?
C – Sim
L – Você fez estágio, como é que foi?
C – Fiz estágio, mas fiz muito pouco. Quando eu fiz foi mais porque eu precisava de uma lista assinada pra cumprir os estágios. Não posso dizer que foi uma vivência. Até porque eu fazia na verdade estágio, em teoria, na área de arte, só que era com artesanato, lá em Bauru. não sei se você conhecia lá, Lu & cia.
L – Sim sim, da... como que é o nome dela?
C – Fernanda. Luciana. A Laura, também
L – Será que eu to confundindo.. eu to confundindo com um que era próximo da [rua] Rio Branco. Um ateliê de criança.
C – Então, na verdade, quando eu fui pra Bauru eu precisava arrumar um trabalho. porque minha família não tinha condições de me manter muito tempo lá, então, eu sabia que eu tinha que arrumar um trabalho pra fazer a faculdade, então, esse que apareceu pra mim no momento que apareceu foi muito bom, porque era pelo menos no começo era da minha área, porque trabalhava com artesanato, pintura de madeira, e quando eu comecei la era um ateliê, bem pequeno mesmo. E nos dois anos que eu passei fazendo estágio lá, cresceu, virou uma mega loja em Bauru. porque esse mercado de criança, grávida, nossa, dá muito dinheiro. Cresceu muito, tanto que quando eu sai de lá acho que tinha umas 7 estagiárias da UNESP.

L – nossa.
C – então, assim. Era o meu trabalho porque eu precisava trabalhar. Tinha a vantagem de ser estágio, e ser meio que na minha área e a desvantagem também de ser estágio, porque a gente ganhava muito pouco e a medida que o tempo passava a gente via que não era muito estágio na área. Porque como cresceu a loja, cresceu a demanda, a gente trabalhava meio que mecanicamente. Apesar de ser muito gostoso, imagina, vários estudantes de artes sentados pintando, decorando coisas de criança.
L – Mas não com crianças, diretamente?
C – Chegamos a trabalhar no começo. Quando eu comecei a trabalhar lá, a proposta era legal por conta disso, a gente até iria fazer algumas oficinas, tipo de férias, as mães pagavam cursos e a gente ensinava pintura, algumas técnicas, mas é o que eu falei, com o tempo, até a lembrancinha que a gente pintava a mão, a lembrança de uma festa, de um nascimento, que sei lá, no começo a gente fazia 30 lembrancinhas pintadas a mão, com pincel, pra quem gosta de pintar até que era legal. No final desse estágio, como era maior a demanda, ela começou a fazer isso impresso. O que a gente fazia era recortar os impressos e colar num pedacinho de madeira que a gente pintou. Então o trabalho artístico foi ficando cada vez mais escasso lá. Coincidiu também com a minha formatura, com o término do curso. E daí eu cheguei a fazer com uma escola estadual, mas muito pouco de estágio. Na verdade, eu fazia o estágio mas eu não ficava em sala de aula, eu arranjei numa biblioteca de uma escola estadual.
L – Então aquela parte de participação, vivência...
C – Não, até porque não era nem tão fácil conseguir o estágio. A primeira escola que eu fui, eu fui assistir aula a professora mal me cumprimentou quando entrou na sala, e daí, que que aconteceu, eu tinha uma amiga que era de Bauru e uma tia dela trabalhava numa escola, mas estava readaptada, numa biblioteca. E aí eu conheci essa tia dela, e aí como ela era uma professora, eu fiz estágio na biblioteca. E até desenvolvi algumas atividades porque a gente pintou o muro da biblioteca, e aí em cima daquilo a gente levava algum grupo de alunos na biblioteca, trabalhava alguma coisa, mas bem diferente de conhecer a realidade da sala de aula. Eu só fui conhecer quando eu entrei em uma.
L – mas quando. Essas aulas que você foi dando, como... Eventual
C – eventual
L – elas eram aulas seguidas, ou...
C – não, não foi durante a faculdade, foi depois que eu me formei, acho que eu dei duas, três aulas completamente sem vínculo nenhum uma com a outra. E assim, dessas aulas que eu dei, eu senti, acho que até de maneira precipitada que eu não queria dar aula, porque você imagina só, eu entrei, nunca tinha dado aula, eu dei umas três aulas como eventual, e, os alunos não queriam nada, não me respeitavam, eu não tinha nenhuma noção do que era você chegar numa sala de aula, enfim, e aí eu saí com a ideia que eu não queria dar aula mesmo. Tanto que dai eu comecei a trabalhar no Senac na parte técnica, na parte da coordenação pedagógica, trabalho bem diferente, passei um ano no Senac, me chamaram de um concurso que eu tinha prestado quando acabei a faculdade, e aí por questão de grana mesmo, eu ia ganhar o dobro do que eu ganhava, onde eu tava trabalhando, eu resolvi ir. Até porque ia ser uma sala minha, ia ser uma oportunidade de ver se eu quero ou não dar aula. Aí fui trabalhar no Sesi, apanhei um pouco no começo, no sentido de que... Não que eu... Eu sentia que eu tinha o conhecimento, o embasamento que eu precisava, mas eu não sabia o como fazer, então minhas

maiores dificuldades no começo eram essas... Como que todo esse conhecimento, de olhar pra uma obra de arte, a gente já vê tanta coisa nela, enfim, já tem um pensamento mais complexo, como que eu vou mostrar isso pra uma criança. Como que eu vou fazer pra ela.. Pra não ser nem um ateliê de pintura nem uma aula super chata. E aí demorou alguns dias, algumas semanas, meses talvez. Pra eu ver que não era tão difícil quanto parecia. E com o passar do tempo vai ficando mais claro, até hoje. Porque você acaba pesquisando mais coisas, descartando o que não deu certo, melhorando o que já está bom, e tentando novas ideias, também, e aí a gente vai achando um caminho menos difícil.
L – No Sesi você ficou quanto tempo?
C – Fiquei sete meses.
L – Não chegou a completar o ano letivo...
C – Não. É assim, eles já vinham de um histórico de vários professores entrando, saindo...
L – E era fundamental?
C – É. Ciclos 3 e 4
L – E no estado? Era...
C – Também.
L – Você ficou quanto tempo no estado?
C – Então, quando eu dei aula de eventual foi umas três aulas. E no estado, depois que eu ingressei, eu fiquei 2 anos. Porque eu ingressei no estado e na prefeitura ao mesmo tempo. Na prefeitura eu continuo até hoje e no estado foram só os primeiros dois anos. Que eu levava junto, prefeitura de Campinas e estado.
L – Então você não chegou a trabalhar com colegial, nem com educação infantil?
C – Educação infantil nunca, e ensino médio no estado.
L – Certo. Mas da sua formação, você vê que ela ajudou? Pela teoria?
C – Ajudou muito, eu acho que eu tenho muito claro, o que fazer, o que trabalhar, o que não trabalhar, senti bastante dificuldade em como fazer, eu não conseguia pensar em como desdobrar uma sequência didática, como trabalhar determinado conteúdo, adequando a faixa etária da criança, tanto que, quando eu comecei, eu passava, às vezes eu chegava, quando eu peguei primeiro ano, umas duas atividades que eu passei, eu percebi na hora que eles estavam fazendo, que eles não tinham ainda a coordenação, a habilidade pra fazer aquilo, era uma atividade que precisava cortar, tira de revista, e aí o que pra mim já era uma coisa que ia dar certo, a partir disso eu já pensei em outras, outros problemas que poderiam surgir, na verdade foram esses que surgiram, os mais básicos, que eles não conseguem cortar reto ainda uma coisa dessas, então, assim, são coisas que eu tinha que aprender na prática. Mas eu não tinha nenhuma ideia, do como fazer. Mas a parte teórica, a parte que eu acredito, as coisas que eu estudei me acompanham até hoje. São elas que me fazem tomar as decisões.
L – E você participa de formação continuada?
C – Sim
L – Que curso?
C – Agora, esse semestre eu não to fazendo nenhum curso. Já fiz alguns no decorrer desse tempo, fiz do estado, fiz na prefeitura também.
L – E o que você participou? Foi teia do saber...
C – É, a rede aprende com a rede, no estado, fiz formação em música na prefeitura...
L – Que curso de formação você fez?
C – O curso chama formação em música.

L – Mas era fanfarra, percussão... ?
que não são as mesmas coisas, mas ela ainda continua com esse gás de fazer coisas diferentes.
L – Ah, que bacana. E você considera que sua experiência como aluna influencia você como professora?
C – Sim, porque absolutamente todas as aulas que eu planejo eu fico imaginando eu fazendo, e eu até brinco com meus alunos, eu falo, ‘gente, porque vocês estão aí reclamando? Se eu pudesse eu largava o meu diário aqui, sentava e ia fazer essa lição, de tão legal que era’. Então eu tento... E tento colocar eles também tipo. Não só na posição de aluna, falo assim, vocês vão fazer uma pintura, imagine se você fosse pintor, ou sei lá, ilustrar, imagina se você fosse ilustrador, se você tivesse recebido um texto de um profissional, e você tivesse que ilustrar, então tento colocar eles na situação, pra ver como eles poderiam resolver.
L – Mas você chega a sentar com eles e fazer as coisas?
C – Não, eu nunca consegui assim, fazer uma atividade que eu passei. Por exemplo se é uma atividade em grupo, se é uma atividade mais de construção, eu ajudo, eu dou opinião, porque eles me perguntam bastante, eu nunca digo 'faça isso', mas eu sempre jogo umas três ideias meio abertas pra eles, fazer o que quiserem, explorarem, porque acho que as vezes falta bastante referência pra eles, não é que eles não sabem, não conseguem, eles não tem a referência. Porque todo mundo cria com referência, não tem como. Então se eles não viram, por exemplo, 'vamos fazer cartaz'. Uma coisa é fazer planejado, ah, vamos fazer um cartaz, você mostrar sei lá, vários artistas que fizeram, pintores que fizeram cartazes, cartazes mais artísticos, com certeza a produção deles muda. Então eu acho que é isso, tem que variar o universo deles. Mas assim, eu me envolvo com eles, danço com eles, jogos, e quando eu acho que tem que fazer alguma interferência. Não fico só sentada observando o que eles estão fazendo.
L – E você leva a sua produção?
C – Já cheguei a levar algumas vezes. Mas, assim, cheguei a levar mais pra ilustrar alguma atividade que eu ia trabalhar com eles, mesmo, as vezes por não achar algum material que fosse ilustrar melhor, acabei levando coisa minha.
L – O que você acha relevante pra formar um arte-educador?
C – A teoria. O estudo permanente.
L – E quando você fala da teoria, se você tivesse que indicar algum teórico.
C – Então, eu acho que assim, tem alguns que falam coisas parecidas, mas por exemplo, a ana mae barbosa eu acho que ela pauta um pouco genericamente o que se deve fazer na sala de aula.
L – Uma grande referência.
C – É, porque eu acho que assim, tem muito equívoco. As pessoas acham que ou aula de arte é desenho técnico e geométrico, ou é o enfeite da escola, sabe. As pessoas não percebem que a criança tá ali tendo a oportunidade dela desenvolver o percurso dela. Só isso já justifica a aula de arte, não precisa de nada além disso. Se eu tivesse que trabalhar o desenho geométrico dentro disso, entendeu... Dá pra fazer mas, é a criança desenvolvendo suas potencialidades, acho que pra acontecer isso ela tem que ver arte, ela tem que fazer arte, e ela tem que entender um pouco o que que tá por trás daquilo. É claro que eu não vou ficar falando do contexto histórico pra uma criança do 1º ano, entendeu? Mas, as vezes alguma informação, mesmo que perdida, que eu jogo ali sobre o contexto dá um *click*, entendeu? Eu acho que a gente dosando isso, eu acho que eles acabam tendo um olhar diferente, porque eu acho que o ensino da arte, [ruído]. Eu fico pensando, nossa, eu estudei já

faz alguns anos né, começo a me achar meio antiga, será que... minhas ideias já estão mais passadas, enfim? Mas assim, eu percebo que as pessoas, a sociedade ainda acreditam em outra coisa, que não cabe mais na sociedade que a gente vive, com esse monte de imagem que eles veem a todo momento.
L – Então, pra você, o que que é uma pratica significativa em arte-educação?
C – Então, significativa, seria trabalhar principalmente com o que faz sentido na vida deles. Por exemplo, eu trabalho numa realidade, sei lá, que eles não tem todas essas referências eu não posso também ficar só trabalhando no que eles já conhecem, o que tá ali. Lógico não desvalorizar isso, tem que valorizar, só que aquilo, eles já tem, tem as oficinas, né, acho que o mais educação, principalmente na escola que acontece bastante lá, ele dá uma dimensão maior também do que é arte, que quando eu falo pra eles que eles tão na capoeira, no hip-hop eles também estão trabalhando arte, e isso amplia um pouco o significado deles. E eu acho que significativo é trabalhar o que eles estão vivendo no momento. Que nem, eu tava lá meio entediada com o meu planejamento e a gente inventou uma festa de aniversário do Barraquet [Emef Clotilde Barraquet Von Zuben] aqui né. E assim, eu faço um projeto que é a CPA [Comissão Própria de Avaliação] na escola, a gente trabalha com o aluno, e nesse momento está sendo muito significativo pra eles porque tá tendo um concurso de cartaz, as professoras estão trabalhando na sala a história da Clotilde Barraquet; o diretor mostrou umas fotos antigas da escola, aí acaba acontecendo umas coisas espontâneas, uma menina fez um texto super bonito sem ninguém pedir pra ela sobre a escola, então, não sei, de repente algumas ideias que aparecem às vezes, a escola nem tá valorizando, por exemplo teve alguns professores que nem queriam fazer a festa da escola porque acharam que não tinha sentido fazer. Só que, assim, foi uma ideia que foi semeada e que tá tendo retorno sem pressão, sem essa imposição nossa. Tentar captar essas coisas que podem dar frutos, coisas que eles se interessam e explorar elas. Às vezes esquecer um pouco né, que a gente tem toda essa burocracia de planejamento, que a gente quer cumprir ele. Aí tem um monte de coisa atrasada, que eu tenho que dar uma corridinha, e infelizmente a gente fica um pouco preso a isso. Mas vou falar pra você, eu acho que os alunos tiveram mais envolvimento com as atividades do aniversário da escola, que eles gostaram da ideia e tal, do que alguma outra que eu passei aí durante o ano.
L – Quantos anos a escola vai fazer?
C – 33
L – 33? Nossa, uma escola antiga né? Eu acho que o Edson [EMEF Dr Edson Luis Chaves, outra escola da região] lá tem 20.
C – É?
L – Tem que ver lá, não sei direito.
C – Mas é isso aí mesmo, mas era bem pequininha, não sei se você já foi lá.
L – Já.
C- Toda a construção que tem, as salas do lado da esquerda foram todas construídas depois. Era só o miolinho, não tinha quase nada em volta. Porque ali desde que, faz pouquíssimo tempo que eu trabalho lá, só de olhar o horizonte você já vê o tanto que va sendo construído rápido.
L – Lá o pessoal falava muito que depois da Pirelli não tinha nada. E ali pra chegar na escola era tudo terra. Toda aquela descidinha ali. Você já foi no Edson Luis Chaves? Que da [av] John Boyd [Dunlop] pra chegar nessa escola, tem um caminho tortuoso e ali era tudo terra. Tudo terra. O pessoal sempre fala. Lá é um pouco mais recente.

C – Mas então, assim, a gente, professora, vai tendo uma certa ‘paúra’ de ver aluno fora de sala, escola meio bagunçado, a sala agitada, fica meio cansativo, assim eu acho que eles aprendem realmente bem mais alguma coisa que tá fazendo sentido, pelo menos naquele momento pra ele.
L – É. acho que tem que relacionar. Como você se prepara pra sala de aula?
C – Psicologicamente?
L – Tudo, espiritualmente... [risos].
C – Eu tento entrar em sala de aula sempre de bom humor, se eu sei que é uma sala bem difícil, eu tento entrar bem calmamente, e tento ver na aula mesmo. Porque as vezes chega numa sala difícil e já chega com uma energia ruim, não sei. Já esperando acontecer alguma coisa, sabe? Então eu mantenho a calma, organizo eles, eu só começo a minha aula quando não tem ninguém em pé, quando não tem ninguém conversando, só aplico atividade com eles em silêncio, então as vezes demora, as vezes eu fico uns 10 minutos parada lá na frente até eles pararem de falar pra me ouvir. Só que é uma coisa que com o tempo já fica automática pra eles e assim, eu garanto o mínimo de clareza pra quem quer ouvir. Aí o preparo das aulas, eu trabalho com, basicamente em cima das diretrizes de Campinas. Muitas das coisas que estavam lá, na verdade a maioria eu já trabalhava, mas de algumas formas diferentes...
L – Diretrizes é aquele livrinho [Diretrizes Curriculares da Prefeitura Municipal de Campinas]?
C – É, azul. Então pra mim não teve muita dificuldade até porque a teoria base daquilo é o próprio eixo também. É lógico que tem coisa que a gente não consegue aplicar exatamente, mas nem é essa a intenção, eu acho que a gente tem que ter aquilo como norte e eu acho que cada um acaba achando seu modo. Tem que seguir a diretriz, lógico que tem, mas cada um pega um mesmo assunto e explora de um jeito, isso faz parte da particularidade de cada professor, o jeito de... E aí vai envolvendo várias outras coisas. Mas mesmo sendo coisas que eu já trabalhei bastante eu tenho estudado bastante, lido também bastante coisa que tem coisas que eu não sei, e aí eu estudo, e é assim. A pergunta era...
L – Como você se prepara.
C – Desligando completamente quando eu saio da escola, tem algumas coisas assim, eu tenho o meu tempo de trabalho, tem várias coisas que eu tenho que fazer. Planejar alguma coisa, preparar o material. Terminei isso, não fico mirabolando, nem problema da escola nem nada. Eu desligo completamente, vou tomar minha cervejinha, vou andar com o cachorro.
L – E dos desafios não anunciados? O que que você encontrou na sala de aula que ninguém avisou, ninguém te preparou, você nem imaginava...
C – Olha, específico assim, que eu acho muito louco, é o número gritante de dificuldades de aprendizagem, são alunos que não são especiais, não tem o laudo, e não.... Em teoria não tem nenhum problema de desenvolvimento mas assim, tem dificuldades de aprendizagem, que assim, que a gente fica meio sem saber o que fazer, realmente, porque... Teve o outro colega, que teve as mesmas aulas, a mesma idade, e você tá vendo que tá fluindo pra uma pequena parcela, mas eu posso dizer que são muitos que eu sinto alguma dificuldade na aprendizagem.
L – Mas, você falou dos que não tem o laudo. Tem aqueles que tem o laudo também...
C – Então, mas eu ainda acho mais fácil, porque sei lá, você ainda tem a possibilidade de pedir ajuda pra professora de educação especial, de ler sobre qual que é a deficiência do aluno, de tentar, dentro disso que você pesquisou planejar

uma aula, agora um aluno que você não sabe, não sabe o histórico dele, não sabe a dificuldade foi, sei lá, na gestação dele, se é porque ele não come, se é porque ele come carboidrato o dia inteiro, porque eles comem salgadinhos só o dia inteiro, não come fruta, não come coisa boa, sabe, e com certeza isso vai refletir, ou reflete. Eu acho que são varias variantes que estão meio que fora do nosso alcance. E daí você vai pedir ajuda pra quem, às vezes pra família, na maioria das vezes você não consegue essa ajuda porque a mãe tá mais agoniada que você, ou a mãe também não tá nem aí, então, você fica fazendo sempre o que você pode, mas você sabe que aquilo que você tá fazendo ainda não é o suficiente praquele aluno, então infelizmente você constata que ele vai ficar inteiramente à mercê da sala, entendeu.
L – E você fez uma pós em psicopedagogia né? Te ajudou?
C – Olha, essa pós que eu fiz foi à distância, e eu... Não faria de novo. Pelo menos... Eu já fiz curso livre à distância, até que foi legal, mas a pós eu acho que tinha que ter sido uma forma mais efetiva de conhecimento, assim... Eu estudei um pouco da teoria e tudo mais... Mas isso me demonstrou, que assim, existe sim um problema, mas eles podem ter mil variantes envolvidas, e o resumo de tudo isso é que provavelmente você não vai descobrir, ou então não vai descobrir a tempo, ou se descobrir você não vai poder fazer nada... São coisas muito subjetivas. Discorre sobre um assunto, mas e aí, que que você pode fazer de fato? As coisas que você pode fazer de fato...
L – Parabéns, você descobriu, toma aqui o seu laudo....
C – É, sabe?
L – Encaminha pra PUC, se um dia tiver vaga...
C – E daí você... Você avalia o aluno? Porque, assim, quando você avalia o aluno, o especial, ou o deficiente, você também prepara uma avaliação específica pras dificuldades dele, não sei. Os outros alunos você faz uma avaliação considerando um aluno que não tem nada muito gritante na aprendizagem dele. E de repente você encontra vários desses alunos assim, é difícil avaliar um aluno desse tipo, porque você não sabe até onde está dependendo dele, ou ele nem chegou ali, onde você... Sabe.
L – E essa pós foi quando?
C – Ah, vai fazer um ano... Terminei o ano passado.
L – Terminou em 2012.
C – É
L – Você se formou quando mesmo? 2006?
C – Foi, 2006.
L – E quais foram suas influências? Pessoas, lugares, coisas, livros...
C – Pra fazer a faculdade ou...
L – como professora, hoje.
C – Eu acho que minha influência... Eu não sei, eu acho que é esse gosto, assim, que quem é meio artista assim, sente, não se contentar só com as formas do jeito que são, essa vontade de harmonizar elas melhor, de colocar uma cor que ficaria melhor... Eu acho que isso a gente acaba fazendo na vida da gente. Quando eu vou arrumar a casa, comprar alguma coisinha, a gente organiza tudo, e arruma, e eu acho que assim, muitos desses alunos tem isso dentro deles, só que ninguém nunca falou que eles podem fazer isso, ou que é legal, ou que é legal fazer um desenho. Que, sei lá, ele interpretando é legal. Acho que muitos vão se formar e ninguém nunca vai falar isso pra eles. Eles nunca vão ter a oportunidade de fazer. Então eu acho que o que me influencia depois que eu comecei a dar aula é isso, é saber que muitos deles, nossa, se remexidos ali podem fazer coisas muito legais. Eu tenho uns

trabalhos de uns alunos pequenos, que eu acho incrível, eu tenho vontade de por nuns quadrinhos e ir colocando em casa. E não só porque é bonito. Mas porque o aluno tem o modo dele de fazer, e cada um tem esse modo. E aí eles tem sempre, tipo, fazer.. O que a professora pediu, daquele jeito, daquele modo, e às vezes a gente vai sempre mutilando isso, deixando pra trás. E principalmente, que nem... Minha referência agora é o Barraquet. Né. Tipo, quando a família não tem muitos recursos, é mais o básico só que importa. Comida... E eu acho que a arte ela dá uma dignidade pra pessoa, ela não pensa só na comida, ela pensa no que ela pode fazer, no que está diferente, no que ela pode usar. Acho que é por aí
L – Mas você vê uma pessoa como influência? [ruídos]
C – Teve aquela professora da faculdade...
C – Não, tô brincando, é o que me veio na cabeça. Lembra do nome dela.
L – Eu lembro... Uma bem no ano que eu entrei. Era... Maria?
C – É
L – Nossa, quando eu entrei na faculdade era um tal de Maria, Maria.
C – Nossa, que mulher louca. Doida.
L – Pior que eu nem nunca conheci ela. Pra saber a cara da louca.
C – Deixa eu ver, uma... Não, não sei.
L – Você falou de uma professora do ensino fundamental...
C – É, então, é que a professora tinha uma imagem assim, muito forte, porque ela era mais velha mas ela ainda era muito bonita, assim, sabe? Uma pessoa mais jovem assim. Parecia, sei lá, um anjo. Não sei.
L – Você lembra o nome dela?
C – É... Como que chama? Como é agora... Eu não lembro o nome dela não.
L – Porque você falou né, quando eu perguntei da influencia na faculdade, mas o que te levou a fazer...
C – A faculdade? Então, eu gostava muito de educação física e de artes. Eu sempre gostei de atividades assim, por mero prazer, assim, sabe. Sem pressão, e assim, pra mim aula de artes era aquela aula sem nenhuma pressão. Que você podia, a seu tempo, fazer ali o seu trabalho, não tinha que decorar nada, não tinha que ficar estudando, você simplesmente, tinha a proposta, e. Eu sempre gostei de desenhar, desde pequena. E daí juntando... E eu gostava de desenhar pessoas e as roupas das pessoas. Mas eu nunca pensei em ser estilista nada, mas eu gostava de desenhar. Pessoas vestidas, pessoas de várias personalidades, eu ia imaginando a personalidade da pessoa fazendo o cabelo, a roupa. Inclusive, quando eu era pequena, ao invés de eu brincar de boneca eu brincava de desenho, minhas bonecas eram os meus desenhos. Na minha cabeça eles estavam conversando, brincando, sabe? E sempre desenhava mulher, não desenhava homem. Então eu tinha muitos desenhos, e minha vó comprava caderno de desenho pra mim... E sempre desenhando. Eu não pintava nada. Terminava de fazer... E daí eu sempre gostei de desenhar, gostava da aula de arte, daí eu peguei um livro da UNESP e decidi o meu futuro. Porque eu não sabia né, com 17 anos eu fiz cursinho, durante o 3º do ensino médio, mas eu não sabia o que eu ia fazer. Aí maravilha, peguei lá o livro... O que eu sabia é que eu queria sair da minha casa. Eu era de Piracicaba e eu queria, sei lá. Fazer faculdade em outro lugar. Então eu fui por eliminação né. Aí fui eliminando, eliminando, aí eu olhei e falei 'nossa, educação artística, tem um curso desse, meu Deus do céu!' Aí eu.. Passei lá, só prestei lá, passei lá, e fui fazer lá. E eu acho que tem muito a ver comigo assim, porque eu não consigo imaginar uma coisa que eu goste mais. Mas, que nem, eu tava pensando. Eu tenho vontade de

fazer mestrado, tudo, só que eu gosto de ler, de estudar, mas eu não gosto de fechar as coisas, sentar e escrever, sabe? A hora que...
L – Sei, sei...
C – É que nem arte, é que nem dar aula. Eu gosto ali de alguns momentos que eu tô na sala, eu gosto de fazer, de colocar a mão na massa, de construir alguma coisa. Agora, eu não gosto da pressão, de ter que mostrar o resultado, de ter que preencher a planilha...
L – A parte burocrática da coisa.
C – Então assim, não é que... Eu acho que... De arte eu gosto, de trabalhar com isso eu gosto. O que eu não gosto é tudo que envolve esse trabalho, entendeu?
L – E você teve alguma objeção da família...
C – Não, nenhuma.
L – Nenhuma?
C – Até porque... Na verdade, sempre me deixaram livre ali, não fizeram pressão nem pra eu fazer faculdade, eu tenho uma família bem simples assim, então, eu fazer a faculdade pra eles já foi... Sabe... Já estava mais do que eles imaginavam, então, quanto ao curso, assim... Se eu perguntar pra minha vó acho que ela nem sabe direito que que é. Até minha mãe, meu pai, é que com o tempo, a gente vai contando, vai falando... Nenhuma objeção, mas por conta disso mesmo, é... Foi bem por achar que eu nem ia fazer. Mas até que nesse sentido, foi muito... Minha família nunca me questionou muito nesse sentido, eu sempre fui meio doidinha, né. Quando eu falei que ia fazer então... Eles são muito tranquilos, eles acham que a vida vai...
L – E teve incentivo?
C – Incentivo? Da parte da minha vó, eu acho. Do meu pai nem tanto, mas mais por questões financeiras. Do meu pai e da minha mãe. Mas da minha vó eu tive bastante. Mas depois que eu fui, os esforços foram pra que eu continuasse.
L – Acho que era isso que eu tinha pra perguntar... É isso. Obrigada.
C – De nada.

ANEXO 3 - Entrevista com Mariana Soares Leme

L – Campinas, 30 de abril de 2013. Entrevista com Mariana. É Mariana...?
M – Soares Leme
L – Data de nascimento:
M – 11 de outubro de 1984
L – Onde leciona?
M – Numa escola de ensino fundamental Padre Jose Narciso Vieira Ehrenberg
L – Só nessa escola ou mais uma?
M – Só nessa.
L – Há quanto tempo você leciona aqui?
M – Esse é o terceiro ano
L – Quanto tempo você leciona como um todo
M – É... Três anos.
L – Onde você lecionava antes?
M – Numa escola particular de Jundiaí. De ensino fundamental
L – Você trabalha com que ciclo?
M – Trabalho ciclo 1 e 2, 3 e 4, e a noite no EJA
L – Nossa, de cabo a rabo.
M – É, desculpa, é o ciclo 1 e 2 que eu trabalho. 3 e 4 não. Fundamental 1, os pequeninhos e o EJA. Manhã e noite.
L – No EJA são turmas, são blocos, não é isso?
M – São termos, eles chamam de termos né, 1° 2° 3° e 4° termo. O 1º termo é o 6° ano, o 2 é o 7 o 3 é o 8 e o 4 é o 9 ano. A gente chama as vezes de EJA 2 também né, que seria o fundamental 2, que a FUMEC cuida da alfabetização. Que chama de EJA 1. O pessoal que entra pra serem alfabetizados. Daí dura 2 anos, daí se eles quiserem dar continuidade eles, continua chamando de EJA né, mas chama de EJA 2.
L – No FUMEC tem aula de artes?
M – Não, é só o professor alfabetizador. Aí se ele quiser utilizar as linguagens, é o mesmo formato que pras crianças, é uma professora da sala. E é por isso que eu não dou aula pra FUMEC, porque é o professor da sala. Que alfabetiza e traz os conteúdos, e as áreas de conhecimento. Aí no EJA eles já começam a ter disciplina separadas, é como se fosse o 6 ao 9 ano né. E tem os adultos e os jovens e adolescentes também, que são alunos que já ultrapassaram a idade pra estar estudando com o pessoal, já está meio grande, daí eles transferem pra noite.
L – Seria a partir dos 15 né?
M – Isso, a partir dos 15 anos, eles já.. É transferido
L – E onde você se formou?
M – Me formei na Unicamp.
L – Foi bacharelado e licenciatura né?
M – É.
L – Como foi sua formação?
M – Da graduação?
L – Da graduação, mais prática, mais teórica....
M – A graduação foi mais prática. A gente tinha durante a semana era uma disciplina teórica, uma de licenciatura, e o restante, que era umas quatro ou cinco disciplinas, práticas.

L – Que eram os laboratórios né?
M – É, desenho pintura, cerâmica, escultura, modelagem, gravura
L – E em relação às disciplinas teóricas, no ramo das artes, história da arte....?
M – Era história da arte, história da arte internacional, história da arte no Brasil, a gente teve uma disciplina de folclore, teve uma disciplina de fundamentos teóricos, que falava meio sobre estética, era mais ou menos isso, mas a maior parte mesmo da teoria em artes era história da arte.
L – Primeiro você fez licenciatura depois bacharelado?
M – É.
L – E porque você optou primeiro por licenciatura? Tinha algum
M – Tinha, tinha, porque assim, eu sabia que eu me formando em licenciatura eu teria uma facilidade já, Já teria o certificado pra apresentar pra um concurso público. Que era uma coisa que eu queria fazer mesmo, prestar concurso público.
L – Você fez estágio?
M – Fiz estágio, fiz
L – Como é que foi?
M – Eu fiz um estágio numa escola infantil, escola de ensino infantil, pra eu entrar em contato com essa faixa etária bem... Os novinhos assim, pra ver como que era, apresentar arte pra eles assim, como que eles percebiam pra ver se talvez seria uma área que eu ia seguir. Né, foi uma... Não era uma convicção, era uma experimentação assim, queria experimentar estar com os pequenininhos.. Bebê assim, cheguei a dar aula pra bebê, né, e foi muito interessante na verdade, porque eu não imaginava que podia ter um nível de concentração que tinha deles, de mostrar um livro, cheio de pinturas e ter cinco bebezinhos sentados olhando pra mim, prestando atenção na minha explicação. Eu achei que não existia, foi uma surpresa.
L – Então você não ficou só observando, você também participou, teve regência
M – Porque foi uma exigência da dona da escola. Eu deixo você fazer teu estágio, que era de observação, mas eu gostaria que você propusesse, pelo menos uma ou duas vezes uma atividade pra eles, e aí eu propus uma atividade pro berçário, uma pro maternal e uma pro jardim
L – Berçário a partir de quantos... Meses?
M – Bebezinhos, eles tavam engatinhando. E andando. Não era bebê que ficava só no berço, já tinha mobilidade. Mas era bebê, fiquei bem assustada. Dei até uma atividade pra eles que eles choraram, tadinhos, que eu tinha que apagar a luz.que eu ia fazer uma coisa de sombra, luzes coloridas, de contar historinha com a sombra, e eles abriram o berreiro, não funcionou, risos.
L – Tadinhos
M – Eu achei que eles iam adorar, mas aí esqueci né, não tinha *feeling* pra coisa que os bebês tem esse medo do escuro, enfim, é a hora de dormir, a mãe tem que estar perto, ele tem que estar muito sonolento, e dormir logo, aí foi tudo bem estranho pra eles, eles choraram. Não gostaram
L – Nessa hora dá vontade de chorar também
M – Aí meu Deus, não deu certo.
L – E você participa de formação continuada?
M – Eu participo.
L – Que que você...
M – Eu participo tanto da formação continuado oferecida pela rede pública, se bem que esse ano eu não tô, acho que eles não ofereceram ainda
L – Você diz, em relação...

M – CEFORTEPE
L – CEFORTEPE, esse ano eles abriram pra chamar novos formadores...
M – Foi bem específico, né? Não foi aquele monte de curso
L – Não, era uns grupos de formação, eles abriram pra chamar novos formadores, houve pouca procura, foram quatro pessoas aprovadas, talvez só quatro inscritos, era pra começar em abril e até o momento não saiu nenhuma inscrição, nem pra grupo de formação nem pros outros cursos...
M – Aí eu sempre fico de olho nesses que são oferecidos, pra ver se tem alguma coisa do meu interesse, ou eu procuro alguma coisa dentro da arte mesmo, fazer um curso de teatro, de boneco, estar em contato com coletivos de arte, arte mesmo, não pedagogia pensada para arte, da arte mesmo
L – No CEFORTEPE que que você já participou?
M – Do GF, do Grupo de Formação
L – Quem que eram os formadores?
M – A Roseli Ferrari[21], que a gente teve formação 1, teve uma vivência em música, que foi muito legal, teve uma vivência em teatro, teve uma formação com a Palavra Cantada, o grupo, que a rede pública comprou o material deles e eles deram a formação de como usar o material
L – Eu lembro disso
M – Você participou? Eu participei. Aí teve um ano passado que eu me inscrevi que aí eu não.. Não foi aberta, que era de dança. Como no ano anterior já tinha trabalhado um pouquinho o teatro e a música, aí no ano passado eu falei, dessa vez vou escolher pra pensar um pouquinho a dança, aí eu me inscrevi mas não abriu, acho que não teve um número de inscritos suficientes, aí eu passei um ano sem ir a formação, mas fiz essas outras vivências em espaços culturais mesmo, em espaço cultural, grupos
L – No SESC?
M – Eu fui pra Joaquim Egídio pra trabalhar com cultura popular com papel machê e bonecos, com a Natasha Farias[22] e o Sebastian [Marques][23], com o inventor de sonhos, eu tava trabalhando cultura nordestina com eles, aí eu fui lá, levei as crianças lá, fiz estágio com a Natasha, aí ficava lá ajudando ela produzir o artesanato dela, eu fui lá pra ver como ela produzia, qual era a relação dela com a arte, tudo. Participei de um projeto de teatro do grupo Matula[24], eles formaram um grupo, que eles chamaram de poéticas da casa, então a gente ia lá, tinha aulas de teatro, aulas de como produzir um espetáculo, como fazer a cenografia, todos os aspectos, aí a gente montou um espetáculo e a gente apresentou esse espetáculo, eu fiquei uns 4 meses envolvida com isso, com o teatro. Agora eu tô fazendo uma disciplina de cenografia na Unicamp, e semestre que vem eu vou dar uma oficina de cenografia. E eu tô participando também, uns amigos meus me chamaram pra dar

[21] Roseli Ferrari é professora de Artes da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Graduada em Licenciatura Plena Em Educação Artística pela PUC e pós-graduada em Multimeios pela Unicamp.
[22] Natasha Faria, nascida em São Paulo, trabalha em seu ateliê há 13 anos, no distrito de Joaquim Egídio em Campinas, onde cria suas obras exclusivas, através da pesquisa da artista com a técnica milenar do papel-machê, associadas a outras diversas, como reciclagem de outros materiais e pinturas em tela. Site: http://natashafaria.wordpress.com/about/
[23] Sebastian Marques é ator, diretor de teatro, poeta e pesquisador. Coordena a Associação "Inventor dos Sonhos", e trabalha com teatro de rua desde 1991.
Site: http://inventordesonhos.blogspot.com.br/2011/07/sebastian-marques.html
[24] Matula é um grupo teatral de Barão Geraldo, Campinas, criado em 2000.

oficina de xilogravura, no projeto deles, tem um projeto que chama Xilomóvel[25], conhece?
L – Já ouvi falar
M – E eles estão bem estruturados, eles conseguiram varias cidades aqui do interior e pra poder cumprir a agenda eles me chamaram, que é uma demanda grande de finais de semana, dai eles me chamaram. Então, isso pra mim, são experiências que me alimentam, embora não seja diretamente pra sala de aula. São coisas que me alimentam como artista, meio que pra eu conseguir levar isso pra eles, na sala de aula, você é quem, você é uma professora, ou uma artista, ou você é uma artista ensinando arte? Sabe esses conceitos? Pra eu me manter bem com eles, pra eu não me sentir só uma pessoa que cumpre uma burocracia de conteúdos tem que ter uma chaminha acessa em mim de produção artística, de poética, de sentimento, acho que eu tenho que estar produzindo coisas fora da escola pra eu poder me sentir bem lá dentro. Então eu sempre me mantenho em contato, então quando eu vejo, ah terminou... Já faz um tempão que eu estou com uma vontade de segunda feira, a bateria alcalina ensaia no gramado do IA (Instituto de Artes da Unicamp), e é um grupo aberto. Você chega lá, você dispõe o seu tempo pra estar lá ensaiando, e em troca quando o grupo for se apresentar em algum lugar, é seu comprometimento de estar com o grupo apresentando o trabalho. E eu gosto muito de música, de percussão, então como eu não tenho o dinheiro pra pagar um curso de música, lá seria o ideal, porque tá aqui do lado de casa, iria toda segunda, então eu tô meio tentada, estou sempre com a antena ligada nas coisas que eu possa fazer.
L – Esse grupo de formação você fez em?
M – 2011.
L – Porque o grupo de formação? Porque você procurou esse grupo?
M – Então, porque eu tava me sentindo muito sozinha
L – Sozinha?
M – Na unidade escolar. Embora tivesse uma outra professora de arte, embora tenha uma outra professora de arte na escola, a gente praticamente não se encontra. E aí pra mim estar lá no grupo de formação, conhecer outras professoras de arte e ouvir o que elas tem pra dizer, e como é na escola delas que que elas fazem, que que deu certo, quais são as angústias, as alegrias. Me deu forças. Pra estar em sala de aula e não me sentir sozinha, de saber que tem um monte de professora de arte por aí tentando a mesma coisa que eu. Porque eu acho que, embora seja um espaço a ser ocupado, eu não acho que seja o lugar mais acolhedor para as artes, não é. Ela é obrigada a estar lá, foi uma conquista, e arte é algo obrigatório, as crianças não estão lá fazendo arte porque elas gostam, elas estão lá porque elas são obrigadas. Aí tem o lado bom e o lado ruim. Mas não é um espaço acolhedor, eu vejo do ponto de vista da arte. De repente não é... Como a escola está estruturada hoje não é um espaço acolhedor para muitas coisas, pro ser humano, não é acolhedor pro pensamento, não é acolhedor para o desenvolvimento, não é acolhedor para o bom convívio entre as pessoas. Você colocar 30 pessoas num espaço apertado...
L – Não é recomendado, realmente
M – Você pressupõe o conflito, você quer que aquelas pessoas estejam constantemente em conflito uma com a outra. Incomodadas, obviamente as pessoas estão incomodadas o tempo todo, com alguma coisa dentro da escola, não é um lugar harmonioso, não é um lugar acolhedor... Minha opinião. É um lugar de embate.

[25] Xilomóvel é um ateliê de Arte itinerante que leva oficinas de Xilogravura a várias cidades do interior de São Paulo. Site: http://xilomovel.blogspot.com.br/

De resistência. Você tem que estar la, você tem que resistir. Vamos ver o quanto você resiste, o quanto você aguenta ficar aqui. Tanto é que tem a molecada que pira. Que começa a socar, que começa a bater... Que é o jeito que eles tem de dizer que eles não querem aquilo. Um pouco né, não só aquilo. A escola em si como o que tá acontecendo na vida delas. Que tem o fora também.
L – Uma mistura explosiva
M – É, eu acho.
L – E quando você fez esse curso eram quantos educadores, mais ou menos?
M – Tinha uns 15.
L – Nossa, bastante até, quando eu fiz tinha seis, contando comigo
M – Não, tinha uma turma boa, foi legal. A gente tinha uma demanda muito grande, na verdade, porque a gente tinha a discussão das diretrizes curriculares, que a gente tinha que fazer a gente tinha que ler, redigia, ou sugerir, aí tinha o encontro que a gente fazia troca de materiais, as pessoas levavam materiais, livros, contavam, ou a gente as vezes fazia uma oficina de - ah, o que que você ensinou na sala de aula que é muito legal e que deu certo, aí a pessoa ia lá, ensinava a gente, passava 1h30 fazendo, teve também participações de uma moça do teatro, que veio falar um pouco do que é o teatro, e gente fez uma atividade prática, e depois durante o GF também a gente sugeriu, já que tinha vindo essa.. Questão da músicA – ah, como a gente dá conta e tal, então vamos,... Porque o próprio GF tem um orçamento próprio pra... Um dinheiro pra ser gasto com palestras e matérias, um investimento.
[pausa]

M – Então eu achei que foi bem rico, a gente fez o curso de música dentro do horário do GF, era uma iniciação mesmo, dos sons, dos sons do corpo, dos objetos, a gente foi andando e vendo onde que tinha o som, então ela fez uma coisa bem básica, bem experimental, bem simples e bem didática já, direto do que você fez já usa em sala de aula e levou referências pra gente, levou algumas música pra despertar, será que a gente consegue perceber, todos os instrumentos que tão lá, e um pouquinho de coral, uma coisa com a voz, ela fez experimentar um pouco, mas acho que poderia até ser mais longo, o que a Ana fez, a Ana Salvagni[26], foi contratada pra isso. Que ela tem um trabalho muito bom na Unicamp, um trabalho com coral e que a gente fez um curso de oito encontros, foi bem curtinho, acho que é uma coisa que.. Então, aí é engraçado porque toda vez que eu fazia alguma coisa lá dava vontade de fazer na sala né. E você acaba de vivenciar aquela experiência e fala nossa, vou pra sala de aula fazer pra ver se da certo. Então era imediato, eu já aproveitava tudo o que eu tava fazendo, vivendo, eu já tava pensando em fazer com eles. E aí eu acho que, por exemplo,esse ano eu ainda não fiz nada nesse sentido, e aí eu vejo que é meio que esse esquecimento que acaba acontecendo. Se eu tivesse ainda me encontrando com a Ana, a gente ia estar, eu acho que eu estaria pensando mais nisso. Então eu acabo pensando nas atividades em sala de aula de acordo com as experiências que eu estou vivendo e gostando mesmo.
L – E esse acolhimento que você fala, você encontrou nesse grupo também.
M – No GF?
L – Isso, da discussão... Você fala que tava sozinha... Então você se encontrou
M – Então, na verdade assim, não tinha muita novidade, acho que era uma coisa assim, era mais 15 pessoas falando a mesma coisa que eu falo, então é meio esse não se sentir sozinho vendo o outro falando aquilo que você também tá vivendo.

[26] Ana Salvagni, cantora, nascida em Taquaritinga, é formada regente pela Unicamp. http://www.anasalvagni.com.br/tudo_bio.htm

Quase que um eco. Rolou um eco, rolou quase que uma terapia de grupo. Sabe? Pra mim tinha um pouco isso, não sei se pra elas tinham mas eu sabia que eu ia la pra aguentar a barra, sabe? Não tanto pela formação em si, mas - elas também tão passando por isso, então, eu não tô sozinha, não vou ficar maluca. Mas teve, eu senti um acolhimento. Era muito gostoso ver o respeito de todo mundo se ouvindo, nas suas demandas, nas suas questões. De poder falar, e ou concordar ou discordar, e aí tinha umas que tinham professoras empolgadíssimas, assim, - ah, meus alunos, a gente mexeu com argila, a gente fez uma bagunça! Levamos uma bronca! Mas tudo bem, tinha professoras assim.. E tinha aquelas mal humoradas ao último, detonando tudo, tá tudo errado. Chegava, já criticava a pessoa que tava orientando o GF era são crítica, aí criticava o texto, o documento que a gente tava construindo, criticava a escola, falava que tava tudo errado, que não tinha ensinar música, que não tinha que ensinar dança, que o bom era o de antes, que agora tudo é uma droga, então tinha de tudo. É que eu tô falando dois extremos que eu via, e aí tinha uns meios, assim.

L – E esse documento que você fala é o livrinho azul das diretrizes [Diretrizes Curriculares da Prefeitura Municipal de Campinas], que saiu agora né?

M – É, saiu agora. Que pelo que eu entendi ele foi iniciado em 2000 e... Parece que eles fizeram por etapas né, os anos finais, depois os anos iniciais, tiveram umas etapas, e eu participei de uma das etapas.

L – Acho que agora eles estão no EJA.

M – De artes não, de artes o eja concluiu ano passado. O documento concluiu também, o ano passado.

L – Eu acho que eu te vi lá em uma das etapas, uma vez que foi lá no CEFORTEPE, que chamou todo mundo

M – É, chamou todo mundo. Aí fica todo mundo maluco né, porque tem os que já leram, e tem os que não sabem nem o que estão fazendo ali, né

L – A escola mandou o convite, eu vi

M – É, aí fica uma loucura né. Porque é um documento que vai... Né. Ali tá aberto né, o que você falar é passível de mudança. A partir do momento que você silenciou... Você consentiu. Aí vai imprimir, vai falar, olha, é isso aqui que você tem que fazer né. Teoricamente né, a gente sabe que teoricamente aquilo que tem de ser feito. Porque não ha fiscalização né. Uma fiscalização firme assim, mas eu achei interessante o processo da construção, que eu acho que embora nem todo mundo tenha participado, foi realmente aberto, foi coletivo, foi proposto assim, era um grupo de pessoas pensando. Um grupo de professores pensando. Não era como o Heliton [Leite de Godoy, assessor de currículo da secretaria municipal de educação de Campinas] mesmo explicou, não era uma equipe contratada pela Unicamp pra fazer esse documento. Que poderia ser. Se o secretário quisesse poderia ser. Ele falaria assim, vou chamar os professores da Unicamp, e eles vão construir esse documento e a gente vai utilizar. Eles fizeram um caminho que eu achei interessante, embora eu acho que existam falhas, no documento, poderia ser diferente, tem gente que acha que poderia... Tem gente que acha que é muito amplo, tem gente que acha que é uma bobagem, tem gente que acha que é ótimo, tem gente que acha que é qualquer coisa, que às vezes a questão da generalidade, de ser meio geral assim, ah então é qualquer coisa. Não é qualquer coisa, né. Eu não vejo assim o documento. Realmente são demandas assim que, minhas aulas pesam mais em artes plásticas mesmo. Ah, teatro, vamos trabalhar teatro. Vamos começar pelo boneco? Porque dai é um exercício plástico, e depois vira teatro, né. Agora eu mesmo pegar eles e

colocar eles no chão, deitado, percebendo o corpo deles, sentindo, pulando, mexendo, gesticulando, expressando. Eu não tenho.
L – Teve uma polêmica da dança, né?
M – Isso, a dança mesma coisa
L – Se era nossa, ou da educação física, na prática eu fico imaginando se essa dança pertence a algum lugar ou se ficou só assim, deixa que eu deixo.
M – Eles acabaram colocando nos dois né, tanto Educação Física quanto Artes podem trabalhar, mas é, por exemplo, eu não tenho um espaço adequado pra trabalhar com o corpo deles, eu acho uma falta de respeito, eu já tentei, mas não dá, não vou colocar meus alunos no chão sujo, e a prefeitura terceirizou um serviço que não tem limpeza. Na escola. A escola é suja. E eu dou aula numa escola suja. Eu chego na escola tá suja, eu vou embora a escola tá suja. E eu vejo as meninas da limpeza trabalhando, passando pano, tudo, mas não dá conta. Então, assim, eu acho que é o mínimo né, você poder fazer uma roda com todo mundo sentado no chão, pra trabalhar teatro. Eu aprendi teatro assim, o teatro é um lugar onde você tira o sapato, você encosta seu pé no chão, e você pode deitar, sentar, rolar, pular, mexer, movimentar, tanto a dança quanto o teatro, e não tem espaço pra isso, porque o espaço da escola é o espaço da cadeira e da carteira. Existe o projeto de uma sala multiuso na minha unidade escolar? Existe, mas não foi executada. Que a gente precisa, não adianta eu colocar uma criança num piso frio. Como que eu vou trabalhar o corpo de uma criança no piso frio? Tem que ser um piso de madeira, ou de borracha, então, pra mim já para um pouco aí. O ano passado a gente fez teatro de dedoche, daí dá pra trabalhar, porque não é o corpo em si da pessoa, é a mão o boneco, não precisa de fazer tanto um trabalho corporal. Daí meio que a música acaba... Não consigo trabalhar a música em si, eu trabalho a questão dos sons, foi o que eu aprendi a fazer, não o instrumento, eu não sei. Eu não tenho conhecimento em instrumentos, posso passar um pouco de ritmo, o timbre de cada som, o ritmo com eles. Ou a música enquanto apreciação, a música enquanto um estímulo pra eu desenhar, aí, isso é o que eu tenho, de bagagem, de formação. Tanto da vida, do teatro, quanto do CEFORTEPE mesmo. Que eu vejo que existem possibilidades de você trabalhar. Mas não tão plenamente assim
L – Em relação a sua formação escolar, como eram as aulas de artes quando você ainda estava na escola, quando você era aluna?
M – Então, eu comecei a ter aula de arte na antiga 5ª série, que hoje é 6ª série né. No fundamental 2. E aí eram exercícios de coordenação motora, um pouco meio repetição assim, tipo uma, ah, você vai fazer linhas diagonais, então só na diagonal. Aí você enche uma coluna de linhas na diagonal, aí vertical, e era uma aula bem padronizada assim, a professora ela organizava em pasta. A aula de artes era uma pasta, que ao final do ano você tinha vários exercícios. E era engraçado porque assim, o meu irmão é um ano mais velho que eu, então eu via a pasta dele, eu sabia tudo que eu ia, toda a sequência de exercício que ela ia me ensinar no ano que vem. Então eu já batia o olho e sabia o que era, quando ela começava a dar aula eu já sabia o que ela ia ensinar. Cores quentes, cores frias, ela ensinava a linha, o ponto, textura, a gente fazia um exercício de recorte-colagem. Não era nada muito experimental, era bem direcionado, e todos os trabalhos eram iguais. Aí agora, ah, agora vamos estudar o expressionismo, não era expressionismo, era... Pintura, a gente ia falar de cor, então ela colocava quatro exemplos na lousa, quatro pranchas, de pinturas, você escolhia uma, não sei se na época já era releitura, e daí eu copiava o que eu tava vendo. Eu copiava mesmo, mesmo desenho, mesma cor, aí eu não pintava com a tinta, pintava com o lápis. Ela ensinava como se pinta com o

lápis, como é que mistura cor numa folha, de fazer assim tipo uma camada, e aquela camada pega em alguma parte da superfície, aí você passa outra, vamos supor, se eu colocar vermelho, e amarelo por cima, dá laranja, mas se eu inverter a ordem de quem vem primeiro interfere no resultado da mistura de cores no lápis. Então, era uma instrução mais técnica, não era uma coisa de experimentar os materiais, de criar uma poética. Era assim.
L – E você acha que isso influência você como professora?
M – Então, eu escolhi, eu lembro que eu gostava muito das aulas, tanto é que muitas vezes ela dava exercícios pra fazer em casa, e eu adorava, ficava a semana inteira fazendo, e adorava. Mas eu acho que ela, não sei se era ela, ou a instituição, o que que era, que era uma aula de artes limitada mesmo, na escola. Aí você vai pra faculdade, amplia muito. Ce tá aqui num ateliê, que que você vai fazer, né. Não é aquela coisa assim, agora nos vamos fazer um negócio assim assado, x y z. Mas, então, eu acho que eu tô meio retomando, assim. Porque, que que acontece. Antes de ir pra escola minha experiência era de ateliê. Eu dava aula de arte em ateliê. Numa ONG. Era uma ONG, então as crianças tinham aula de manhã e iam de tarde pra ONG, era um ateliê, tinha uma mesa, os materiais, uma pia, e eu tinha essa postura de dar opções e a ideia era: vamos produzir juntos. E a escola tem uma diretriz curricular, tem um currículo mínimo a ser cumprido, tem um tempo rígido, que é, eu termino aqui eu tenho que estar na outra sala agora, deu 9h30 aqui minha outra aula começa 9h30 lá. Então tive que me adaptar a isso assim, a uma série de regras, que no ateliê não tinha tanto.
[pausa]

M – Então, na verdade, eu acho que, na faculdade quando a gente tava refletindo sobre educação, o que que é ensinar arte, eu quando eu retomei essa memória de como eram minhas aulas de artes, embora eu tenha escolhido, ali eu tenha percebido minha relação com a arte, que eu gostava muito, eu rejeitei o formato da aula dela. Eu rejeitei mesmo, achava ruim, criticava. Hoje eu sei que a escolha dela é uma coisa que não depende só dela né, que a escola em si muitas vezes não permite que a gente proponha a atividade, uma experiência mais intensa, e aí como eu tava numa fase procurando essa intensidade, eu critiquei e reneguei aquilo. Mas acho que hoje eu to tentando equilibrar um pouco, porque, o que eu faço aqui em casa no ateliê, o que eu faço no coletivo de arte, a produção artística que eu faço em outros espaços que não o da educação formal é diferente do que eu faço na escola. Eu acho que é um pouco isso de não ser tão acolhedor, o espaço. Então você acaba tendo que reduzir essa potência, essa intensidade, porque aquele espaço não dá conta. A escola é um espaço explosivo; eu sei, por exemplo, que se eu der tinta pras crianças, eu sei o que vai acontecer na sala de aula. A tinta vai provocar uma série de, ela vai provocar uma euforia naquelas crianças, que é muito provável que além do grande prazer que elas vão sentir, elas vão se sujar, elas vão se provocar, elas vão se bater e elas se vão se agredir. Elas vão, de repente, destruir o material, elas vão sujar as carteiras, elas não vão conseguir dar conta de se controlar. Naquele ambiente. Então, eu, se eu for da tinta, não é só o conteúdo que eu to passando. Eu como professora tenho que tá muito preparada, eu sei que eu vou sair exausta daquela aula. Né, então, assim. Aí as vezes eu entendo porque que aquela aula minha de artes era tão... Regrada, tão.. Vamos trabalhar hoje só ponto. E aí tinha só o ponto. Por que não tinha mais estímulo? Por que que ela dava um estímulo bem assim, pra todo mundo fazer, ficar tranquilo, né. Hoje eu entendo, e eu uso. Eu sei que tem aula que eles vão ficar tranquilos e tem aula que eles vão ficar agitados.

Mas eu acho que ainda tenho essa mistura, acho que eu não tenho só aquela aula como referência, mas acho que é uma referência que eu uso sim hoje. Mas não só. Eu gosto também de provocar eles, de estimular a criatividade, mas tem de ser num momento em que eu dou conta.
L – e pra você que que é relevante pra formar um arte-educador?
M – eu acho que é ele... Pra formar o arte-educador? Ele tem que... É difícil dizer né, formar e ser, porque tem umas pessoas assim que já nascem um pouco artistas, e tem as pessoas que gostam de arte e que tomam pra si aquilo né, vou continuar. Mas eu acho que são as experiências práticas, o contato com a produção artística, mesmo. O material, a poética, as técnicas, tem que ter essa bagagem.
L – Você fala muito dessa relação né, de prever um pouco como vai ser o comportamento das crianças de acordo com aquilo que você vai trabalhar. Então como que você se prepara pra sala de aula?
M – É... Acho que eu me preocupo mesmo com o documento, assim, as diretrizes, pra saber o que deve ser passado, o que a secretaria espera né, ou o que esse consentimento coletivo pensa de uma... Não é só uma coisa minha, aí, o que eu gosto, o que eu dou ou não. Aí eu dou uma olhada no documento, no inicio do ano tem o planejamento né, que a gente tem que fazer pra ser anexado ao PPP (Projeto Político-pedagógico) da escola, então tem sim essa preocupação de entender o todo da escola, o que todo mundo vai trabalhar, e aí eu dividi, o meu planejamento ele vai sendo alterado, eu sinto que eu vou aperfeiçoando ele ao longo de cada ano letivo, eu repenso ele, faço uma avaliação anualmente, e hoje eu tô num momento em que eu fiz uma escolha, desde o ano passado já. No primeiro ano eu não tinha a menor noção, não tinha a menor noção, nenhuma. Entrava na sala de aula com um bloco de folhas, entregava, e, vamos desenhar. Aí depois as ideias foram surgindo, as possibilidades do que dava pra ser feito. Mas hoje eu fiz uma leitura que é a seguinte: eu trabalho com três trimestres, no 1º trimestre eu trabalho a cultura indígena, então eu fico 3 meses dentro desse tema, depois eu vou pra cultura nordestina, depois eu vou pra cultura afro-brasileira. E aí dentro desses três, eu dou conta de falar desses três e dá pra fazer as transversalidades, porque aí, pode-se perguntar né, mas só essas três? Primeiro, que essas três são as três principais e mais influentes na vida deles. Né, como história do brasil e como leitura de uma comunidade, do Jardim São Marcos [bairro onde se localiza a escola] que tem a descendência, tem a cor da pele, africanidade, e eles são imigrantes nordestinos, na imensa maioria. O bairro é formado, ele tem essa característica, e muitos vem pra cá e se esquecem disso, e aí é muito legal quando você fala da cultura deles, porque é imediata a identificação. Ah, o meu pai, não sei o que, falou isso, não, eu vi tal coisa, então assim, na hora eles já trazem o repertório deles que é diferente de, por exemplo, a formação que eu tive na universidade, que é uma formação europeia. Que é uma formação que vai falar do cubismo, que vai falar da França, que vai falar da pintura espanhola, que vai falar dos grandes museus, e do *pop art* americano, então, assim, eu saquei que são referências que não... Eu posso levar, devo levar, eles merecem ter contato com tudo. Só que assim, antes disso eu preciso dizer da cultura indígena, do que que é arte indígena, o que que é a arte africana, que que é a arte nordestina, e aí eu penso o seguinte, aí toda a outra, todos os outros tipos de arte que dialogam com essa arte. Ou que fazem oposição. Daí eu posso fazer de tudo né, eu posso falar de... Depois que eu falo de arte africana eu posso pegar o Picasso, que é um espanhol e falar que a arte africana influenciou o Picasso, daí é muito mais legal porque ele não vai só curtir a arte espanhola, ele vai entender que o cara foi atrás da arte africana. Aí, eu tento dar uma... Eu tento, eu acho que é um

trabalho de base, assim né, trabalhar essas 3 culturas com eles. E ao mesmo tempo que eu estou ensinando isso pra eles, eu estou aprendendo. Porque eu não tive esse formação. Então eu tenho que ir atrás de livro, tenho que ler, tenho que, ir atrás das pessoas que trabalham com essa cultura, tenho que ir atrás do sanfoneiro, né. Tenho que conversar com as pessoas, pra saber quem do bairro sabe o quê... E buscar os grupos populares que trabalham com isso, organizar passeios pra eles irem, então eu me planejo mais ou menos dessa forma. Aí eu acho que tem um outro planejamento né, não sei, talvez seja isso que você tenha perguntado, que é o da aula, do dia mesmo. O que que eu faço pra estar lá. Então eu tenho uma coisa que é bem particular minha, que é eu preciso dormir bem, assim. Eu acordo cedo, pra algumas pessoas acho que tanto faz, isso, não sei. Eu acho que é o todo, eu tenho que estar bem descansada, eu tenho que pensar na minha alimentação, também, antes de sair, porque eu acho também interfere, eu acho que lá é um lugar que, como é muita gente, muito barulho, eu acho que eu tenho que estar bem sabe. Porque também, eu, quando tô com fome fico irritada, quando eu tô com sono eu fico irritada, então, assim, eu fico tentando nos mínimos detalhes, deixar tudo organizado. E um dia antes eu preparo a atividade, eu penso, ou eu levo, busco imagens, pra projetar, ou eu levo objetos, ou eu levo uma música, aí eu penso meio que um dia antes, assim, como que vai ser a semana. E é... Acho que é isso. Mas eu ainda tenho uma ansiedade assim, eu fico ansiosa no dia anterior, eu fico ansiosa. Não é tranquilo. Ah, tô indo trabalhar. Não, eu fico ansiosa, eu fico preocupada, e é isso, planejo um dia antes, não sei se tem alguma que eu faço assim, que eu perceba. Tem um outro aspecto?

L – Na verdade, a pergunta é como um todo. Porque eu vejo, por exemplo, meu marido é publicitário. A preparação dele pra ir trabalhar é tomar um bom café da manhã, tomar banho, escovar o dente, trocar de roupa e ir. E minha preparação é, ver se eu separei os livros que eu quero levar, tem todo um material, as vezes eu tô uma semana antes já juntando sucata, pra uma coisa que eu vou fazer, no dia 15. Então é uma preocupação muito diferente, ele sai do trabalho, ele desliga o computador e vem pra casa. Eu saio do trabalho, venho pra casa pra corrigir prova, ver caderno, é um mecanismo totalmente diferente

M – É

L – fora essa preparação... Eu diria energética. Porqque quando a gente tá agitada a turma fica. Quando você tá tranquila... A gente tenta deixar a turma mais tranquila. As vezes, nem sempre é possível

M – Não, mas eu acho que tem também essa coisa que é constante, eu não me vejo mais separada do... É que tem o planejamento específico que é o momento que você senta, decide, vai ser isso, mas eu sinto que o tempo todo que eu tô pensando. As vezes assistindo um filme que me fez ter uma.. Ontem eu fui assistir uma apresentação de música do Luiz Gonzaga, aí na hora que eu fui, que eu tava ouvindo aquilo eu fiz -pô, é isso tenho que levar Luiz Gonzaga pra eles, que é perfeito né, maravilhoso.

[ruídos]

[pausa]

M – E nesse sentido, mais amplo do planejamento eu sinto que todas as experiências que eu busco pra miM – ah, eu quero, ah, eu fui no Sesc ver um show, do Neto, do Luiz Gonzaga, que legal, parece que tá sempre influenciando minhas escolhas pedagógicas, do que eu vou mostrar, acho que tem um filtro pessoal, de um gosto pessoal, ah eu gosto disso, eu produzo isso, se eu trabalho mais com desenho eu vou acabar dando mais desenho, se eu fosse das artes cênicas,

provavelmente eu daria mais aula de corpo pra eles né, eu acho que todas essas experiências pessoais influenciam, e é uma coisa assim, de querer compartilhar, sabe? Então eu fui lá, eu vi aquele show, se eu pudesse, levaria aquele show pra eles verem, ou levaria eles pra verem, mas aí eu sei que eu não tenho condições, mas aí eu sei que eu posso levar o cd. E aí eu posso falar da música nordestina, do que é, do que eles conhecem dos instrumentos, posso abrir espaço pra eles dançarem, pra eles se expressarem, e eu acho que eu tenho essa vontade assim, acabo até sendo professora, e eu acredito que eu acabo justificando a importância disso, de ser professora, e da minha escolha, de tá lá com eles, por essa vontade de compartilhar com mais pessoas as coisas que eu gosto. Que é meio impositivo também né, eu gosto. Não sei se eles vão gostar, é um certo poder, que o professor tem de proporcionar coisas. É lógico que eu vou mostrar e tem os que não vão gostar, mas pelo menos eles vão conhecer. Por exemplo, eu poderia ser só artista e não estar em sala de aula? É difícil, mas de repente eu poderia, não ser professora e continuar trabalhando com arte. Mas por enquanto é bom, poder estar com um grupo de pessoas, vivenciando arte. Então eu tenho um pouco esse valor, pra mim. Pensando dessa forma, constantemente eu... Que nem você falou, a gente está em planejamento né, de guardar coisas. Se você for no meu banheiro agora tem uma sacolinha, um monte de rolinho de papel higiênico e caixinha de sabonete. A sacolinha está ali pendurada, pra eu não esquecer, porque senão vai pro lixo. Que que é aquilo, é uma organização né, uma escolha permanente. Apareceu uma caixinha, já guardo a caixinha porque eu vou levar pra lá. Tem isso né, não tem jeito, não tem como escapar. É o tempo todo pensando, e aí se o material não tá aqui, já tá na minha cabeça, assim que eu chegar na escola, vou no meu armário pegar tal material, tal, tal, tal. O material. A aula de artes também tem muito isso, que acho que talvez seja diferente das outras aulas, que é a questão do material. Eu tenho uma caixa plástica, tá o básico ali, que eu não carrego

L – O básico? Na sua opinião é?

M – Então, o básico que tem nessa caixa é régua, que eles me pedem. Eu nunca peço exercício com régua, mas eles me pedem muita régua, que isso precisa. Tem tesoura, tem cola, lápis de cor, canetinha. Essa é minha caixa básica. Papel.. É que eles tem o caderno de desenho também. Mas vira e mexe tem uma outra caixa também, que é a caixa que eu vou por pincel, buchinha, copinho descartável, pano e as tintas, aí é outra caixa. E aí fica lá a caixa, uma hora tá guardada no almoxarifado, uma hora tá na sala dos professores, e me acompanha. Não tem como não ter essa relação dos materiais. Nesse mês que passou a gente coletou folhas, aí eu fiz, quer saber, eu não vou ficar coletando folhas não, eles que vão coletar. Eu tenho um receio da coleta de materiais, porque eu tive um problema muito sério, quando eu entrei, que eu achei que eu tinha tido uma ideia muito boa, eu planejei né, pensei, bom eu peço esse material pra eles, daqui umas duas semanas a gente faz a atividade - pessoal tragam materiais descartáveis de casa. - tá bom. Que que dá pra trazer? Rolinho de papel higiênico, caixinhas, garrafa pet, etc. E aí eu não dei conta da coisa, porque o material ia chegando e eu não conseguia inspecionar todo o material que chegava. Porque eles traziam em dias que não eram da minha aula, entregavam pra professora da sala. E a professora da sala colocava no armário, e aí começou a aparecer rato na escola.

L – Na sala?

M – Em varias salas. E aí quando as professoras foram abrir as sacolinhas, tinha papel sujo. Papel higiênico sujo, embalagem de leite sem lavar, e aí eu percebi que a condição socioeconômica do bairro não me permitia que eu pedisse. Aí eu percebi

que eu tinha que pedir isso pras professoras, e aí foi ótimo, porque as professoras trazem, - gente, eu preciso de potinho de danone, elas me trazem uma caixa com 20 potinhos de danone, todos lavadinhos, bonitinhos. Gente, eu preciso de bandejinha de isopor, aí eu escrevo lá no quadro, aí vem tudo impecável, tem professora que adora guardar material e dá, porque se sente bem, sabendo que vai ser usado. Então, assim né, aprendi. Que não dá. Aí fiquei com medo de pedir as folhas, mas pedi, gente, que que tem na natureza que a gente pode coletar e trazer? Folhas, sementes, galhos, tal. Aí tem toda a coisa assim, de lavar, de deixar secar e trazer bonitinho. Não, eles traziam, catava assim, - ah, professora, lembrei só hoje, vim catando na rua. Aí vem sujo, vem, tudo de qualquer jeito né. Mas daí pedi pra eles coletarem, daí a gente fez uma observação desse material, a gente desenhou, a gente olhou as diferenças de formas, aí eu peguei pelo lado... É uma experiência que eles coletaram mas aí a gente foi prum lado de elemento de linguagem, vamos observar a forma. Folha é tudo igual? Porque na hora que você pede pra eles desenharem uma árvore, eles desenham tudo igual, então vamos desenhar, vamos olhar pra a árvore, qual o formato da árvore e tal. E daí você acaba desenvolvendo o olhar pra forma sem ser aquela forma que minha professora passava, que agora a gente vai desenhar uma folha cheia de triângulo, uma folha cheia de círculo, uma folha cheia de quadrado. Que eu acho que é válido também, pode fazer também, acho que tudo é valido. Acho que só tem que tentar, eu acho que é experiência né.

L – Então que que quando você faz essas escolhas da cultura, ou essa forma de trabalhar. Como que você definiria uma experiência significativa em arte-educação?

M – Uma experiência significativa em arte-educação, eu acho que você tem que pensar, tentar minimamente trabalhar o sensorial. Ou, como que eu estimulo? Eu penso assim né. Como você estimula? Você chega e faz oh, agora a gente vai fazer assim, assim, assim, ou você vai dar uma coisa pra criança cheirar, uma coisa pra ela ouvir, uma coisa pra ela tocar, uma coisa pra ela observar, eu acho que tem a ver com os sentidos mesmo né, os 5 sentidos. Eu acho que é uma boa maneira, de pensar a atividade, pra além do conteúdo que você tem que cumprir.

L – E você vê, coisas que a gente prepara mas nem sempre corre da maneira planejada né. Quais são os desafios não anunciados que você encontrou? Que que você se deparou na sala de aula que você não imaginava antes, antes de se formar?

M – Então, na verdade eu acho que não tem nada que eu de pressuposto não sabia. Só que o problema é que na vivência das profissões é que você percebe qual é mais difícil pra você, o que te pega mais, o que te incomoda mais, e eu tô lá pela arte, eu gosto da arte, eu gosto de quem gosta de arte, aí quando você chega na sala de aula você vê que não é só arte. Que tá acontecendo ali. Aquelas crianças, elas não estão, inclusive adultos, não estão conscientes de até onde vai o seu papel. Então, eu sei que quando eu entro na sala de aula eu sou mãe de alguns, mesmo não querendo, eles vão me colocar no lugar de mãe deles, eles vão me colocar no lugar de amiga, no lugar de prima, no lugar de vó, no lugar de irmã, eles vão fazer isso. Né. E, não necessariamente eu quero. Eu preferiria que fosse só a professora, eu me sinto muito realizada quando o aluno me chama de professora, que nem todos chamam. Eles me chamam ou de tia, ou de dona, e são duas relações ruins eu acho. E que eu tenho dificuldade de aceitar. E a minha maior dificuldade é quando eu não tô lidando com arte mesmo, quando eu tô lidando com relações interpessoais, a relação ou eu e o aluno, que ele me coloca não numa situação professor e aluno, ou quando eles se colocam em conflito. Eu tenho muita dificuldade em mediar conflito, muita! E eu acabo, eu ainda tô tentando encontrar o meio, né. Porque me agride muito. Nunca tive uma agressão diretamente

relacionada a mim, mas por eu ser responsável pela sala, né, a agressão me choca, me deixa vulnerável, porque eu me vejo responsável por aquela situação, co-responsável, e eu percebo que muitas vezes eu não consigo... É, um meio do caminho, as vezes você consegue, as vezes não, mas... Colocar o meu ritmo. Eu sempre sou engolida pelo ritmo deles. Eu saio da aula, eu percebo que eu tô vibrando no mesmo deles, assim, sabe. A ponto de eu fazer coisas que eu acho extremamente antiético, que é gritar. Já tive muitos momentos que eu tive que gritar com eles, e isso é uma coisa que me agride demais assim, é impressionante assim. Sempre que acontece alguma situação, ou às vezes a sala tá mais agitada, tal, a gente no final de uma aula onde tem uma briga, uma discussão, e aí pra você controlar você tem que se impor de uma forma bem tirana, colocar o aluno no lugar dele, assim, tal, você tem que gritar, eu saio de lá chorando. Então é um descontrole que me abala muito assim, né. É muito ideal que você vai ir pra uma escola, vai ensinar arte, vai falar de arte, você vai embora... Não é só arte. É arte e, as vezes é 10, 20%. Muitas vezes é a situação que eles estão, social, muitas outras coisas estão interferindo, e coisas das quais eu tenho que lidar. E que tem gente que lida muito bem. Eu acho que pelo fato de eu ter sido uma aluna muito quietinha, sempre. Muito comportada, eu tenho até hoje muita dificuldade de entender essa necessidade, que eles tem essa necessidade, né, do conflito, da briga, de falar é, voceêe, de ficar se tratando mal. Aí eu converso, tem dia que - gente, porque vocês estão se tratando mal? É legal se tratar mal? Você se sente bem, você sente prazer? Você sente alegria, felicidade em xingar alguém? Não né. Então vamos tentar não... -ah! Mas ele me xingou. Tá mas se você fizer isso, vai ficar um revidando... Então assim, essa conversa eu já fiz, um monte de professores já fez. E vai ter que continuar fazendo. Porque é uma coisa que faz parte da educação... Brasileira. Porque assim', a gente tá com um momento muito complicado da formação estrutura familiar, eu vejo assim. A questão, a educação, no sentido de tratamento, de comportamento, e está cabendo aos professores fazer isso, ensinar o que não é legal, ensinar coisas assim, éticas, morais, de respeito, noção de respeito, umas noções básicas que dentro da sociedade cabia à família e agora cabe, ao professor também essas falas, e que me incomodam muito. Até hoje. Eu assumo que eu.. Bom, tenho que falar sobre isso, então vamos falar sobre isso. Mas dependendo do dia, também, eu abro mão, eu falo não, eu não vim aqui pra isso. E eu falo pra eles. Eu não vim aqui pra isso. E deixo bem claro. Porque eu como uma pessoa, eu também tenho, eu sinto assim, que além de tudo eu tenho que o tempo todo eu tenho que mostrar pra eles que eu sou um ser humano, porque eles estão me idealizando. Eu idealizava meus professores. E eu sei que eles estão fazendo a mesma coisa, que é: ela não é uma pessoa, é um professor. E aí quando eu falo do meu sentimento pra eles eu acho que eu me encontro com eles um pouco. Tô fazendo esse exercício, que é bem difícil. Que eu acho que é bem, uma exposição. Que eu não queria fazer. Gente, eu estou me sentindo mal. Eu não tô bem. Não tô feliz., não tô contente porque você estão fazendo isso. Então eu tenho que.. Não dá pra ser só o racional, porque se eu me faço só no racional, a pessoa que ensina, a pessoa que diz o que é certo e o que é errado, não. O que vocês fazem está me atingindo. Então, na verdade, é uma circunstância extremamente humana, da qual é um desafio pra mim. Como individuo. Eu acho que tem algumas pessoas que não se importam muito, tem pessoas que são mais assim. Se abrem, e brigam, e discutem, eu falo assim, eu me vejo como uma pessoa reservada, uma pessoa tímida, uma pessoa introspectiva. Então, assim, a sala de aula pra mim é o embate. O tempo todo. Da minha personalidade. Parece até que as vezes, eu tenho que fazer uma

personagem, assim. E eu tô nessa briga. Até onde eu me faço personagem, me bloqueio, e até onde eu mostro quem é a Mariana pra eles, assim. A Mariana, não a professora. E às vezes eu tenho que mostrar a mariana.

L – Eu vejo, quando você fala isso. Essa questão emocional, eu acho que é uma educação emocional. Porque vem, essa questão da alteridade, de se colocar no lugar do outro, principalmente pra criança pequena, que é muito difícil. Sair um pouco do umbigo, e perceber que o outro também tem sentimentos, o outro também pensa de uma maneira diferente, se colocar no lugar do outro é difícil. Mas pros mais velhos, continua difícil.

M – continua. Pra mim continua. Pros meus alunos da noite, continua, às vezes eu fico chocada,e eu falo pra eles, gente, eu tô tendo que tratar vocês que nem eu tratomeusalunos da 5a. série. Dou um "presta atenção" neles. Eu tenho que falar, porque enquanto eu não me faço clara, extremamente clara, eles não me percebem. Eles se comportam como crianças dentro de uma escola.

L – Eu vejo que, então, é formação humana, não é só formação intelectual, a gente tem que ter esse momento de, acho que a palavra que você usou cai bem, se expor. Porque existe essa questão emocional que não é bem trabalhada em casa. Então as vezes você tem que trabalhar isso com eles. E é muito complicado você sair um pouco da sua formação, do seu papel como educador, pra trabalhar, tipo, o contexto, toda essa questão emocional, não tá funcionando. A própria organização, chega que... Eu ouvi outro dia de um aluno, eu tinha pedido pra eles trazerem um rolinho de papel higiênico e um copinho de iogurte, eu expliquei, oh, eu sei que nem todos vão ter o copinho de iogurte, mas acho que papel higiênico tem na casa de todo mundo, então, tragam e tal. Lógico que chegou no dia e muitos - ah, esqueci em cima da mesA – ah, não tinha, não trouxe não deu minha mãe não deixou. Até que um aluno vira pra mim e falA – ah professora, você não falou pro meu pai que era pra eu trazer, aí ele não sabia e aí eu não trouxe. Então meu papel seria, é ligar na casa do aluno, e falar, com o senhor papai, e explicar que é pra trazer? Aí expliquei, prum terceiro ano: eu não vejo seu pai todo dia, eu não vou na sua casa, eu não tenho seu telefone, você que tem que falar com ele. Eu pedi pra anotar na agenda, né. Você não anotou, você não soube se explicar em casa, eu não tenho nada a ver com isso. Mas essa coisa de você, ter que abraçar todo esse mundo também, não tem. A questão emocional acaba surgindo em muitos momentos porque não é trabalhada em casa. Na verdade, eu acabo me identificando com muita coisa do que você fala, Mariana. Eu não sei se é um olhar meio saudosista, mas, quando eu vejo na escola, a minha formação escolar remete a coisas muito prazerosas, a gostar daquele espaço. De ter conflito, ter alunos que eu não me dava bem, não suportava, não queria fazer trabalho junto com determinados alunos. Mas eu não via esse conflito físico. Ou, as poucas vezes que eu vi gente brigando, nunca foi dentro da sala. E eu vejo que pra eles é uma coisa tão comum, tudo se resolve no tapa

M – Na sua escola é assim? Porque na minha é.

L – Principalmente horário de entrada, intervalo, como eu dou aula pra ciclo 3 e 4 também, então, como saem... Na outra escola já vi aluno se pegando, aluno de 4° ano de 5° ano. Se batendo.

M – É horrível mesmo

L – E, agride, assim. Eu tenho uma ideia de espaço escolar como esse espaço de encontro, de alegria, de aprender coisas novas, era uma coisa que entusiasmava, pra ser um espaço de pancadaria, um ringue.

M – É, então. Eu acho que eu sempre gostei da escola. Sempre quis, assim. Até antes de eu entrar na escola eu queria estar na escola', eu via meus irmãos na

escola, e não via a hora de estar na escola , e a escola era o lugar de encontro, meus 'amigos estão lá, a gente vai fazer coisas juntos. E assim, na verdade, eu sempre, eu sempre gostei de estudar, não achava nada demais, pegar o caderno, e escrever, e fazer conta', e... E que pra muitos é o conflito na sala. E aí enquanto estudante eu tive essa experiência, prazerosa, mas enquanto professora, o inverso né. De um lugar onde os alunos não gostam de ser alunos, e aí fica muito difícil ser professora né. E é bem... É o inverso mesmo. Totalmente inverso. Eu não só sou professora como estou com alunos que... Numa escola, numa época,... E a violência, e a escola, hoje, foi o lugar que eu mais presenciei violência na minha vida. Então foi muito chocante assim. Vivenciar né. Não é aquela coisa né - ah, eu vi uma briga na rua, um dia, eu vi na tv. Não, é todo dia presenciar violência, e mexeu muito comigo, com meu psicológico, com meu emocional. E assim, alguns alunos com requintes de crueldade. De assim, articular mesmo, ir no ouvido assim, de meia dúzia, pra essa meia dúzia se levantar e ir em direção a uma menina, pra todos fazerem uma roda pra baterem nessa menina, em sala de aula. Não era no pátio. Durante a aula. Eles conseguiram fazer isso. Uma menina que tinha acabado de fazer uma cirurgia aqui, no apêndice né. E aí o menino vai lá e manda o outro chutar a cicatriz dela. E aí essa menina cata uma carteira, ela levanta, uma menina de 4ª série, levantar uma carteira e tacar em cima de outro. E é isso né? Horrível né, você não tem o que fazer.

L – A gente não pode nem classificar isso como animal. Porque tem esses requintes né, tem todo um planejamento.

M- É, então, aí tem aqueles que dão um tapa, empurra, que eles tem muito isso, agora. Eu consegui diferenciar, quando eles estão se batendo, e são amigos, na verdade eles estão tendo uma briguinha, que vai passar, e aqueles que se odeiam, e que se agridem mesmo e que tem que ficar separados. Eu não sabia diferenciar, pra mim, acho engraçado, quando eu entrei eles estavam o tempo todo se agredindo, hoje eu não vejo, eu vejo que eles estão brincando, eu vejo a brincadeira.

L – É uma brincadeira meio...

M – Não, que, pra eles é uma brincadeira. Hoje eu consigo processar o conceito de brincadeira que eles tem, e hoje eu sei me proteger né, porque quando eu vejo isso eu falo assiM – vocês estão brigando? Vocês estão brincando, de se bater? E daí daqui a pouco um vai machucar o outro e sou eu que vai ter que resolver, na hora que vocês estão brincando, e vocês estão bem tá tudo bem né. Aí na hora que tiver algum problema vocês vão querer a minha ajuda. Então pára agora.

L – Mas e nesses casos de briga, você intervêm?

M – Então, eu faço porque eles são pequenos, né, até a 5a. série, eu só presenciei... de noite eu não presenciei brigas, mas dos pequenos eu separo. É que eu tive uma 5a. série que eles não eramtão pequenos. Assim, você pede verbalmente né., e aí se não funciona, eu vou me aproximando, me encaminho pro local da briga, e eu ponho a mão mesmo. E separo. Não faço força. Afasto. Porque, às vezes já vai intimidando né, só o fato do professor estar indo, eles já vão... 'Quer se pegar mas meio que não se pega, se o professor põe a mão.. Mas tem aqueles que vai mesmo, aí assim. Eu falo - olha, eu tô indo pra direção, buscar o diretor. Aí na maioria das vezes eles param ali, naquela fala, mas mesmo assim eles vão ser encaminhados. por conta da briga. Mas já tive casos de ter briga e não ter encaminhamento. De eu não ter suporte. Já esteve momento de tanto orientador pedagógico quanto diretor achar ruim, você chamar, pra fazer uma intervenção, de achar que é a toa que você tá chamando, que ele tá muito ocupado, que é por conta de uma estrutura deficiente, em vários aspectos. Realmente ele tem um monte de coisa pra fazer, mas é o papel

dele também estar lá e ele não deveria estar colocando a culpa em mim. E aí a culpa é minha de estar chamando, porque eu sou uma incompetente que não consegue resolver.
L – Mas, por outro lado, é papel da escola resolver esses conflitos também?
M – Então, eu acho que esses conflitos, que eu me lembro na minha escola, era o seguinte. Qual o procedimento. Você chama a atenção uma vez, duas, três. Na terceira você encaminha. Existem regras. O que pode e o que não pode. Por exemplo, eu tava discutindo regras: por exemplo chiclete. Se você pensar, chiclete e uma briga, né, você não espera uma briga acontecer três vezes numa sala de aula pra encaminhar. Mas o chiclete, é um saco, porque você tem que ficar repetindo, repetindo, e se você manda um moleque pra direção por causa de um chiclete, é desconsiderado né. Então. A equipe tem que estar bem afinada. O que que enche o saco - ah, eu pedi e ele ficou o dia inteiro mascando chiclete. No dia seguinte, o dia inteiro. No terceiro dia, ele não vai mascar chiclete na sala de aula, ele vai ser suspenso, né. Então eu acho que muitas vezes na minha escola, por exemplo, não tem essa regra clara. Não tem, e a forma como a nossa orientadora encaminha é muito ruim. Muitas vezes a gente prefere não chamar ela e ficar lá, na sala de aula, cumprindo a regra. Porque ela grita muito. [...] Aí é uma orientação pedagógica que você não confia, você não se sente orientada de fato. E aí as vezes você prefere não chamar. Porque se for pra chamar, toda vez eu chamar e ela ter esse tipo de encaminhamento? Né. Tipo assim, humilhação.
L – É.
M – Vou humilhar essa pessoa. Não é tipo assim, vou construir um raciocínio lógico, no sentido de, ah, ação e consequência, você tá fazendo isso, você tá fazendo isso e perdendo aquilo, né, no seu futuro, não sei o quê. Não tem essa estrutura. É no grito, na humilhação dentro da sala. É questionável né. Daí eu como professora...
L – É difícil não ter esse apoio né.
M – É difícil.
L – Você fala da influência da sua escola, quando você era aluna e que outras influências você tem? pessoas, lugares...
M – Então, acho que a maior influência que eu tive, que é uma coisa que me influenciou numa época que, tá até hoje assim, é o teatro a descoberta do teatro.
L – Descoberta?
M – Eu, quando eu estava com uns 15 anos, eu tava no ensino médio, e lá foi aberto um curso de teatro, então eu estudava de manhã e a tarde tinha aula de teatro, e era muito legal porque a escola tinha uma infra-estrutura muito boa, um teatro bom, anfiteatro, e aí eu comecei a fazer aulas de teatro, por influência do meu irmão, que já fazia no ano anterior, porque ele é um ano mais velho que eu. Ele fazia teatro, e quando ele estava fazendo teatro ele já dizia ah, o ano que vem, quando você estiver lá, a gente vai fazer teatro juntos, né. Então tinha essa coisa afetiva, eu e o meu irmão, de eu poder estar junto com ele, porque a gente estudou a vida inteira na mesma escola, até a 8ª série, e aí ele mudou de escola. E a gente sempre foi parceiro. E aí a gente ficou um ano separados né, porque ele tava já no 1º ano, foi pra outra escola e eu... E aí eu não sabia se no ano seguinte eu ia pra mesma escola que ele, né, teve aquele... Aí eu fui, que era escola técnica, e aí eu fiz, tinha que fazer um vestibular pra fazer, e eu passei tudo, fiquei super feliz. Aí ele falou 'ah, e você vai entrar no grupo também né' aí eu fiquei meio 'ah não, não sei, sou tímida', 'ah não, melhor ainda porque você é tímida, você vai desenvolver e tal', pra mim me estimulou muito. E aí eu entrei, e foi uma descoberta muito grande. Teve um impacto muito grande. Eu tinha uma vida, assim, bem delimitada pelos meus pais, pela

relação com os meus pais, de o que eles queriam fazer, pra onde eles queriam ir, toda a vida social ali era, né. E eu tava naquela fase da adolescência, você já, não, eu quero ir em tal lugar, eu quero ir com meus amigos, quero... E o teatro foi um pouco essa escolha, eu quero fazer teatro. E minha mãe não queria, e eu queria, e aí eu dei um jeito de fazer, e aí ela meio que me boicotava, não queria me dar dinheiro pra pagar a mensalidade, tal. Aí conversava com o professor.. Enfim, tava sempre tendo que dar um jeito de fazer, pra estar lá fazendo teatro. E aí foi muito legal, porque foi um grupo, foi o primeiro grupo que eu participei, onde você vê afinidade né. Porque na escola, a escola é um grupo de pessoas que tem que estar ali fazendo as coisas. E no teatro não, ali era um grupo de pessoas que todo mundo queria estar lá fazendo teatro. E aí eu percebi a potência disso. De você estar num grupo onde a sua escolha é a mesma de todo mundo. A gente era parecido. E eu consegui me ver nas pessoas, em muitas pessoas, era muito legal. Pô, você gosta disso, gosto, também gosta disso, também gosta disso, também gosta disso... Então assim, você começava a ver que você gostava de um monte de coisas novas, assim. E aí você começava a gostar daquilo que o outro gostava, porque o outro gostava de tal coisa, então, foi uma vivência muito boa, e de descoberta também, do meu corpo, de poder interpretar, e ver que... De perder a timidez, e de construir um espetáculo juntos, né. Ver as personagens surgindo, ver o que, de repente, no ensaio não parece nada, assim, aí no dia da apresentação tudo acontece. Tem uma coisa mágica, e aí eu percebi que eu queria fazer arte. Era uma felicidade assim, sem fim, assim, aí eu comecei a fazer teatro na escola, aí já no ano seguinte eu fazia teatro sexta, sábado e domingo, né. Aí eu tava participando de três grupos, aí chegou o período da faculdade né, isso foi no 2°3°ano do e nsino médio, aí chega no 3°você meio que tem que escolher né, aí eu percebi que na verdade eu não queria ser atriz, né, eu queria fazer arte, mas aí eu escolhi as artes plásticas, então foi uma experiência que eu tive que eu acho que determinou muita coisa.

L – Mas quando você fez essa escolha pelo curso de artes plásticas você já tinha contato, além do contato escolar, participava de algum grupo?

M – De artes plásticas, não. Aí depois que eu escolhi que eu ia fazer artes plásticas, e não artes cênicas, eu tive que fazer um curso pra poder fazer a prova de aptidão. Aí eu fui atrás de um curso específico, de desenho e pintura. Mas o teatro tá até hoje, durante a graduação eu fiz matérias na cênicas, quando eu me formei eu fui trabalhar com teatro, com cenografia, e, aí a cenografia não estava me rendendo financeiramente, e eu estava morando com meus pais, e bateu uma necessidade pessoal de construir a minha independência financeira, daí eu abri mão do teatro pra ser professora, pra entrar na rede, no concurso e assumir esse cargo. Então foi uma mudança bem drástica, deixar de estar no teatro pra estar na escola, que é totalmente diferente. Mas ainda estou, bem menos, mas ainda estou nesse embate de... Até onde eu estou na escola porque eu preciso de dinheiro, ou eu tô de verdade. Vai assumir mesmo ou vai ficar fazendo de conta? Que é né. Ainda estou e me permito estar. Sabe? E falo isso, porque tô no período probatório que é aquela coisa que eles avaliam a gente né, mas eu sempre falo, eu também estou avaliando vocês, se eu quero estar aqui, não é só vocês que estão me avaliando pra ver se eu tenho perfil pra estar aqui, eu também estou avaliando se é isso que eu quero pra minha vida. Porque tem que ter também né, um pouco de auto-estima, tô aqui porque é a única opção que eu tenho? Não. Foi o que eu escolhi, o que eu acho que vai dar certo. E aí eu fui aprendendo a lidar e gostar de algumas coisas. E ainda estou né. Mas eu acho que a grande experiência foi o teatro mesmo.

L – e o seu irmão né?

M – É. Foi. Não, com certeza. Eu tenho umas figuras assim... Meu primo também. Foi muito marcante no sentido de, eu sempre fui estudiosa, e quando chegou, quando eu tava no ensino médio, como eu estudava em escola técnica eu fui fazer um curso técnico. Em Jundiaí. E aí minha irmã mais velha não gostava de estudar, ela parou o ensino médio, no 2° ano e foi trabalhar . E ela, assim, não é isso que eu quero, vou trabalhar, e aí quando eu estava no ensino médio e eu tinha a possibilidade de fazer um curso técnico eu pensei, então é isso, eu vou fazer um curso técnico, vou terminar minha formação em um curso técnico, e ou pro mercado de trabalho, vou trabalhar e construir a minha vida. E também porque tinha uma influência muito forte na mídia, nos comerciais, no sentido de dizer que o vestibular é algo muito competitivo. A tv faz isso. Estimula muito a competição. E eu sempre vendo aquilo, ah, começou as inscrições do vestibular, maratona, os alunos que estudam, não sei quantas horas por dia, e não passam, nananã, e pra mim era muito óbvio que eu não ia conseguir fazer uma universidade, passar em uma universidade. E aí eu tinha um primo que estudava na UNESP. Que ele era um desses casos que ele ficou 4 anos estudando pra medicina, nunca conseguiu passar, e foi fazer jornalismo na UNESP. Aí ele perguntou né, ah, você não vai fazer vestibular? Eu falei, não, é super difícil, eu vou ficar me matando de estudar anos aí, não vou conseguir, eu vou terminar meu curso e vou trabalhar. Aí ele falou não, você é capaz de passar. E é engraçado porque foi só uma conversa, essa conversa com ele que me fez mudar de ideia, eu precisei de alguém que me dissesse que eu era capaz. Pra eu acreditar que eu era capaz. Ele me falou assim você sempre estudou, você sempre foi estudiosa, é a sua cara, você tem que fazer. Mesmo que você não consiga esse ano você tenta no outro, e tal. Aí...

L – Isso vindo de alguém que ficou 4 anos tentando...

M – É, aí... Eu até falei pra ele, uns anos atrás. Porque, realmente, a fala dele mudou a minha decisão. Não foi a do meu pai, nem da minha mãe, nem do meu irmão. Que poderia ser, mas não foi.

L – Mas seus pais já tinham conversado com você nesse sentido?

M – Não, meus pais não tem formação acadêmica, e toda a iniciativa que eu tive era uma iniciativa minha mesmo. Eles nunca me estimularam. Eles eram pessoas que me davam, os meus direitos, eu tinha uma casa, uma alimentação impecável, me cuidavam. Mas a parte intelectual eles não me deram. A parte intelectual era assim, cuido de você, te levo pra escola, te levo e te busco, mas nunca foi alguém comprar um livro pra mim que não fosse o livro que a professora da escola pediu. Nunca me deram um livro de presente. Nunca... Um filme. Eles não são ligados a isso. Essa parte intelectual é minha mesmo, acho que nasci com isso. Eles não fizeram a faculdade, nunca me podaram, quando eu falei que eu ia fazer faculdade e que eu queria fazer, que eu ia prestar vestibular, que eu queria fazer Artes... eles não me podaram, mas nunca me orientaram... aí que legal...

L – Mesmo seu irmão, não tinha ido pra faculdade?

M - Então, eu e o meu irmão a gente tava meio junto, nessa mesma fase, mas ele foi pra uma particular, porque na verdade, meu irmão passou por um processo diferente, é engraçado, por ele ser menino, meu pai começou a exigir que ele trabalhasse e ganhasse dinheiro, assim que ele tava fazendo. Porque a gente estudou na mesma escola, no mesmo colégio técnico, eu fiz o curso técnico também

L – E o curso técnico pra que?

M – Ele fez de informática, eu fiz de saneamento. Aí que aconteceu, no período que eu tava eu fiz curso técnico de saneamento e estágio, no mesmo período que eu fazia estágio eu pegava o dinheiro do estágio e pagava meu cursinho. E o meu

irmão não, meu irmão ele, não sei por que tinha esse receio, assim. Ele não quis fazer cursinho e prestar uma universidade pública. E aí ele começou a fazer o estágio dele, ganhar dinheiro, era estagiário, depois foi contratado, aí... Foi pra uma outra empresa, aí ele trabalhava nessa empresa e fazia o ensino superior numa particular. Então ele já trabalhava e estudava. E ele era cobrado pelo meu pai, né. Que agora ele tinha 18 anos ele tinha que trabalhar. Não tinha essa de estudar. E pra mim ele nunca fez essa cobrança. Tanto é que eu vim pra cá, eu passei na Unicamp, eu tava trabalhando quando eu passei na segunda fase, lá pra novembro, eu cheguei no meu pai e falei, pai, eu vou pedir a conta, não vou mais trabalhar, que eu tava trabalhando pra pagar o cursinho. Porque eu quero só estudar, porque eu acho que eu vou passar, eu acho que eu tenho chance. Ele falou, tudo bem. Se você acha que é isso, faça isso. E foi isso. Fiquei 2 ou 3 meses direto estudando pra segunda fase e passei. E o meu irmão teve essa história do trabalho, do homem, da figura do homem que tem que trabalhar. E daí por conta disso ele fez a faculdade particular. E... Mas realmente, eu e o meu irmão a gente teve essa parceria, de um estimular o outro, de um querer saber do outro... Com certeza, eu e o meu irmão, dentro da família é onde a gente mais se afina assim, é onde a gente tem mais parecido. A história da minha irmã já é bem diferente. Ela é uma pessoa que parou os estudos no ensino médio e não voltou até hoje. E ela é a mais velha. Né. A gente não seguiu o exemplo da mais velha. E nem o exemplo do meu pai nem da minha mãe, que também não fizeram, eles tem o ensino superior incompleto. E a gente tem um pouco isso mesmo, a gente saca que é o estudo. Mas foi duas figuras mesmo, meu primo, meu irmão. E o teatro.

L – É isso.

ANEXO 4 – Entrevista com Amilton Luis Fim Lima

L – Entrevista com Amilton, Campinas, 18 de abril de 2013. Nome completo?
A – Amilton Luis Fim Lima.
L – Data de nascimento?
A – 18/10/65.
L – Onde você leciona?
A – Eu dou aula na Escola Estadual Prof José Vitório Antônio Zamarion.
L – Campinas?
A – Sim.
L – Com que séries?
A – Eu dou aula de 1ª a 4ª. Esse ano o governo do estado de São Paulo implantou nos anos iniciais a Educação Artística. De professores efetivos né, antigamente não tinha.
L – Nossa, mas só começou esse ano?
A – Não, alguns anos já. Uns 3 anos que o professor efetivo pode pegar as aulas de 1ª a 4ª. Porque antigamente tinha, mas não era professor efetivo, não tinha condições de pegar.
L – E há quanto tempo você leciona nessa escola?
A – Nessa escola vai fazer 8 anos.
L – E que você leciona como um todo?
A – Há 23.
L – Além disso você trabalha no CEFORTEPE?
A – Trabalho no CEFORTEPE.
L – Com formação de professores?
A – Com formação de professores.
L – Quanto tempo?
A – Uns 8 anos também.
L – Onde você se formou, Amilton?
A – PUC. Campinas
L – Artes visuais?
H – É. Fiz desenho. Na época tinha desenho, depois tinha artes visuais. Fiz desenho e Artes Visuais.
L – Só desenho?
A – Era desenho técnico né? Quando eu entrei achei que era desenho. [risos] era desenho técnico, desenho topográfico... Mas já que entrei, tinha que acabar [risos]
L – E quando você se formou?
A – Quando, ano? 23 anos atrás [risos]
L – 1980, é isso?
A – Han?
L – Não, 90. 1990. [pausa] Como foi a sua formação? Você falou que foi desenho técnico... Tinha mais aulas teóricas, mais aulas praticas?
A – Na minha época era voltada pro... Visuais. E tava começando o universo das novas tecnologias. E começando o computador na universidade, parecia um bicho de sete cabeças, a gente via, jovens trabalhando, estudando, tal, e a gente tinha essa dificuldade, né. Que eu fiz artes visuais e na época tava começando essa ideia de computador. E eu vejo hoje computador como uma ferramenta interessante pra

trabalhar em sala de aula. Pra estar inovando, colocando outras propostas, enfim. Hoje já é uma coisa comum, naquela época era uma coisa...
L – Mas você trabalhava com CAD, essas coisas?
A – Auto-Cad, nós trabalhávamos com Auto-Cad, com desenho arquitetônico. Desenho arquitetônico.
L – Mesmo na faculdade de artes visuais?
A – Não, desenho. Faculdade de desenho. Não era artes visuais. Eu fiz artes visuais depois fiz desenho.
L – Era habilitação?
A – Era habilitação. E o louco aqui achou, não sei porque, que queria fazer desenho, e fiz, porque normalmente a pessoa fazia artes visuais e caia fora, e eu quis fazer mais um ano achando, sei lá, pra complementar... Aí entrei numa cilada, mas tive que ir até o fim.
L – Mais um ano dá pra segurar as pontas.
A – Dá, dá... Mas não foi uma oportunidade... Eu diria... Prazerosa. Foi muito chata. Porque fica uma coisa muito técnica. Hoje eu não sei se existe mais, talvez não exista agora. As faculdades se estruturaram de forma diferente.
L – E quando a questão das artes visuais, a parte de arte-educação? Era uma licenciatura, seu curso?
A – Licenciatura. De artes visuais.
L – Teve estágio?
A – Teve estágio, teve estágio, teve estágio... E quando eu sai do ensino médio, eu já sabia, quando eu tinha 18 anos, que eu ia ser professor
L – Nossa.
A – E quando eu falei pro meu pai que eu ia ser professor de arte, meu pai nem sabia o que era, ele perguntou, que que é isso? [risos] Professor de arte? Ele não sabia nem o que que era. E quando eu sai do ensino médio eu já fui pra faculdade. E, eu já sabia. Eu sabia que eu gostava de Arte, achava interessante. Eu vejo os jovens hoje com muitas dúvidas, com 25 anos, não sabe se faz isso, se faz aquilo, faz a faculdade, faz a faculdade errada, e eu já sabia o que eu queria.
L – Mas o que que deu essa certeza?
A – É porque eu, na escola, eu gostava. A importância da escola mesmo. Me dava muito bem, sempre gostei de Artes na escola.
L – E como que eram as aulas? Teve aula no ensino médio de Arte...
A – Ah, o ensino comum né. O contato com os artistas, eu me lembro de professores que falavam do universo da arte, eu gostava de ir na enciclopédia, coisa de velho! [risos] ver enciclopédia, ver aqueles artistas, minha mãe comprava aqueles artistas em banca, e eu ficava vendo, gostava daquilo, e aquilo sempre foi um motivo pra mim, um estímulo pra mim. Em nenhum momento minha família foi contra. Só que eles não sabiam nem o que que era ser professor de arte, né. Aí minha família me levou na faculdade. Eu conhecer esse negócio, ver como que é. Conhecer o curso, aí um dos professores me recebeu, pra ver direito o que que você vai fazer né. Aí passei no vestibular, fiz Artes, Educação Artística na época.
L – E o estágio, foi escola pública?
A – Eu fiz estágio numa escola particular, no Pio XII.
L – Tem relação com a PUC né?
A – É, e era um horror, porque mesmo tendo relação com a PUC, o ensino de Artes não era valorizado, não sei hoje, mas a professora dava desenho técnico. Aquela coisa de régua, de lousa, de esquadro, de cálculo. E eu fiquei lá, fiquei traumatizado.

e eu meu Deus, o que que é isso aqui! E o aluno falava, e ela gritava. [risos] Não é assim! Não foram assim minhas aulas de arte! [risos]
L – Quanto tempo?
A – De estágio? Um ano... E era uma professora tão novinha. E ela tinha uma cabeça tão de velha! [risos] Porque as vezes o jovem sai, e ele sente que pra ser professor tem que ser braaaavo. Aquela coisa. Não é assim. Não é o caminho. Tem que escolher outro caminho porque bravo... Tá errado. Tá equivocado. Eu não sei porque, eu queria fazer um estágio que era perto da minha casa né, aí eu falei, vou fazer aqui nesse Pio XII, deve ser legal, nossa, foi uma tragédia!
L – Mas teve regência?
A – Eu, dar aula? Não.
L – Só observação, participação?
A – Só. Eu não abri a boca.
L – Vai que ela grita com você né? [risos]
A – [risos] eu não abria a boca! Era uma mocinha tão novinha, tão brava! [risos]
L – E você falou da sua experiência, você teve aula de arte no fundamental, no médio?
A – É, no fundamental, no médio, gostava de participar de concurso...
L – Concurso?
A – É, participava de concurso, concurso assim... De cartaz, sabe? Que a escola tem. Aí eu participava dos concursos, ganhava os concursos, me sentia estimulado. Percebi que o meu caminho era esse.
L – E os seus professores? Eles também eram braaaavos?
A – Não.
L – Não?
A – Não. Eu não sou professor bravo. Porque as vezes, é..., a diretora até desistiu de me cobrar [risos] mas eu dou aula pra crianças né. Crianças as vezes você não pode ser muito bravo, porque a criança de 6 anos, 7 anos... Se você ficar muito bravo a criança chora né. Elas estranham. Elas saíram tudo do pré. E também eu acho que não é o caminho, de ser aquele professor.. Porque cada um tem uma postura, cada um cria uma proposta de como você vai lidar com o outro. E... Eu percebo pessoas, mesmo da minha área, que tem uma postura totalmente diferente da minha. Acho que faz parte da própria personalidade. Ou da disciplina. Porque quando eu entro dentro da sala de aula, os alunos percebem “nossa!”, começam a bater palma, aquelas coisas. Eu sinto o seguinte: a educação, ela tem essa ruptura de agora é matemática, depois é educação artística, e a vida, não é assim. Agora, tipo assim, você tem Artes 50 minutos. Aí entra professor de artes, quer uma estrutura totalmente diferente, que tudo ali precisa de mais tempo, material não falta na escola. Mas precisaria de ter uma, um... Uma sala adequada e não tem, não tem. E fica essa ruptura, eu percebo isso. É uma coisa tão ultrapassada, é uma coisa de séculos. Lá fora a vida não é assim. Lá fora você tá, você escuta música, depois outra, vai na padaria, faz uma conta, a vida na escola fica uma vida, parece que faz parte do corpo né, agora é braço, agora é perna, agora é cabeça, agora, fica parecendo médico, especialista em oftalmologia, o especialista do olho esquerdo, olho direito [risos] eu percebo isso na área de odonto (odontologia). Principalmente hoje, na área de odonto, especialista em canal, especialista em estética, especialista em química...
L – Ortodontia.
A – Ortodontia infantil! Ortodontia, sei lá. Nossa né. Não sei se seria o caso, o caminho. E aí a nossa área, a área de artes, ela se ampliou muito mesmo, com as

legislações atuais. Hoje a gente tem que ter, tem que ter, ou pelo menos oferecer, pros alunos 4 linguagens. As Artes Visuais, a Dança, o Teatro... E a gente, eu, que me formei há 23 anos atrás, eu não tenho condições de ter essas habilidades. Mesmo tendo cursos, eu não tenho condições de oferecer aos meus alunos uma aula de qualidade dentro da área que eu estou conhecendo, que é o Teatro e a Dança.
L – Sua formação foi polivalente?
A – Não, não. Sou formado em Desenho e Artes Visuais. E a legislação muda, não te consulta. Oh, agora vai, a aula de artes vai ter teatro e vai ter música, tá tudo bem. Tá, eu fiz aqui. Eu fiz com meus aluninhos, musica pras crianças, só que na verdade a gente tem uma formação tão restrita...
L – É, não dá pra comparar com quem foi formado em...
A – Sim, quem é formado em Artes, provavelmente vai ter um outro olhar em relação a isso. O que eu fiz, quer ver... Olha essa aula. [ruído de vídeo – o professor mostra um vídeo dos alunos no pátio da escola elaborando uma coreografia com a música "Passinho do volante"]
só pra você ter uma ideia de como surgiu...
L – Eles devem ter amado!
A – Só pra você ter uma ideia. Eu falei, gente, eu... Senti, porque eu fiz um curso em Serra Negra, pra dar aula das quatro linguagens, de teatro, dança...Eu pensei meu Deus do céu, que que eu vou fazer de dança pra essas crianças, aí eu sugeri, na sala de aula. Pra você ver como as coisas são né. O tempo tá mudando e muitas vezes os alunos não são mais, eu diria que nós, educadores, nós somos mediadores na sala de aula. Então se você se sentir "O" professor... Não, você media o conhecimento. Só pra dar um exemplo, eu acho assim, que... Foi o que aconteceu nessa aula. Um menino cantou, aquela música "lek lek" que eu nunca tinha ouvido na minha vida! Eu falei, gente, que música é essa? Eu olhei pra cara da professora.... E o menino dançando, e cantando, e todo mundo da sala cantando, e eu falei gente, que música é essa? Aí eu fui sair a noite e vi, num telão, o vídeo, o clipe dos meninos. E eu falei gente, aquele clipe lá é o clipe que as crianças cantaram de manhã! [risos] Aí eu falei pra professora, vamos trabalhar esse clipe com as crianças. E eu acabei fazendo, eu, do meu jeito, acabamos fazendo a coreografia, acabamos dançando, e eu acho que... Aí depois... Agora no dia 22, segunda-feira nós vamos cantar Pindorama, do... Do... Palavra Cantada. E eu achei interessante, foi uma conquista né. Você não pode colocar direto um Palavra Cantada, eles vão estranhar. Você tem que ir de pouco, você não pode impor os seus conceitos. Você tem que fazer com que você conquiste. Eu sei que na vida talvez seja alguma coisa, mas a partir do momento que eu fiz isso com os alunos, eu me dei muito bem. Conquista, e depois que você conquistou, você pode fazer o que você quiser! [risos]
L – Você falou da sua experiência como aluno, que os professores não eram bravos, e você disse que o seu estilo também não é bravo.
A – Não.
L – Que outras influências você vê da sua experiência como aluno na sua prática como professor?
A – Pergunta outra vez.
L – Da sua experiência como aluno...
A – Na época?
L – É. O que que ela influenciou você como professor?

A – Ahh, entendi. É, eu nunca fui uma pessoa... Eu sempre fui um bom aluno, sempre fui aquele aluno que gostava de Artes...
L – Caxias!
A – É! [risos] Sempre fui, sempre fui aquele aluno que fazia cartaz, que fazia o desenho, que, em equipe, a equipe chamava pra desenhar... [risos]
L – E você também faz esses concursos?
A – Participo, eu acho legal.
L – Nas suas práticas, assim?
A – É, eu dou aula numa escola muito privilegiada, uma escola estadual, é, que fica perto da Claro, da [avenida]John Boyd Dunlop.
L – Ah é?
A – É.
L – Eu não conheço essa escola.
A – Então eu convido você a um dia ir lá e conhecer a escola, e explicar como que é a proposta, porque a escola é organizadíssima, tem uma... A sala de aula, cada sala de aula tem material de artes.
L – Que maravilha.
H – Tem muito material. E os alunos são fantásticos né. A partir do momento que você conquista as crianças, você conquista, você pode fazer o que você quiser. Depois... A gente precisa conhecer um pouco o universo da criança... Do outro. Não impor aquilo que você acha que é interessante. Aí eu posso... Quando eu percebi isso... Porque as vezes você, ah! Vou mostrar um artista, tá, que o cara nunca viu. Eu tento primeiro compreender o universo dele. Pra depois eu puxar até outros... Conceitos.
L – Eu também to trabalhando cartaz com meus alunos do 7º ano.
A – Ahn.
L – E aí eu peguei uma gravura que era do construtivismo russo, tinha toda aquelas palavras que a gente não entende, tinha uma mulher gritando. Eu apaguei no computador as palavras, as letras, e falei, agora, vamos criar um texto pra o que ela tá gritando, vamos pintar das cores que vocês... Acharem mais adequadas, tudo. E eles vieram com essa música do lek, lek, lek, lek, lek... Todo mundo escreveu, lek, lek, lek, lek... Porque é a realidade deles. Então eles colocaram o contexto que eles vivem, dentro do contexto da história da arte, então dá essa abertura pra eles colocarem...
A – Você acabou de falar, "da realidade deles". Nós não pertencemos... Ao mundo deles. Entendeu? Eu acho que a gente precisa rever os nossos conceitos. Porque a gente precisa também entender. Porque eu sinto que, se eu tivesse saído a noite e não tivesse percebido... Eu ia ouvir uma música, e poderia ser outra música. Uma música como qualquer outra. E as vezes a gente tá num universo né... Num mundo que tá acontecendo coisas que professor as vezes não tá percebendo. E a gente acaba acontecendo que as pessoas vão lá em 20 anos atrás que você precisa estar sempre atento ao que está acontecendo no universo. Das artes. Mesmo que seja no universo do conceito do aluno pra gente fazer um conceito interessante.
L – E o que você acha que é relevante pra formar um educador? Um arte-educador?
A – Que que é relevante?
L – É, que que não pode faltar na formação?
A – Eu acho que tem que ser uma pessoa atualizada. Acho que atualização é uma... Em qualquer área, em qualquer área de atuação, hoje, tem que ser uma pessoa atualizada. Atualizada, você tem que... Ouvir lek lek lek [risos] ir numa orquestra sinfônica, ler jornal, ler revista, nós no... Eu, por exemplo, faço um curso de artes, e

a minha professora chama Vera Ferro. Eu tenho acesso a todos os, os veículos de comunicação ali, que está em, em evidência, o artista que tá em evidência, então a gente precisa disso, e muitas vezes a gente não tem. Por exemplo um artista que tá lá na Romênia, no Japão, na china, se eu não fizesse o curso, eu desconhecia. As vezes não ia passar um, uma revista, alguma coisa, eu não ia nem ver que que é esse cara! Eu fui nessa exposição agora, SP-arte que teve, no final de semana, dia 7 desse mês, e foram mais de 180 galerias de artistas do mundo inteiro, que tavam oferecendo, vendendo as obras né? Não sei se você ficou sabendo. Você ficou sabendo? Chama...
L – É uma feira né?
A – É. Feira de... Chama SP-Arte. Todos aqueles artistas que a professora falou, eu falei gente, tá tudo aqui! [risos] tá tudo aqui! Aqueles artistas que... Da China, do Japão, muitos artistas brasileiros, tinha Romênia, que eu vi na galeria, junto, vendendo os trabalhos... É isso que a gente precisa, gente. A gente precisa conhecer né, ampliar os nossos conhecimentos em relação ao universo da arte pra que a gente possa oferecer um trabalho de qualidade, porque se não a gente fica na mesmice, e eu acabei fazendo isso, eu acabei vendo o que o artista faz e aplicando depois em sala de aula. Sabendo que o resultado não vai ser igual ao artista. O resultado é outro. Mas o processo é interessante. Porque a criança, a pessoa, vai estar passando por todo aquele processo de criação.
L – E você participa desse curso da Vera Ferro, você participa de formação continuada do Estado?
A – Eu tenho.. Eu participo desse curso com a Vera, que já vai fazer 3 anos, que é um curso particular, que eu pago, e... O Estado oferece pouquíssima capacitação, formação de arte, muito pouco. Dá um curso, faz de conta que deu o curso, faz aquela propaganda toda que fez aquele curso, e... Porque na verdade a formação tem que ser continuamente né, você não pode fazer um curso de dança e se sentir no direito de ficar dançando por aí. Não é assim, a gente tem que aprender, tem que estudar, tem que olhar, tem que pesquisar, tem que olhar o outro.
L – Você falou desse curso de Serra Negra, o que que era?
A – Serra Negra nós tivemos capacitação de todos os arte-educadores das diversas diretorias de ensino. E nós tivemos uma capacitação dos anos iniciais, visando essas 4 linguagens. Nós ficamos 4 dias em Serra Negra. Mas eu sinto também que o Estado é muito amplo né? Como você vai dar formação pra tanta gente... Então ele oferece o currículo, que é um documento e você, é um caminho que você possa estar seguindo.
L – Você trabalha com aqueles livrinhos (Caderno do Professor e Caderno do Aluno) também? Que tem da 5ª a 8ª série?
A – Do estado?
L – É.
A – Não. É que esse é dos anos... Eu dou aula pros anos iniciais.
L – É que eu conheço dos anos finais, mas nunca vi dos iniciais. Então não tem?
A – É, na verdade tá sendo implantado agora, um material pros anos iniciais do Estado de São Paulo, esse livro que você falou eu desconheço porque eu não dou aula de 5ª a 8ª. Eu não conheço esse material. Mas, existe já um currículo do estado, que abrange as quatro linguagens.
L – Como que é, o que você acha desse currículo?
A – É. O currículo é aquilo que eu te falei né, você acaba abordando de uma forma daquilo que você tem condições de oferecer. A minha formação é artes visuais, acaba tendenciando para o universo das artes visuais. Mas trabalhar com criança,

você... A criança é muito ágil. Você não pode por exemplo dar... Eu percebo por exemplo que numa aula, as vezes eu tenho quatro linguagens, e... Ela pra desenhar ela é rápida, pra pintar ela é rápida, pra dançar ela é rápida. Você tem que fazer um monte de coisa numa só!
L – E, quanto tempo você tem? Uma aula por semana? Duas?
A – Duas, duas aulas por semana.
L – E, você falou do curso do Estado... Teia do Saber você participava também?
A – Não. Eu acho que isso aí é mais pra alfabetização não é? Teia do saber eu acho que é pra professor alfabetizador.
L – Aquele do Arte na Escola, você conhece?
A – O site?
L – Tem o site e tem uns pólos de formação...
A – Você sabe que eu não... Eu desconheço. Eu recebo email, e vejo esse site, mas eu não conheço. Tem formação nisso aí? Não sei.
L – Na faculdade onde eu estudava na UNESP a gente tinha pólo do arte na escola, dos professores da universidade, pra capacitá-los, pra trabalhar com os professores da rede. Na verdade, ele era aberto pra quem quisesse vir, né. E elas faziam as atividades, trabalhavam com aqueles vídeos, a dvdteca do arte na escola...
A – Aí, eu precisava ter acesso a esse material, eu não tenho. Tenho? Eu não sei como funciona. Eu recebo os emails desse site mas eu não... Não... Sei.
L – Eu sei que tem esse pólo, tem mais uma ou outra cidade que tem, eu não sei direito. E um conhecido meu falou que tinha participado de formação disso ou do Arte BR. Mas eu não sei qual dos dois... E como eu nunca trabalhei no Estado eu desconheço quais são os cursos de formação, porque aqui no CEFORTEPE a gente tem o curso de formação do professor da rede municipal né?
A – É, e tá sendo reestruturado. Mudou prefeito, mudou a secretaria, mudou a equipe, houve um processo de seleção pras pessoas que quisessem ser formador, e não teve adesão. [risos]
L – Não teve adesão... Por causa também da remuneração né? Mudou todo esse esquema, mudou o.... o Mais Educação, mudou tudo. Toda essa questão de remuneração.
A – Mudou. A secretaria queria que o professor ficasse 9 horas aqui e que não saísse da sala de aula. E que, ao meu ver, que... Que tinha um conhecimento amplo das quatro linguagens. Exatamente aquilo que propõe a lei, a legislação. E não houve, não só dentro da área de artes, mas, não houve inscritos. Não houve inscritos.
L – Isso pode pender pra dois lados.
A – Agora, o que que a secretária tá pensando eu não sei. [risos]
L – Tanto ela pode perceber que ninguém procurou porque a remuneração é baixa, porque é difícil ser formador!
A – Muito difícil! Vai fazer 8 anos que eu estou no CEFORTEPE, dando aula. E a gente que trabalha com aluno, com professor, enfim, como arte-educador, a gente tem que ter essa atualização. Porque o professor vai perguntar, vai, você vai ter que ter a resposta, você vai ter que ir atrás, entendeu? Então... Só que dentro daquela ementa, que é isso que você leu, que tinha que saber tudo aquilo, eu não tinha condições, não era capaz de, de, de me submeter ao processo seletivo que eu tinha de saber todos aqueles requisitos que a secretária queria.
L – Uma exigência alta, tem a questão.. De você estar aqui, você se preparar...
A – Você sabe que se você assume o cargo, que tem, você tem que saber, que a ementa é aquela, você tem que saber dominar aquilo lá.

L – Você vai ser cobrado.
A – Você vai ser cobrado.
L – Os dois lados.
A – Tipo assim, que que você tá fazendo aqui, você não viu a ementa? Você não sabia que você tinha que saber?
L – E, eu acho que a exigência também é grande, burocrática. Assim como a gente que é professor, na sala de aula tem os diários, as avaliações, também são exigências burocráticas do formador. Então eu acho que ou ela pode perceber que, ah, ninguém quis porque a remuneração é baixa pro tanto que exige, ou ela vai acabar alegando que, puxa vida, ninguém procurou... Ah, então não vamos mais fazer curso de formação. Esse é meu medo. Que ela dê uma de tonta, ah, já que ninguém quis ser formador então não vai ter formação nunca mais.
A – Eu, como outros aqui no CEFORTEPE, estamos com a maior dúvida. O, o... O direcionamento que ela vai dar.
L – Porque procura pra fazer curso tem! Um monte de gente que eu converso, ou, não necessariamente o grupo de formação...
A – Porque nós professores...
L – Mas...
A – Porque nós professores, o, o, o secretário chega, ou determinada pessoa chega, em determinado momento do ano, por exemplo, chegou lá em março, né, prefeito ganha eleição, em janeiro ele entra, março começa se planejar uma equipe, e depois os cursos vai sair lá em maio... O que que acontece? Acontece que os cursos em tese deveriam sair, na minha opinião, no planejamento, em dezembro. Pra que você possa se organizar durante o próximo ano. Aí entra uma pessoa, com uma posição, que eu não sei ainda qual é, que, que acha que não é esse o direcionamento porque tinha poucas pessoas no curso de formação. Realmente, todos os cursos tinham poucas pessoas. Tinha grupos que tinha cinco, seis professores. É um número baixíssimo, mas, o que que acontece? Essas pessoas, eles lançam, março, abril, depois que você já se organizou todo o seu horário, e aí... Ele não... Entende que você não pode fazer naquele horário?
L – Tem essa questão do horário também...
A – Isso já foi feito, já foi falado um monte de vezes. Como é uma situação política né, que passa pelo prefeito, depois tem o secretário... Toda a estrutura da rede, e depois que ele vai pensar como que vai ser a formação. A secretária vê, pouco sei dela mas ela veio do MEC, de Brasília, então ela tem um outro olhar. Qual é o olhar, estamos querendo entender [risos]. Estamos querendo entender.
L – Só espero que ela consiga entender a nossa realidade também.
A – Porque foi a provado o diretor do DEPE agora, foi... Hoje saiu no diário oficial quem que vai ser o diretor desse espaço do CEFORTEPE, nós estamos, que dia que é hoje, 18? 18/ 4. Até ele reestruturar tudo... Quando vai ser?
L – Eu tava pensando né, que logo que eu entrei na prefeitura eu comecei a fazer aquele curso de flauta, na escola de música. Mas foi uma coisa meio assim, eu fui chamada no final de fevereiro, comecei a trabalhar 27 de fevereiro, e aí... Eu não tinha me inscrito pra curso nenhum. Mas as colegas falaram não, vamos lá, que sempre tem alguém que não vai, você começa o curso, não sei se tem alguma lista de espera, se tem vaga.
A – Lá na [rua] Dr Betim?
L – Isso, aí eu fui, adorei o curso, tudo. Comecei o curso em... março... A gente tá no meio de abril, pro final de abril e não saiu curso nenhum ainda... Né. E agora o CHP

também não pode ser curso, eu não tenho CHP porque eu sou muito recente na prefeitura, dai não pode ter curso, não pode nada. Então é complicado, tá puxado.
A – O que, o que... O que eu vejo de grande problema né, é essas mudanças de ordem política, governamental, que acaba, entrando um governo, não dando continuidade ao outro. E até você se reestruturar leva muito tempo. O que que acontece, o que que tá acontecendo na minha sala de aula. Você tem que dar aula, tem que dar conta, tem que ser, é cobrado disso disso e daquilo, e...
L – Independente do que acontece pra cima a gente tem que fazer acontecer aqui.
A – Então, o que acontece de verdade né, é a escola, o aluno, o professor. Porque assim, tipo ficar dependendo das políticas públicas, eu acho que demora muito pra chegar pro principal elemento, que é o aluno.
L – Do principal muita gente esquece. A gente tava falando da formação. Então, atualmente você tá fazendo curso da Vera Ferro, fez o curso de Serra Negra, algum outro curso que você tenha feito nessa trajetória?
A – Eu sou um assíduo frequentador de, de espaços culturais. Museus, teatros, é... Porque eu não acho que... Porque eu trabalho isso pra mim né. De fazer alguns fins de semana levar os educadores da rede para os espaços culturais. E é um prazer muito grande né? A gente ver um artista, é... Ao vivo né, na sua... No teatro do MASP ver Camille & Rodin, e nós sentamos assim na frente do ator, você via o ator, assim, você sentia a voz do ator, foi impressionante. A pouco tempo faleceu, acho que foi ontem, faleceu a atriz Cleyde Yaconis, e eu tive o privilégio de vê-la no, no teatro, então... É uma coisa muito interessante né, porque nós precisamos exatamente disso, de ir. Conhecer, pra que você possa ter um discernimento do que é. Porque muitas vezes o próprio arte-educador, ele tem muitos preconceitos em relação a outros tipos de artes. Aí, não gosto de grafite! Eu acho isso, um professor... Você conhece grafite? Por acaso você já foi numa exposição? Por acaso você já viu? Como que funciona o grafite? Porque eu sou apaixonado por grafite. E... Quando eu viajo, dentro do Brasil, fora do Brasil, eu vejo muito grafite. E é uma linguagem muito... Muito normal. Dentro dos centros urbanos, né? E, e quando você fala com o professor, onde ele é um pouco mais conservador, não diria pela idade, porque eu também não sou novo, mas as vezes você fala... Dentro do ponto de vista mais conservador, ele desconhece essas formas, e as vezes tem muito preconceito. Desconhece. Ele acha que não é arte... E o grafite é um conceito que já está nos livros de história de arte. Então ele precisa conhecer. Conhecer, ver, né? Como que funciona... E quando que vai ser? Vai ser no final de semana! [risos]
L – E, esses cursos, porque você procurou? Formação continuada... Esse curso?
A – Qual?
L – Esse, por exemplo, da Vera Ferro, porque procurar? O curso?
A – Ah, o curso da Vera, eu acho muito interessante nós, arte-educadores precisamos ter o contato com o artista, porque o artista, é, as vezes ele não é arte-educador. Você... Eu lembro que eu tinha artistas na faculdade que eles tinham uma dificuldade muito grande em ensinar. Então, a Vera é uma artista, mas ela também vaga pelo processo do ensinar. Não é qualquer artista que tem essa capacidade. [risos] uma vez eu vi um puta dum artista, desenhava muito bem, na hora que você vai ensinar o desenho, não leva jeito. E, ela tem, eu conheci a Vera na escola, eu conheci a Vera no projeto correio-escola[27]. Tinha o projeto correio-escola e oferecia quem fazia o curso correio-escola nós tínhamos o direito de fazer o curso de arte, na

[27] Projeto Correio-Escola é um projeto desenvolvido pelo jornal Correio Popular de Campinas, voltado para professores de ensino fundamental e médio. http://portal.rac.com.br/institucionais/correio-escola-multimidia/projeto/

Arquitec, na José Bonifácio. Com a Vera. Agora eu faço o curso no ateliê dela. Tem o ateliê que é aqui perto, que é na [Rua] Helena Steimberg.E ela dá, ela... Ela te propõe, ela... Você como um elemento de processo que também pode criar, muitas vezes você acaba vendo tantos artistas, tantos artistas, que quando você senta pra você fazer a sua criação, que é aquilo que nós exigimos do nosso aluno, você se depara pela dificuldade do aluno. Né? Ahhh, mas tem que desenhar, tem que desenhar. E você tem que entender que você também tem que compreender esse processo, que é o ato criativo. Como que você vai criar, como que você vai fazer, como que você vai exercitar esse teu traço, essa pintura, o seu gesto. O movimento, você precisa exercitar. Senão, como você vai dar, prum aluno? Tem que fazer e você não sabe? Então eu acho interessante a proposta da Vera como artista, porque ela consegue viajar pelo universo, ela é uma grande artista plástica, de Campinas, e consegue trabalhar esse processo de ensinar.
L – É, esse curso de Serra Negra você procurou...
A – Serra Negra o governo do estado que ofereceu pros professores da rede.
L – É todo bancado pela rede?
A – Foi.
L – Mas foi oferecido ou foi exigido?
A – Ah, eu diria que foi... Ofertado! [risos] porque se eu não quisesse ir eu não ia. Mas eu fui, fui. Sai daqui, fui. Mas, nós estamos num mundo que tem um conhecimento muito grande das coisas né. Você, por exemplo, dentro do universo das artes visuais, as vezes tá engatinhando. Imagine, outras linguagens, que eu desconheço. Dança, teatro, tanta coisa que tem que aprender! Aí de uma hora pra outra te jogam assim, quatro dias, um monte de conceitos, de movimento, de dança, de não sei o que, de não sei o que. E você faz aquilo.. Que eu fiz aqui [referindo-se ao video com a dança dos alunos]. [risos].
L – É, você vai trabalhando de acordo com o que a gente pode, né.
A – Porque pra ensinar uma pessoa, você tem que dominar. Você não pode... Assim, pá. Vamos entrar, não sei o que. O artista, é a mesma coisa, eu acho. Eu assisti hoje um artista, lá com a Vera, que... É... Chama Christo, já ouviu falar?
L – Conheço, dos panos.
A – É, eu vi um filme dele, o sofrimento que ele fez de convencer, é... E fazer um trabalho no Central Park, de cobrir, de fazer um trabalho lá dentro de cobrir, fazer um trabalho visual dentro do Central Park, parece que durou 15 anos pra ele convencer o poder público, que tinha que fazer aquilo, que tinha que... Eu acho que a pessoa tem que entender, tem que... Ele tem que se interiorizar daquilo que ele acredita. Porque eu percebi que ele recebia vários nãos, várias risadas na cara dele. Que que você tá achando, esse tonto aqui, vai ficar cobrindo uma ponte, aqui... Você entendeu? E dependendo da pessoa... Não tem disso né. Então ele artista, ou ele pessoa, tem que se convencer de que ele é capaz, e que é interessante pra ele, como... Como, como... Eu diria... Um elemento que faz parte da vida dele. Você acreditar naquilo que você faz. Se você não acreditar naquilo que você faz, seja naquilo que for... Você não vai ter. E eu acho que os artistas que tem êxito, são muitas vezes [ruídos]. Passei aquele filme do Pollock, pros alunos. Mas que que é isso? Ele teve, ele acreditou naquela proposta, naquele processo todo, por isso que é importante ainda o processo. Né. Você mostrar pra criança um Pollock, ah, eu faço também, mas você vê toda aquela angústia, todo aquele processo, criativo, que é interessante.
L – É, o nome do filme, você tem?

A – É Christo e Jeanne-Claude, a esposa dele. é assim que fala. C, H, R. Christo. Ele é da Bulgária.
L – Porque eu vi as fotos da obra dele no parque, achei lindo!
A – Gente!
L – E essa ponte, é uma coisa que...
A – eu, quando eu vi... Eu, eu...
L – Pela foto você não tem noção...
A – E, as pessoas... Por isso que eu te falo. Ele tem em mente, ele devia ter em mente na cabeça dele, que choque que ia acontecer naquele lugar. Porque quando viu, chegando aquilo, aquela puta placa de ferro, não sei quantos milhões que ele gastou, tudo aquilo... Que cara louco. Eu falei, outras pessoas, outras comunidades de Nova York de que, tinham que dar o parecer, positivo, negativo... A maioria das pessoas foram contra. Porque era um, gasto desnecessário, tinham outras prioridades... E é aquilo que ele falou, quando abriu a exposição, um inverno danado em Nova York, nossa senhora, um choque muito grande né. E outros trabalhos que ele tem, por isso que a gente tem que conhecer né, outros artistas, pra que a gente possa mostrar pros alunos, pra que eles tenham um... Uma visão da arte, não só... Uma arte contemporânea, muito pouco trabalhada na sala de aula. Porque muitas vezes a gente acaba conhecendo artistas, e tal, de sempre, e os artistas que estão aí em evidência, que as vezes mora perto da tua casa, perto do teu bairro e que você precisa conhecer. E valorizar.
L – Esses são os mais difíceis. Sem o respaldo, trabalhar sem respaldo do livro... Ou... Sem esse peso histórico, não é. E compreender a importância de algo que ainda não está sedimentado...
A – Você é de Campinas?
L – Eu tô aqui a quase 5 anos.
A – Eu, eu eu, eu sou... Eu faço um convite também, pra você conhecer o Instituto Thomaz Perina. Já foi no Thomaz Perina? Thomaz Perina foi um artista que eu acompanho desde os meus 20 anos. E vi a trajetória dele, faleceu a pouco tempo, e... Muitas vezes as pessoas não conhecem. Não só arte-educadores. As pessoas comuns. Quem que é esse cara, nunca ouvi falar!
L – Acho engraçado porque eu morava também ali na região do [Jardim] Paulicéia... E vindo pra cá, tem a José Pancetti, e tem a praça com o nome dele né, Thomaz Perina, e eu não... A principio não conheço.
A – Há pouco tempo, é.
L – Eu vi o nome, mas eu não sabia que era um artista, aí a nossa escola recebeu um convite deles, pra conhecer o Instituto, e aí que eu fui “dar um google”, ver quem que era, né. Achei o máximo a trajetória dele, de menino, desenhar na calçada... Na rua, assim... Ser um artista bem reconhecido no bairro e achei super uma forma de dar continuidade a história do artista, a história da cidade, valorizar um pouco mais, a nossa identidade... Tudo é muito eurocêntrico.
A – É, nossa identidade, porque existe muitos artistas na cidade, mas é que as vezes a gente não tem acesso. Ou as próprias políticas públicas, secretarias de cultura, enfim, poderia tá valorizando melhor, eu sei que acontece em outros lugares, né.
L – Agora eu sou professora lá na [EMEF] Maria Luiza [Pompeo de Camargo], e eu descobri que ela era uma pintora, mas eu não consigo achar trabalhos dela, enfim, aonde que eu vou... Preciso surfar mais na trajetória dela pra ver como que eu posso trabalhar isso com os alunos. Porque é identidade, é memória local, e vai ter uma

exposição, acho que já foi até aberta, na CPFL, e tem acho, a filha dela. Que também é Pompeu de Camargo...
A – Ah, eu fui. É, na Pinacoteca, uma parte da Pinacoteca.
L – E aí eu vim, eu vi a lista dos artistas que vinham, né, Portinari... Di Cavalcanti...
A – Sim.
L – Fulana de Tal Pompeu de Camargo, de Campinas.
A – Ah é?
L – Acho que eu vi no site da prefeitura, tinha uma notinha lá sobre a exposição, falando sobre essa parceria entre a Secretaria de Cultura... CPFL... Da Bienal Itinerante... Um monte de exposição.
A – Essa Bienal que tá acontecendo vai acontecer no SESC.
L – Isso, no SESC. É. E aí... Eu vi o nome, falei, opa! Tem que ir atrás pra ver quem que é né, deve ter alguma relação... Com a escola...
A – Mas será que ela é parente?
L – Por ser de Campinas e ter o mesmo nome... Eu acredito... Que sim...
A – Nossa...
L – Até mesmo eu...
A – Eu fui ver a exposição... To indo terça-feira ver o café filosófico lá.
L – Legal. Sobre a Maria Luiza mesmo eu acho pouca informação na internet. Preciso ver se aqui né, na biblioteca da cidade eu acho mais coisas. Pra conseguir... Levantar alguma coisa que seja mais próxima... Deles.
A – Aí você levantou uma pergunta, e eu coloquei sobre informação. Mas eu acho que informação é tudo hoje em dia, é em todas as áreas de atuação.
L – Também, você abre um celular, tem acesso a zilhões de informações, né. É... É muito interessante. As vezes eu falo com os alunos, não, porque naquele tempo a gente não tinha telefone, ou, não tinha TV, e eles ficam assim... Como conceber o mundo sem telefone, sem TV? Ou então, falei, ah, uma linha telefônica custava o preço de um carro... Era muito caro, se for ver, hoje, ainda hoje, a nossa telefonia é muito cara. Mas pra eles é uma coisa tão distante. Tá tudo aqui, na palma da mão. É só “dar um google” ali. Pronto. Informação hoje faz toda a diferença. Justamente porque ela é tão fácil, de conseguir. Mas as vezes a gente passa tão...
A – Talvez, será que nós estamos vivendo um momento de tanta informação? Talvez seja isso. Tanta informação que a gente não consegue absorver tudo. Que não vai conseguir a absorvição de tudo. E a gente acaba... É por isso que eu acho que o professor tem que, ele tem que... Eu vi uma palestra com a, uma filósofa de educação, não sei o que lá moderno, um programa no Fantástico, uma filósofa, e ela falava dessa relação do professor e aluno precisa mudar. Porque, é... Porque se não a gente não consegue trabalhar. E tem professores ainda que se sentem, que acham que tem que... Você é o sabedor, você é isso, tal. Nós não somos mais sabedores de tudo e o aluno não sabe nada. Nós simplesmente somos mediadores, a gente vai oferecer caminho pra que essa pessoa possa aprender alguma coisa. Exceto a alfabetização. Artes, tal. Até nem eles... Até aí. Acho que até aí. Que eles já tão chegando já... Todos espertinhos! [risos]
L – Eles também tem alguma informação!
A – Tem! Tem muita informação! Eu passo, eu passo meu facebook, passo meu blog no outro dia eles já acessaram, já discutiram, o pai já comentou...
L – Cheios de opiniões né, sobre as coisas.
A – É, nossa. Eu, professor, eu compartilhei esse vídeo, tatatá, tatatá. Aí, que ótimo! Traz livro pra mim, eu acho ótimo!
L – Como você se prepara pra sala de aula? Além da informação...

A – Como eu me preparo? Em que sentido?
L – Nisso, de como você prepara suas aulas...
A – Ah! Preparo as aulas!
L – Como você se prepara mentalmente... Minutos antes... Você tem algum ritual...?
A – Aí menina, to passando por um processo meio estranho! [risos].
L – Como assim?
A – Porque, é.. Eu, eu, eu... A escola tem uma besteira, de ficar fazendo rotinas-escola. Que que você vai dar na quinta-feira, vai dar na semana que vem. Aí eu escrevo, de segunda a sexta, mas eu não faço nada daquilo. Não faço nada daquilo não! [risos] não faço nada daquilo. Por exemplo, eu to entrando na sala de aula, eu vejo que a professora já colocou um texto na lousa, de alguma coisa. Com a experiência que a gente tem, aquele texto já, puf! Já rodou uma aula ali, você pode falar, pode trabalhar colagem, pode trabalhar isso, pode trabalhar aquilo... Entendeu? A professora tava dando... Descobrimento. Eu falei assim... Descobrimento tem a ver com uma música.É esse aqui ó. [ruídos de vídeo] [o professor mostra um vídeo no celular dos alunos cantando a música “Pindorama”, do Palavra Cantada] esse aqui eu também aprendi viu. Eles que me ensinaram [risos] a mexer no celular. Professor, dá aqui que eu te ensino!
L – Até os que não tem, já sabem mexer.
A – Dá que eu te ensino! [risos] e daqui eu ponho no Facebook, ponho no meu blog, eles assistem.
L – Gostam de se ver, né?
A – Eles gostam de se ver. [ruídos de vídeo – continuação da música] e isso aqui da pra trabalhar um monte de coisa. Dá pra trabalhar história... Porque isso aqui foi a primeira vez, a primeira sala que eu fiz. Mas aí saiu outra turma, aí conseguimos fazer a dramatização, quem era Pedro Álvares de Cabral, quem... Eu quero ser índio, eu quero ser não sei o que. Aí eles não entendiam, porque na letra fala dos índios, e os índios, eles não entendiam, como assim, índio pelado? Como assim? Aí eu mostrei os índios, que eles dançavam nus, então assim, um assunto que você, acho que é a experiência né. Com um assunto você aborda tantas coisas, pode abordar arte indígena, musica, aí vai.
L – Legal. E... Quando você se formou, quais foram os desafios que não foram anunciados? Você se depara hoje, mas que você não esperava... Ou esperava trabalhar de uma forma diferente... De repente você chega na sala de aula após se formar e vê um desafio que você, não tinha sido alertado, não esperava encontrar.
A – Ah, vamos falar que tem uma falha muito grande da faculdade, é não dar esse preparo. Porque você dá um preparo de conteúdo, né, conteúdo, conteúdo, conteúdo. Mas quando você se depara com a sala de aula, não sei como foi pra você, mas é um choque muito grande. É um choque muito grande. É uma pressão né, você fica naquela pressão. Depois você se liberta! [risos] depois você se liberta! Mas, por exemplo, eu trabalhei anos com ensino médio. Anos, com ensino médio. Aí fui dar aula, mudei, e fui dar aula nessa escola, eu demorei uns 5 anos pra entender. Como trabalhar com a criança. Porque vinha um monte de pais reclamar, que eu falava alto, que eu falava assim. Que meu filho falou isso, mas eu não tinha falado aquilo. Aí eu fui tentar compreender onde estava o erro. Que era o meu, mas ninguém tinha me dito. Amilton, é assim! Eu tive que aprender sozinho.
L – Teve que aprender sozinho a lidar com o universo infantil?
A – Teve inclusive que aprender a lidar com o universo infantil, que é totalmente diferente do universo do adolescente! Tipo assim, sentar no chão, a criança vir te beijar, e você...

L – É o tio!
A – É, e vem te beijar, e vem trazer o negócio pra você, você não tá acostumado com aquilo!
L – Tem que fazer uma florzinha, tem que conversar sobre o cachorro que teve filhotinho...
A – E eu ficava, gente, como assim? E eu falava um pouco mais alto, hoje eu to falando mais baixo. E a criança começava a chorar! E eu, calma, não começa a chorar!
A – É... Não tem ninguém que venha te falar. Ou um orientador, ou um professor. Fui chamado na Diretoria de Ensino por um pai por que... É eu fiz confusão... De gêmeas. [risos] Tinha duas gêmeas, era uma gêmea aqui outra gêmea aqui. E eu tinha, eu fui chamado, é... Eu chamei a atenção da menina, quando eu saí da sala de aula era outra, aí eu falei, gente, eu... Eu não falei pra você? Mas... Fiz uma confusão de gêmeas. [risos] fiz uma confusão de gêmeas!
L – Eu nunca consigo acertar quem que é quem. É a maior dificuldade!
A – A menina reclamou pro pai, o pai é evangélico, aquela coisa, deus deus deus, aí, não sei o que, não sei o que, não sei o que. [ruídos]
L – E a questão da religião? Né, que as vezes dependendo do conteúdo... Um conteúdo de dança... Ou um conteúdo relacionado às matrizes africanas... Que pode gerar conflito.
A – Olha, eu acho que... A família é muito complicada né. Religião, evangélico, tão tomando conta! Minha escola é especial, tem muitos professores evangélicos, a orientadora é evangélica, a diretora é evangélica. Então acaba tudo voltando para aquela coisa de ler Bíblia, de ler salmo, de ler não sei o que. Então, é uma coisa complicada. É uma coisa complicada. Nós não somos um país laico, é tudo mentira! Tudo mentira. O que tem, que tá na... É tudo mentira. Não acontece nada disso. E, muitas vezes a gente acaba se deparando com coisas que é melhor ficar quieto, porque é uma escola assim, por exemplo. Ou você vai brigar com todo mundo, ou você cai fora. Porque não é escola por si. Eles rezam Pai Nosso tooodo dia. Todo mundo senta no chão... Reza Pai Nosso. E tem uma professora que não pega eles. Aí depois tem, das 7 as 7:10, tem aqueles 10 minutos. O professor que vai falar alguma coisa normalmente em relação à religião, algum salmo, aquela coisa [ruídos]. Acaba tendenciando pra esse lado. Tem aula de religião. Que a mulher entra na sala de aula, aquela coisa. Mas aí eu fiquei pensando, eu fiquei pensando, eu... Eu não vou lutar, eu vou ficar quietinho. Eu pensei muito, em questionar. Em questionar... Eu não vou lutar sozinho. Eu vou lutar, vou perder, e vou esquentar minha cabeça.
L – Complicado. E em relação as suas influências, as pessoas que te influenciaram a ou seguir a faculdade de Artes, ou a sua prática como professor, os lugares... As coisas... Os livros que te influenciam... Quais são as suas influências?
A – Ah, com certeza quem me influenciou na faculdade foi meu professor Paulo Cheida. Ele foi, ele é, ele foi um professor quando a gente não estava conseguindo fazer ele mostrava alguns quadros... Olha, você não precisa desenhar uma mão do jeitinho... Olha como ele desenhou. Então ele foi um estimulador. Paulo Cheida Sans. Um professor da PUC ainda, tá em atuação... Ele foi um grande influenciador, do estimulo né, pra que eu pudesse continuar, por que. A vida tem estímulos, a gente tem que ter estímulos né, como nós temos que estimular as crianças, a gente tem que ser estimulado também, porque senão... Você fica, chega uma hora que a gente tem que ter... Estímulo pra tudo né.
L – Pra além dele, algum outro professor...?

A – Olha, eu... Eu acompanhei a trajetória do Thomaz Perina, desde... Eu não sabia nem quem era [risos] sabe aquela coisa de ir na exposição... E vi aquele trabalho de círculo, aquelas coisas, mas eu não cheguei a ter contato com o Thomaz Perina. Hoje eu tenho um contato com a Angelina, que é diretora do Instituto [Thomaz Perina, espaço espositivo que preserva as obras do artista e expõe obras de outros artistas]... Vou, freqüento e tudo mais, e quando eu fui fazer a exposição com as crianças [exposição de trabalhos de alunos das EMEIs de Campinas cujas professoras participavam de curso formação ministrado por Amilton], porque nós levamos as crianças.
L – Teve uma exposição do trabalho dos pequenos lá, né?

A – É, com o nosso programa.

L – Mas é só da EMEI né?

A – Foram os meus alunos que levaram os trabalhos das crianças.

L – Ah, tá. Os alunos que eram aqui do CEFORTEPE, os professores do CEFORTEPE...

A – Os meus alunos do curso de pintura que levaram no, numa exposição todo mês de outubro leva no mês da criança, leva no Instituto Thomaz Perina, entendeu, ano passado teve e esse ano...
L – É muito legal.
A – Esse ano eu não sei como vai ser. Vamos aguardar.
L – A gente espera pelo melhor. [risos] eu vi isso mas era só alunos da educação infantil, dai eu falei “Pô! Eu queria participar!”
A – Ah, escreve uma proposta né.
L – Porque a Angelina foi toda animada lá.
A – Você chegou a conhecer então?
L – Sim sim, eu levei três turmas lá. Eram turmas de quinto ano. Aí ela olha, não, a gente faz exposição com os alunos, é muito legal! Vamos entrando em contato! No fim passou outubro, eu nem vi passar, foi um trabalho bem legal.
A – Foi.
L – Lá é um espaço legal, o jeito...
A – Agora, eu não conheço, parece que eles cobriram.
L – O fundo? Ah, eu não fui. Eu fui em... Junho.
A – Eu também não fui. Foi coberto o espaço pra oferecer oficinas lá.
L – Ah, que bom, porque ano passado acho que eu subverti toda a ordem do negócio. A gente fez um piquenique lá no quintal
A – [risos]
L – Porque eu achei que era pras crianças levarem lanche, aí eu falei, ah, então. Foi um dia que o tempo tava bom, dai elas sentaram no chão, fizemos piquenique. Foi uma festa.
A – Qual exposição?
L – No grafite lá dos meninos.
A – Ah, do...
L – Do... Como que é o nome?
A – Do Moai
L – Isso, do Moai.
A – Eu que fui atrás do nome dos grafiteiros... O Moai, o Dimi. Ela queria colocar o grafite lá.

L – Foi muito legal, porque quando eu marquei a... A visita eu não tinha muita noção do que ia ter lá, além do trabalho do Thomaz Perina. Aí eu passei um final de semana antes tava tendo a abertura da exposição, ainda. Eu pensei: Eles vão pirar nisso. Aí no dia que eu fui foi um fotografo do [jornal] Destak, fotografou as crianças. Foi... Maravilhoso.
A – Isso já é uma quebra de cultura né? Levar a criança pra ver uma exposição de Grafite! Que normalmente as pessoas acham que galeria, aquele monte de obra, tomando champagne, aquela coisa. De desmistificar essa ideia e levar as pessoas comuns... Qualquer pessoa a ter acesso ao universo da arte.
L – E isso é uma arte que eles compreendem. E ver...
A – É o acesso né? De ver na rua, e levar pra galeria. É uma oportunidade interessante. Eu particularmente nunca tinha visto isso em Campinas. Só vi isso em São Paulo... Em São Paulo o Grafite tem mais acesso.
L – Foi muito legal, quero ver se agora eu levo os dessa escola também. Vamo ver, agora tem os ônibus da prefeitura né.
A – Tem.
L – Parece que vai voltar,no sistema, aquele ônibus que a Prefeitura paga. A gente não sabe qual que é a distância, a quantidade...
L – Mas me fala da influência do Paulo, como professor, e do Thomaz Perina, pelas obras?
A – Ah, pelas obras né. De freqüentar exposição, de ver, de me encantar com aquilo, e de uma hora pra outra me deparar com o cara. Já morto. Vendo aquele monte de obra que a Angelina tem do, do acervo Thomaz Perina, e eu falei assim, mas gente, mas eu conhecia ele, eu ia na exposição.
L – Tão próximo né?
A – Eu, eu... Eu conhecia né, eu ia na exposição. Eu conhecia as obras, porque tava começando a estudar Arte, era aluno, né.
L – Que legal. Algum livro, algum lugar que também te influenciou? Alguma coisa? Em relação aos livros, por exemplo.
A – Olha, eu fui, eu queria, eu queria, eu queria... Os artistas que eu gosto, eu gosto de conhecer nos museus. Aí o ano passado eu fui em Amsterdã pra ver o Van Gogh. Aí, eu falei, gente, mas porque que esse cara, porque quando eu li, quando você lê a biografia de Van Gogh, você leu... O homem era muito louco! [risos] muito louco! Aí eu cheguei em Amsterdã, eu falei assim, gente, Amsterdã é um lugar tedioso [risos].
L – Sério?
A – É um lugar tedioso! É, porque assim, porque a gente aprende né, o tal de Países Baixos. O pais é abaixo do nível do mar, você sabe. Então o mar tá aqui, e Amsterdã tá aqui, a terra tá aqui. Então foi tirado uma parte da terra e alguns lugares de Amsterdã não pode ter prédio, porque a terra ela é fofa.
L – Não pode fazer fundação.
A – Não, é, por causa da fundação. E imagine você, aquela névoa, vem uma névoa do mar, aquele frio, e tava em julho, verão! [risos]
L – Verão!
A – Verão! A moça falou assim, Amsterdã não tem sol. [ruídos] eu fui pra Amsterdã, pra ver o museu de Van Gogh. Jesus amado, que que é isso, por isso que o homem era porra louca, não dá pra viver aqui! Porque depois ele mudou pra França né. E mudou, teve um outro colorido, então é por isso que o homem era louco! Porque eu fiquei uma semana, eu falei assim, gente. Eu abri a janela, fui eu e mais 3 professores. E eu falei gente, pelo amor de Deus! Porque quando eu fiz a viagem eu já vi com a agência, tudo aqueles roteirinhos, de tudo o que eu quero ir. Mas eu abri

a janela, aquela névoa, aquele frio. Eu tive que comprar um monte de blusa. Não pode sair de guarda-chuva, porque tem muito vento, e com aquele vento, pá, voava!
L – Mary Poppins.
A – e a moça da agência, “no no, com umbrella noooo!” E eu ficava, meu Deus! [risos] que lugar é esse!
L – Um lugar que te influenciou negativamente!
A – Eu queria entender o Van Gogh, agora entendi. Como ele era porra louca, como ele podia pintar naquele lugar.
L – E mais algum livro... Que você queira acrescentar como influência?
A – Olha, eu... Eu vou ler. Vou lembrar um de um professor, o Pequeno Manual de História da Arte, do Duílio Battistoni Filho [“Pequena História da Arte”, Editora Papirus, Campinas-SP]. Duílio já faleceu, mas é um livrinho pequenininho, que contava a história da arte, desde a pré-história, sabe aquelas coisa, de História da Arte? E, eu me encantava com as aulas do Duílio, mas ele era um livrinho pequenininho, porque normalmente você vai estudar a história da arte é aquela coisa muito ampla, muita coisa. E o Duílio fez o livro pra ele trabalhar com os alunos, de uma forma simplificada, e que nós pudéssemos ter acesso há um pouco sobre História da Arte. Porque a História da Arte é muito ampla!
L – Ele era seu professor na PUC também?
A – Isso. Foi meu professor na PUC também.
L – Ah, bacana Amilton. Acho que era isso que eu tinha pra perguntar, obrigada.